

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

VANESSA CARNIELO RAMOS

**À margem do texto: estudo dos prefácios e notas de rodapé de *Casa Grande
& Senzala***

**MARIANA – MG
2013**

VANESSA CARNIELO RAMOS

À margem do texto: estudo dos prefácios e notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientador: Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Co-orientador: Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

**MARIANA – MG
2013**



Vanessa Carnielo Ramos

“À margem do texto: estudo dos prefácios e notas de rodapé de Casa-Grande & Senzala”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes
Departamento de História/UFOP

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi
UFRGS

Prof. Dr. Gustavo Henrique Tuna
Global Editora

Prof. Dr. Marcelo Santos de Abreu
UFOP

R175m

Ramos, Vanessa Carnielo.

À margem do texto [manuscrito]: estudo dos prefácios e notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala* / Vanessa Carnielo Ramos. - 2014.

179f. : tabs.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes.

Co-orientador: Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Freyre, Gilberto- 1900-1987 - Teses. 2. Literatura brasileira- Teses. 3. Prefácios - Teses. 4. Diálogos - Teses. I. Fernandes, Luiz Estevam de Oliveira. II. Nicolazzi, Fernando Felizardo. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU: 821.134.3(81)

Catálogo: sisbin@sisbin.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Para que o presente trabalho tomasse a forma na qual hoje é apresentada foi necessário o apoio de diversas pessoas, as quais agradeço pela ajuda seja qual o nível tenha sido a contribuição. Agradecemos ainda àqueles leitores que irão contemplar o presente texto com suas leituras, críticas e debates acerca dos assuntos aqui discorridos, já que este é o maior anseio de quem pesquisa, pois, o trabalho científico se dá por meio de estudos, críticas, contribuições e debates. Afinal, não poderíamos esperar o mínimo de um trabalho que discorreu sobre o constante debate acerca uma obra.

Inicialmente agradeço ao professor que tanto contribuiu para a construção desta pesquisa, Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes que com seu grande conhecimento intelectual me direcionou em toda a caminhada. Agradeço à paciência de sempre, aos conselhos e consideração por ter aceitado o desafio de direcionar tal dissertação. Além disso, agradeço enormemente ao professor Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi que também direcionou-me em toda a trajetória, mesmo que distante se propôs a contribuir na construção deste enredo. Considero-me privilegiada por ter tido a oportunidade de ser orientada por dois grandes intelectuais que sempre me estimularam à continuar essa empreitada.

Agradeço à CAPES que se dispôs a financiar esta pesquisa e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGH/UFOP) pela credibilidade depositada no projeto que se tornou dissertação.

De modo muito especial agradeço a participação em todos os âmbitos do sempre companheiro, meu noivo Robson Rodrigues Gomes Filho que foi além da esfera afetuosa de nossa relação. Obrigada por me "orientar" nos bastidores da construção dessa dissertação, pelo carinho e compreensão em todos os momentos. Agradeço também à toda minha família, pai Júlio Clécio, mãe Wilma, irmãs (Kamilla e Marília), sobrinhas (Ana Clara e Pietra), afilhado Pedro Augusto, avós (Páscoa, Teresa e Elizete) e avô Júlio que, infelizmente nos deixou no meio de todo este processo. Aos companheiros de longas madrugadas de estudos, meus gatinhos, Chartier e Pandora, minhas sempre amigas/ irmãs/ companheiras Luciana, Flaviane, Ágatha, Tatiele e Allyne, além destes, agradeço o companheirismo da querida Gisela Morena de Souza com a qual tive o privilégio de desfrutar as belezas de Mariana.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuiu para a culminância deste projeto.

CARNIELO, Vanessa Ramos. **À margem do texto: estudo dos prefácios e notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala***. 2013 Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

RESUMO

Tendo em vista a importância de Gilberto Freyre para os estudos historiográficos do Brasil, bem como sua obra *Casa-Grande & Senzala*, a presente dissertação pretende analisar de forma minuciosa as margens que compõem tal obra, ou seja, os paratextos que envolveram a construção do livro: prefácios e notas de rodapé. Com o habitual costume de modificar sua escrita, o referido autor abusou dos acréscimos e retiradas de ambos artifícios para consolidar sua obra perante o meio intelectual. Neste sentido, esta pesquisa se propõe a refletir como estas alterações contribuíram de forma pontual na legitimação de *Casa-Grande & Senzala*.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, Modificações

ABSTRACT

In view of the importance of Gilberto Freyre for historiographical studies of Brazil, as well as his work *Casa Grande & Senzala*, this thesis aims to analyze in detail the edges that make up this work, ie the paratexts surrounding the construction of book: prefaces and footnotes. With the usual custom of modifying your writing, to the author of abused additions and withdrawals of both devices to consolidate its work before the intellectual milieu. In this sense, this research aims to reflect how these changes contributed sporadically in legitimizing Casa-Grande & Senzala.

Keywords: Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, Modifications

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	pág. 09
1- O paratexto como fonte para o historiador.....	pág. 13
2- Um breve histórico da recepção de <i>Casa Grande & Senzala</i>	pág. 15
3- Ao pé da página: uma discussão sobre as notas de rodapé.....	pág. 18
4- Na dianteira da história: uma breve discussão sobre os prefácios.....	pág. 21
CAPÍTULO 1: CASA GRANDE & SENZALA E SUA RECEPÇÃO (1933 - 1950).	pág. 26
1- Ambiente intelectual de Gilberto Freyre e seus desdobramentos.....	pág. 28
2- Recepção e debates de Gilberto Freyre entre os intelectuais brasileiros.....	pág. 43
2.1- Anos de efervescência: do prelo à publicação.....	pág. 49
2.2- <i>Casa Grande & Senzala</i> e a linguagem.....	pág. 52
2.3- <i>Casa Grande & Senzala</i> e sua (in)conclusão.....	pág. 58
2.4- <i>Casa Grande & Senzala</i> e a miscigenação.....	pág. 60
CAPÍTULO 2: "OS TEXTOS ANTES DO TEXTO": O USO DOS PREFÁCIOS E A CONSOLIDAÇÃO DE CASA GRANDE & SENZALA.	pág. 67
1- O prefácio original de <i>Casa Grande & Senzala</i>	pág. 67
2- Novos prefácios e consolidação de <i>Casa Grande & Senzala</i>	pág. 75
3- As modificações nas notas de rodapé do prefácio original de <i>Casa Grande & Senzala</i>	pág. 94
CAPÍTULO 3: "OS TEXTOS DENTRO DOS TEXTOS": O USO DAS NOTAS DE RODAPÉ NA SUA CONSOLIDAÇÃO DE CASA GRANDE & SENZALA	pág. 99
1- Tipologia das notas de rodapé: uma tentativa de classificação e análise.....	Pág. 100
1.1- Os diversos perfis das notas de rodapé de <i>Casa Grande & Senzala</i> : "causos", "documentos", "bibliografia", "informações adicionais" e "referências".....	pág. 102
1.2- Diálogos/Debates em pé de página.....	pág. 111

1.2.1- O debate entre Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior.	pág. 113
1.2.2- O debate entre Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda.	pág. 118
1.2.3- O debate entre Gilberto Freyre e Afonso Arinos de Melo Franco.	pág. 126
1.2.4- O debate entre Gilberto Freyre e Otavio Tarquínio de Sousa.	pág. 132
2- Gilberto Freyre e suas modificações: uma tentativa de defesa	pág. 138
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	pág. 144
REFERÊNCIAS:	pág. 147
ANEXOS:	pág. 154

Introdução

Ao nos ser apresentada a possibilidade de participação em um projeto de iniciação científica, ainda na graduação, no ano de 2009, sob o título *Os alicerces da casa grande e da senzala: uma análise historiográfica das notas de rodapé*, percebemos o quanto a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, pode ainda acrescentar aos estudos historiográficos atuais. No decorrer desse projeto constatamos a quantidade de notas de rodapé modificadas, acrescentadas e retiradas por Freyre, assim como a escrita de novos prefácios para as reedições de sua obra. Fatos como esses nos trouxeram até esta pesquisa na qual voltamos mais uma vez à escrita de Freyre para analisar tais modificações e verificar a influência da recepção e legitimação de sua obra enquanto um clássico da historiografia brasileira.

Aspectos "marginais" ao texto principal de um livro, como é o caso de nossos objetos, as notas e os prefácios foram pouco analisados sob uma perspectiva da História Intelectual, principalmente no que tange aos diálogos travados por Freyre e seus críticos nesses dois lugares do livro. Logo, nosso desafio foi grande: ler, compilar, tabelar e interpretar as mudanças e permanências textuais às margens do texto mais conhecido de Freyre ao longo de muitas edições da obra. A partir desses dados, nos foi possível escrever a dissertação que se apresentará nas páginas que se seguem.

Casa Grande & Senzala (1933), *Raízes do Brasil* (1936) e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), respectivamente de Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, são geralmente conhecidos como a “tríade de interpretação da História do Brasil”. Bem como afirmava Antônio Cândido no prefácio da 5ª edição de *Raízes do Brasil*, “são estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930”¹. Salvo a devida importância das três obras, Cândido foi questionado a respeito de outras interpretações do pensamento brasileiro e acusado de canonizar tais obras. Fábio Franzini nos explica que “as apropriações que dele se fizeram em geral supervalorizaram esse mote, redimensionando algo que, em seu contexto original, era secundário e, mais importante,

¹ CANDIDO, Antônio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9.

transformando o que era ‘memória’ em ‘história’². Ou seja, que a intenção do autor do prefácio era apenas falar de obras também importantes, para depois cumprir com a principal função de um prefácio, a de apresentar ao leitor a escrita que está *por vir*.

A principal questão é reconhecer a importância desses clássicos para a produção historiográfica brasileira, porém, não tomá-las como cânones³ ou como únicas interpretações possíveis para a História do Brasil. É válido lembrar ainda de outros autores que são inquestionavelmente essenciais para o mínimo de conhecimento da historiografia brasileira; falamos de Varnhagen, Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia, Paulo Prado, Manuel Bonfim, Oliveira Viana, João Ribeiro, José Honório Rodrigues, dentre tantos outros⁴.

Além disso, devemos questionar a própria noção de clássico cognominada às obras de Freyre, Holanda e Prado Júnior, uma vez que para a consolidação dessa posição é demandado tempo, ou seja, dificilmente uma obra nascerá um clássico, tendo em vista a definição do mesmo por Gadamer:

é clássico o que se mantém em face da crítica histórica, porque seu domínio histórico, o poder vinculante de sua validade, a qual se transmite e se conserva, já está antes de toda reflexão histórica e em meio a esta se mantém [...] o que é clássico é aquilo que se diferenciou destacando-se dos tempos mutáveis e dos gostos efêmeros; é acessível de modo imediato, mas não ao modo desse contato, digamos elétrico, que de vez em quando caracteriza uma produção contemporânea, na qual se experimenta momentaneamente a satisfação de uma intuição de sentido que supera toda expectativa consciente⁵

Ou seja, essas obras não alcançaram de imediato o “título” de clássico, ou nasceram essenciais para a explicação do contexto brasileiro. Apesar de Roquette-Pinto ter escrito ainda em fevereiro de 1934, a respeito do livro recém-publicado, *Casa Grande & Senzala*, que este

² FRANZINI, Fabio. A década de 1930, entre a memória e a história da historiografia brasileira. In: GONÇALVES, Márcio de Almeida; GONTIJO, Rebeca; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; NEVES, Lucia Maria Bastos das. **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011, p. 286-277, p. 263.

³ Para Maria Stella Martins Bresciani, em seu livro *O charme da ciência e a sedução da objetividade*, considerar uma obra um cânone significa traí-la, principalmente no que diz respeito aos “Intérpretes do Brasil”: “Cristalizar a ‘explicação’ de sucessos e fracassos em terras brasileiras formulada em um tempo preciso de lutas políticas implica, a meu ver, trair a própria Intenção dos autores que escreveram seus trabalhos como Instrumentos de luta e base de projetos delineados como anterioridade ao próprio texto escrito” (BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Viana entre Intérpretes do Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2005 p. 16).

⁴ Citamos apenas alguns nomes que consideramos fundamentais para a área do conhecimento da historiografia, no entanto, é escusado dizer que existem tantos outros autores que são peças Indispensáveis quando se trata da História de nosso país.

⁵ GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1998, p. 431- 432.

“nasceu uma obra clássica”⁶ e ressaltando que “ninguém dará mais um passo, em matéria sociológica referente a este país sem consultar o volume, a menos que deseje andar errando”⁷. Freyre pôde contar com vários colegas, como exemplo o autor acima mencionado, para realizar a divulgação de sua obra, ou seja, talvez a denominação de "clássico" feita por Roquete-Pinto tenha sido apenas uma estratégia de divulgação da obra do amigo. Estratégia esta que, de certa forma, instigava a leitura de livro preanunciado como "clássico": ou seja, apesar dos méritos do livro e do editor e distribuidor ruins, uma boa teia ou rede de contatos ajudaram na divulgação e exposição do livro ainda na década de 1930.

Destarte, essas obras e outras que as seguiram – e ainda as seguem – partem de um lugar-comum, de um procedimento semelhante que não causa ruptura entre as análises esboçadas. Como expressa Maria Stella Bresciani,

Todos eles se desdobram ao determinismo mesológico: o espaço incerto ocupado por Portugal, pouco definido entre a Europa e a África, teria moldado o físico e o caráter do colonizador, fazendo que, em terras do novo continente, esse homem passasse a sofrer o peso das condições adversas dos trópicos. O determinismo do meio ambiente aparece com maior ou menor ênfase nas explicações dos fracassos e sucessos do colonizador e forma um lugar-comum no qual os estudiosos se encontram⁸

Isso, contudo, não quer dizer que todos os estudiosos do período da Primeira República, e principalmente os autores acima expressos como “intérpretes do Brasil”, cheguem às mesmas conclusões e defendam o mesmo posicionamento, mas sim que eles partem de um mesmo objetivo, ou de uma mesma ideia, conceito, premissa ou mesma suposição teórica. Posteriormente, quando considerados clássicos e, por vezes, canonizados, tais livros passam a ser a base para muitas outras análises que se apoiam em suas concepções e questionamentos que não são mais contemporâneos desses.

Casa Grande & Senzala é um exemplo típico deste lugar-comum partilhado por outros intérpretes e que ainda está presente em várias discussões acadêmicas. Sua defesa do colonizador português, suas novas fontes utilizadas para a escrita, a teoria da miscigenação, dentre outras concepções trabalhadas na obra, são ainda vistas como ponto de partida para novas análises. Tal fato justifica a possibilidade de ainda hoje, após setenta e nove anos de

⁶ Edgar Roquette-Pinto, “Casa Grande & Senzala” (Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, ano 3, nº5 de fevereiro de 1934). In: FONSECA, Edson Nery (org.), **Casa Grande & Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985. p. 90.

⁷ Idem

⁸ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Viana entre Intérpretes do Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2005 p. 12 e 13.

publicação de *Casa Grande & Senzala*, discutir-se as questões que giram em torno da mesma. Seu autor recebeu diversas críticas a respeito de suas concepções e conclusões – ou falta delas⁹– o que proporcionou a escrita de textos com diálogos entre seus críticos e o próprio autor, que se prontificava a responder algumas delas em novos textos ou nas modificações de sua própria obra.

Nesse sentido, o objetivo maior deste trabalho é analisar as diversas modificações que Gilberto Freyre realizou em sua primeira obra, ingressando na "arena" de debates travados, por Freyre, com diversos autores contemporâneos às próprias reedições de *Casa Grande & Senzala*. Ao longo de cinquenta e quatro anos foram publicadas vinte e cinco edições da obra, nas quais seu autor modificou principalmente as seis primeiras edições e escreveu sete novos prefácios na tentativa de mantê-la sempre atualizada acerca dos assuntos abordados e também defender seus posicionamentos, assim como corrigir erros editoriais e adquirir legitimidade para sua obra.

Analisaremos principalmente as modificações feitas até a sexta edição (1950), utilizando como justificativa para tal as próprias palavras de Freyre neste prefácio. Ele próprio afirmou que “já não tolera este ensaio, tão sobrecarregado de prefácios, novas páginas com essa aparência e propósito”, assim ele apenas acrescentou “uma breve nota que não deixe pagã edição como a 6^a”¹⁰, uma vez que esta era a primeira após ter sido publicado o mesmo ensaio em língua inglesa. Além disso, as edições de 1952 e 1954, respectivamente sétima e oitava edições, não tiveram novos prefácios, sugerindo-nos que não houve mudanças.

No prefácio à nona edição, Freyre não fala de alterações realizadas para tal publicação, somente chama atenção para novos trabalhos que tratam do mesmo assunto: a formação da sociedade brasileira.

Impõe-se também, neste prefácio, uma referência ao fato de que continua a crescer a bibliografia em torno de assuntos de formação brasileira. Dentre os mais notáveis, aparecidos nos últimos anos, os ensaios dos Professores Florestan Fernandes, H. Baldus e Darcy e Berta Ribeiro, sobre temas ameríndios; os dos Professores Florestan Fernandes, Tales de Azevedo e René Ribeiro, sobre temas afro-brasileiros; os dos Professores Fernando Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda, L. da Câmara Cascudo, Charles

⁹ De acordo com Edson Nery da Fonseca, foi João Ribeiro quem primeiro percebeu a falta de conclusão da obra de Freyre “É um livro de nunca acabar, com certos contos folclóricos sem fim”. (FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985 p. 17). Vários outros leitores o criticaram pela falta de uma conclusão, porém, Freyre responde no Prefácio à segunda edição que seu objetivo sempre foi não concluir e deixar para que futuros trabalhos continuassem seu ponta pé. Mais adiante abordaremos melhor este aspecto ao falarmos dos prefácios e suas modificações.

¹⁰ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950, p. 83.

Wagley, Oracy Nogueira, Artur Reis, Eduardo Galvão, Diegues Júnior, Emílio Willems, Gonsalves de Melo, José Honório Rodrigues e do escritor Viana Moog, sobre aspectos sociológicos do desenvolvimento brasileiro [...] ¹¹

As alterações que mais nos chamam a atenção são aquelas realizadas em notas de rodapé, pois são alteradas cento e cinquenta e sete notas de rodapé, acrescentadas trinta e oito e retiradas três ao longo das seis primeiras edições. Assim como as modificações realizadas nos prefácios, já que foram escritos cinco novos prefácios, se levados em consideração as seis primeiras edições. Portanto, serão neles, rodapés e prefácios, que nos focaremos ao longo da dissertação, no entanto, sempre estabelecendo uma relação entre os pés de página, o texto principal e os prefácios, já que “um elemento de paratexto está sempre subordinado a ‘seu’ texto, e essa funcionalidade determina o essencial de sua conduta e de sua existência”¹². Destacaremos, assim, os prefácios que Gilberto Freyre estabelece diálogos com seus pares, objetivando responder às críticas instauradas ao longo das reedições, os acréscimos das bibliografias - realizadas pelo autor para manter sua obra sempre atualizada com as leituras contemporâneas às reedições. Já no que se refere às notas de pé de página, além de investigar e analisar as notas de diálogo - tendo como base a mesma linha de raciocínio adotada para os prefácios - nos debruçaremos sobre as diversas tipologias referentes aos mais variados tipos de nota de rodapé¹³.

1. O paratexto como fonte para o historiador

É interessante destacarmos que estes elementos citados – nota de rodapé e prefácio, os chamados *paratextos*, – constituem parte de grande importância para a constituição de um livro, uma vez que um texto dificilmente se mostra sem o acompanhamento de título, nome do autor, ilustrações, prefácio e, em alguns casos, com notas de rodapé¹⁴. O paratexto é, então, “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”¹⁵, ou seja, são os elementos que se encontram em torno do

¹¹ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. DF: Universidade de Brasília, 1963, p.64.

¹² GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Ateliê editorial, 2009. P. 17

¹³ Abordaremos com maior profundidade tais tipologias no terceiro capítulo desta dissertação, porém, a saber, são eles: causos, documentos, bibliografias, diálogos/debates, Informações e referências.

¹⁴ As notas são também utilizadas em obras literárias, mesmo que empregadas com menor frequência que na história. Para Gérard Genette seu uso vem desde o século XVIII com as abundantes notas dos *Théorèmes* de La Ceppède, e no século XIX com vários romances como o *Notre-Dame de Paris*, o que torna as notas parte dos paratextos editoriais, uma vez que possuem características discursivas, bem como pelo fato de a maioria das notas serem marcadas por comprovações históricas, ou reflexões filosóficas.

¹⁵ Idem. P. 9.

texto e que podem influenciar, de forma direta ou indireta, a interpretação do leitor. No entanto, vale ressaltar que nem sempre uma obra vem acompanhada de mensagens paratextuais. Esses artifícios não possuem uma regularidade constante e sistemática nem para o autor, nem para o leitor, pois, este pode recusar-se a ler um prefácio, ou, como bem ressalta Genette, podem existir notas de rodapé de interesse apenas para certos leitores.

Os paratextos são formados por *peritextos* e *epitextos*. Os peritextos são os elementos ligados materialmente ao texto – prefácio, introdução, capa, título, nome do autor, nota de rodapé, posfácio, dedicatória e epígrafes. Já os *epitextos* são os elementos que não estão necessariamente ligados materialmente ao texto – cartas, diários, documentos, críticas, resenhas, dentre outros.

Segundo Gérard Genette¹⁶, todos os elementos paratextuais contribuem para uma leitura mais pertinente do livro, por vezes, até mesmo o formato da letra utilizada pode atribuir significados diferenciados às obras. Assim, o paratexto é “lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente”¹⁷

Alguns elementos que constituem o livro de qualquer autor sofrem influência direta do editor, são geralmente aqueles que compõem o peritexto. Por isso, a relação autor/editor deve ser levada em consideração ao se analisar o livro, uma vez que, “se o autor é o garante do texto (auctor), este garante tem também um garante, o editor, que ‘o introduz’ e nomeia”¹⁸ e, devido a isso, o editor está ligado diretamente ao sucesso do texto, como bem explicita Fábio Franzini:

ao fazê-lo por meio do exemplo de edições e reedições, indicam também a centralidade do suporte editorial nesse processo; afinal, como lembra outro historiador, o norte-americano Robert Darnton, autores escrevem textos, não livros, e esta diferença não é um detalhe de somenos importância¹⁹

Essa relação, autor/editor, foi essencial para o sucesso de *Casa Grande & Senzala*, principalmente a partir da quarta edição, que passou a ser publicada pela Livraria José Olympio Editora, em 1943, após três edições publicadas pela Editora Maia & Schmitd. Freyre se demonstrou bastante descontente com a editora de suas três primeiras edições, a quem

¹⁶ GENETTE, Gérard. Op. cit.

¹⁷ Idem, p. 10.

¹⁸ Idem, p. 47.

¹⁹ FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo: USP, Departamento de História, Programa de pós-graduação em História Social, 2006. P. 12

havia dado todos os direitos autorais da obra – fato que gerou uma batalha de anos para a concessão novamente dos direitos para o autor. Em nota de rodapé, acrescentada na quarta edição, do capítulo três – *O colonizador português: antecedentes e predisposições* – o autor afirmou não ter tido participação na publicação da terceira edição e, por isso, não havia atualizado a bibliografia criticada pelo professor Arthur Ramos: “não poderia ter sido por nós citado em 1933; nem em 1936 e 1938, em edições publicadas à revelia do Autor, embora para a de 1936 tivéssemos escrito algumas notas, confiando em um editor que não merecia nossa confiança”²⁰.

Mesmo antes de reforçar o fato de a terceira edição ter sido publicada à revelia do autor em nota de rodapé, no mesmo ano de publicação desta, 1938, Freyre escreveu um artigo intitulado *A propósito de um livro na 3ª edição* publicado na “Revista do Brasil”. Posteriormente ele foi reproduzido na quarta edição, com o título de *Quase um prefácio à terceira edição*, com ligeiras modificações. Neste, o autor afirma conhecer a edição por meio de Gastão Cruels, mas, não se aprofunda no assunto, “Trata-se de uma edição à revelia do autor. Mas não quero nem devo tocar aqui nesse aspecto do assunto, de interesse quase exclusivamente pessoal”²¹ e aproveita para tentar esclarecer várias críticas expostas por alguns de seus leitores. Segundo ele,

Nem sempre os pontos-de-vista do Autor – é por “Autor” que passarei a tratar-me nestas notas – têm sido apresentados fielmente ou interpretados com inteira compreensão do que seja a atitude científica e tanto quanto possível objetiva do estudioso moderno de Sociologia genética ou de História, de Antropologia e de Psicologia sociais, em face de problemas que numerosas sugestões de ordem moral e sentimental, religiosa e política tornam extremamente delicados²²

2. Um breve histórico da recepção de *Casa Grande & Senzala*

Desde a primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, o livro é alvo de várias críticas e elogios que, segundo Albuquerque²³, se referem à sua epistemologia e até mesmo sua ideologia. Freyre, basicamente, escreveu tentando demonstrar que a formação da sociedade

²⁰ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2009, p. 237 nota nº 23.

²¹ FREYRE, Gilberto. Quase um prefácio à terceira edição. In: **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, 57. Primeiramente publicado em Revista do Brasil. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 33-40, jul. 1938.

²² Idem, p. 57

²³ ALBURQUEQUE, Roberto Cavalcanti de. **Gilberto Freyre e a Invenção do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000

brasileira se deu tendo como bases a miscigenação e o sucesso da colonização portuguesa nos trópicos, gerando uma sociedade agrária, híbrida e escravista. Nas palavras de Albuquerque,

Casa Grande & Senzala é amplo e complexo painel, pouco atento a cronologias (na verdade ao mesmo tempo sincrônico e diacrônico), da formação de uma sociedade patriarcal, ou seja, assentada na família tutelar: agrária na estrutura de produção, escravocrata no modo de exploração do trabalho, e híbrida – do português com o índio e, mais tarde, com o negro – em sua composição social.²⁴

Para Nilo Odalia,

O objetivo de Gilberto Freyre é de demonstrar como se constituiu, no Brasil, em função das características do país e da colonização portuguesa uma sociedade tropical, híbrida e antagônica, porém harmônica e um homem brasileiro fruto da miscigenação das três etnias, branco, preto e indígena.²⁵

Não obstante, Freyre abordou esses temas de forma diferenciada dos demais autores da época, uma vez que analisou a formação da sociedade brasileira de maneira etno-cultural e não política, como Varnhagen ou Oliveira Viana, por exemplo. Para Odalia, a originalidade de Gilberto Freyre estava justamente na maneira pela qual foi fundamentada a tese da formação da sociedade e do homem brasileiro, pois, ele utilizou os traços etno-culturais considerando uma sociedade tropical, híbrida e antagônica; o homem brasileiro e os valores étnicos e culturais de uma nova sociedade.

Freyre abordou temas inusitados, até então não abordados pela historiografia brasileira, uma vez que analisa a formação da sociedade a partir do cotidiano, levando em consideração os pequenos detalhes do dia-a-dia: o utensílio domiciliar, a alimentação, o gesto familiar, a religião, o apetite sexual, os objetivos pessoais, os instrumentos de trabalho, enfim, pequenos detalhes que revelam a intimidade e a estrutura psicológica das etnias. Segundo Franzini

Tudo no livro trazia este traço: os novos sujeitos históricos apresentados – o senhor, o escravo e o mundo à sua volta; a nova abordagem empreendida, centrada no âmbito privado das relações entre tais sujeitos, com a família como peça-chave; a nova explicação oferecida, diferenciando “raça” de “cultura” e daí enfatizando a positividade da miscigenação; as novas fontes empregadas, como livros do Santo Ofício, cartas dos jesuítas e outros documentos produzidos na esfera eclesiástica, inventários e testamentos, livros de viagem, livros e cadernos de modinhas, receitas e etiquetas, jornais,

²⁴ ALBURQUEQUE, Roberto Cavalcanti de. Op. cit., 2000. P. 46

²⁵ ODALIA, Nilo. **Gilberto Freyre – uma Interpretação etno-cultural do Brasil**. São Paulo: Espesiente, 2001. P. 14.

romances, memórias e biografias, depoimentos e até a iconografia; e claro, a nova linguagem que expressava tudo isso, solta, fluente e vívida.²⁶

De acordo com a opinião dos autores de *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*, a proposta de Freyre era alta, dissonante e atrevida, uma vez que pretendia,

tocar no íntimo de cada um, que reconheceria no seu texto um pouco de sua própria vida, ao entrar por dentro da intimidade das casas, ao vasculhar nos baús dos segredos das famílias, ao entrar por dentro das cozinhas, dos porões, dos quintais e dos jardins, ao sair à rua, para as brincadeiras, para os passeios e as festas, ao participar de batismos, namoros, noivados, casamentos e enterros, a escrita de Freyre justificava a sua inserção na memória social. As lembranças do autor se confundiriam com as do leitor, ganhando a sua verdade simbólica de reconhecimento²⁷

Outra discussão existente refere-se à questão da unicidade da obra de Freyre, uma vez que apesar da vastidão de sua bibliografia, o livro mais conhecido e debatido é *Casa Grande & Senzala*. A impressão que se tem é que esse livro serviu de modelo para suas demais obras; ou seja, Freyre apresenta sua tese central da análise da sociedade brasileira nesse primeiro livro, e as demais obras servem como forma de corroborar e comprovar as teses já expostas, como afirma Odalia²⁸. Assim como demonstra Ricardo Benzaquen de Araújo, sobre a intenção de Gilberto Freyre

sempre procurou apresentar *CGS* como uma espécie de ponto de partida do seu pensamento, insistindo inclusive em afirmar que ele não seria apenas o seu primeiro livro, mas a sua principal fonte inspiradora, fonte cuja influência se faria sentir ao longo de toda a sua obra.²⁹

Vários críticos chamavam atenção para a falta de conclusão da obra freyreana. No entanto, o próprio já alertava sobre esse fator logo no prefácio à 1ª edição: “O propósito de condensar em um só volume todo o trabalho, não o consegui infelizmente realizar”, devido ao excesso de material Freyre preferiu deixar para continuar posteriormente seu trabalho, “fica para um segundo o estudo de outros aspectos do assunto – que aliás admite desenvolvimento ainda maior”³⁰. Porém, ainda em 1934 no prefácio à segunda edição de *Casa Grande & Senzala*, seu autor continuava a responder à mesma crítica:

Quanto à impressão de incompleto, de inacabado, até mesmo imaturo, que dá este ensaio, é que talvez ele seja – um tanto por sua natureza

²⁶ FRANZINI, Fábio. Op. cit., p. 98-99.

²⁷ DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. *Reinventar o Brasil – Gilberto Freyre entre história e ficção*. São Paulo: Edusp, 2007. P. 16.

²⁸ ODALIA, Nilo. Op. cit.

²⁹ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994. P.107.

³⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Maia & Schmidt, 1933. P. XXXIX

e muito por deficiência do Autor – daqueles de que fala o escritor francês: "C'est au temps, aux hasards, aux lecteurs de le finir"³¹

Casa Grande & Senzala foi alvo de outras várias críticas que serão abordadas e discutidas ao longo da dissertação, bem como a forma com que Freyre se dispôs a responder em prefácios e notas de rodapé. Devido a isso, faz-se necessário maior aprofundamento sobre esses dois tipos específicos de paratextos que tanto influenciam a interpretação de seu leitor, e, ainda levando em consideração a semelhança de suas funcionalidades, pois, ambos são campos utilizados pelo autor em questão para dialogar com seus pares e responder-lhes as críticas.

3. Ao pé da página: uma discussão sobre as notas de rodapé

As notas de rodapé são usadas desde a Idade Média, porém com a nomenclatura de “glosa”, mas com a mesma função: esclarecer. Foi somente por volta do ano de 1636 que, consoante com Gérard Genette, a palavra *nota* aparece para dar corpo ao que hoje conhecemos por *notas de rodapé* ou *nota de pé de página*. Assim sendo, as notas eram localizadas em torno deste texto centralizado e escritas em letras menores, apenas no século XVI que tais notas foram canalizadas e encurtadas para apenas um determinado local do texto³².

Desde então, a prática da escrita de explicações e complementos – seja ela ao final da página, final de seção, final do livro ou em torno do texto – vem sendo utilizada nas obras históricas: elas fazem parte “do custo exigido pelos benefícios da ciência moderna e da tecnologia”³³. As notas de rodapé são partes do texto praticamente desprezadas pelos leitores, mas que, dependendo do autor, escondem verdadeiras preciosidades em meio a letras miúdas no fim de página ou de capítulo.

³¹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. DF: Universidade de Brasília, 1963, p. 32.

³² É somente no século XVIII que, na França, as notas são deslocadas para o pé da página, porém, ainda é comum ver notas que não se localizam somente no final da página, nos rodapés, frequentemente estão localizadas nos finais de seção, final do livro ou mesmo em volta do texto.

³³ GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição* – pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Ed. Papiros, Campinas, 1998. P. 16. Para ele a nota de rodapé está ligada à ideologia e às práticas de uma profissão, ou seja, a nota faz parte das técnicas que devem ser usadas pelo historiador com o objetivo de alcançar a aprovação de seus leitores, mas que faz parte de um longo esforço para atribuir um aspecto crítico à escrita da história. “A nota de rodapé histórica surge não como uma simples marca garantindo qualidade nem como uma peça uniforme de tecnologia acadêmica, mas sim como o produto de longas lutas coletivas e esforços Individuais para conceber uma forma visivelmente crítica da escrita histórica.” GRAFTON, Anthony. *The footnote from de Thou to Ranke. History and Theory*, Vol. 33, No. 4, Theme Issue 33: Proof and Persuasion In History (Dec., 1994), p. 53.

Segundo Anthony Grafton, as notas de rodapé realizam basicamente duas tarefas: “devem examinar todas as fontes relevantes para a solução de um problema e construir uma nova narrativa a partir delas”³⁴. Assim, para ele, as notas de rodapé provam que tais tarefas têm sido cumpridas.³⁵

As notas se demonstram em um segundo plano dos textos, porém, sempre mantendo uma relação muito estreita com o texto principal. Nelas encontramos digressões sobre temas considerados pelo autor por demais periféricos para estar no texto principal, uma melhor explicação de certos conceitos utilizados ao longo do texto, citação das fontes da pesquisa utilizadas no texto e sua localização, alusão a outros autores com o fito de buscar apoio para argumentação, ou ressaltar a discordância. Para Genette,

em notas encontram-se definições ou explicações de termos usados no texto, às vezes a indicação de um sentido específico ou figurado [...] traduções de citações produzidas no texto em língua original, ou o inverso. Referências de citações, indicações de fontes, exibição de autoridades de apoio, de informações ou de documentos confirmativos e complementares [...] Menções de incertezas ou de complexidades negligenciadas no texto, como escrúpulos que possivelmente não iriam interessar ao leitor comum, mas que o autor insiste em assinalar em nota para o uso de eruditos mais exigentes [...] argumentos complementares ou prevenções de objeções [...] digressões oportunas e, às vezes, fora de propósito³⁶

As notas de rodapé são utilizadas pelos autores para estender o assunto iniciado no texto, mas que, de alguma forma, se distancia do assunto principal do esboçado naquele. É nesse sentido que afirmamos que o espaço da nota pode ser usado para colocar assuntos que os autores considerarem periféricos para estarem no texto principal. No caso de *Casa Grande & Senzala* seu autor expõe, em várias notas, histórias do cotidiano que se afastam de alguma forma do texto principal, mas, em momento algum perde em importância.

Dessa forma, as notas são necessárias para uma obra histórica, pois, assim como Grafton defende, elas fazem parte da técnica do labor historiográfico e “fornecem suporte empírico para as histórias contadas e os argumentos apresentados”.³⁷ Para Chuck Zerby, as

³⁴ GRAFTON, Anthony. Op. cit., P. 16.

³⁵ De acordo com Grafton as notas de rodapé não podem acumular várias tarefas, uma vez que nenhuma acumulação destas prova a veracidade dos fatos, ou seja, para ele é impossível que uma obra histórica e suas notas reproduzam ou cite toda a série de provas em que estão apoiadas suas teses. Assim as notas exercem, segundo ele, basicamente duas funções: “Em primeiro lugar, elas convencem: convencem o leitor de que o historiador realizou uma quantidade aceitável de trabalho, o suficiente para mentir dentro dos limites toleráveis do campo. [...] Em segundo lugar, Indicam as principais fontes que o historiador realmente usou.” Idem p. 30.

³⁶ GENETTE, Gérard. Op. cit., p. 286- 287.

³⁷ GRAFTON, Anthony, op. cit., 1998 p. 7.

notas são “uma das invenções mais adiantadas e mais engenhosas da humanidade”³⁸, e servem também como uma ferramenta de indicação de endereços para os leigos no assunto que está sendo enunciado, ou seja, as notas são importantes tanto para o leigo no tema do livro quanto para o erudito no assunto, uma vez que nelas podem conter informações e discussões acerca do objeto de estudo.

No entanto, mesmo com sua importância reconhecida, a nota ainda é desprezada por grande parte dos leitores, justamente por serem postas em letras menores ou mesmo por atravancar a leitura³⁹. Consoante com Bruce Anderson “eles podem obscurecer o texto principal, atravancar a estética e, talvez piedosamente, colocar o leitor a dormir”.⁴⁰ Para Chuck Zerby a nota de rodapé tem por principal trabalho a interrupção da leitura para trazer-nos informações importantes, “tais informações nos mantêm lendo, mas o principal trabalho da nota de rodapé é interromper. Simplesmente interromper. [...] o leitor é intensamente grato por esta interrupção”⁴¹.

Já Grafton relaciona metaforicamente as notas modernas com a essencialidade de um banheiro na “vida histórica civilizada”, uma vez que elas são consideradas, por alguns leitores, um artefato banal e somente chamam a atenção quando não funcionam da maneira correta, mas que se demonstram fundamentais:

Como o banheiro, a nota de rodapé moderna é essencial à vida histórica civilizada; como o banheiro, ela parece ser um assunto entediante para a conversação polida e chama a atenção, na maioria das vezes, quando funciona mal. Como o banheiro, a nota de rodapé permite lidar privadamente com tarefas feias; como o banheiro, as notas de rodapé descem suavemente pela tubulação – muitas vezes, recentemente, nem mesmo no pé da página,

³⁸ ZERBY, Chuck. **The Devil’s Details: A history of footnote**. Invisible Cities Press, 2001, p. 1.

³⁹ Essa preocupação com a dificuldade de interromper uma leitura contínua para a da nota de rodapé que estão em tamanho pequeno ou mesmo no final do livro ou do capítulo é demonstrada por vários autores, dos quais podemos citar dois exemplos: o de Carlo Ginzburg no Prefácio à edição Inglesa de *O queijo e os vermes* em que escreve: “*O Queijo e os Vermes* pretende ser uma história, bem como um escritório histórico. Dirige-se, portanto, ao leitor comum, bem como ao especialista. Provavelmente apenas o último lerá as notas, que coloquei de propósito no fim do livro, sem referências numéricas, para não atravancar a narrativa” (GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 10); e o de Skinner em seu livro *As fundações do pensamento político moderno*, que se preocupa com o leitor encontrar as fontes utilizadas com facilidade: “Tentei reduzir ao máximo as notas de rodapé. Mas, obviamente, queria que o leitor pudesse identificar com facilidade as fontes de todas as citações, bem como toda a Informação utilizada.” (SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996p. 19.)

⁴⁰ ANDERSON, Bruce. **The Decline and fall of footnotes**. *Magazine Stanford*, 1997. Disponível no sítio eletrônico: <http://www.stanfordalumni.org/news/magazine/1997/janfeb/articles/footnotes.html#back5>. Acessado no dia 13/07/2011.

⁴¹ ZERBY, Chuck., op. cit., 2001, p. 3-4.

mas no fim do livro. Fora da vista, e até mesmo fora das reflexões, parecem ser exatamente o lugar a que um dispositivo tão banal deve pertencer⁴²

Em face disso, as notas de pé de página também se apresentam de variadas formas, podendo ser notas originais, posteriores, tardias ou mesmo serem retiradas da obra. No caso de *Casa Grande & Senzala* existem todas essas variações, pois, Freyre escreve desde a primeira edição uma quantidade considerável de notas⁴³, acrescenta várias delas a partir da segunda edição – são as notas posteriores e tardias que geralmente tem o fito de “resposta aos críticos e, eventualmente, correção para as posteriores; auto-crítica a longo prazo e colocação em perspectiva autobiográfica para as tardias”⁴⁴ – e ainda retira algumas.

Desse ponto de vista, são justamente as notas posteriores e tardias que mais nos interessam, uma vez que são as notas desse tipo em que estão localizados os diálogos travados por Freyre com seus críticos e, também, os complementos que contêm indicações de novas leituras. Além dessas variações de notas, outro paratexto que nos interessa refere-se aos prefácios, pois neles Freyre também estabelece diálogo direto com seus críticos e trava uma batalha de autodefesa.

4. Na dianteira da história: uma breve discussão sobre os prefácios

Os prefácios são textos limiares e construídos a partir da escrita do autor, “consiste num discurso a propósito do texto que segue ou que antecede”⁴⁵ o próprio texto. Ao contrário de paratextos, como o título ou o nome do autor⁴⁶, o prefácio não é obrigatório e, de acordo com Genette, procedimentos prefaciais existem desde o século XVI. Existem variações de tipos de prefácios, podem ser eles originais (autoral), posteriores ou tardios e são direcionados certamente para seu leitor:

O destinatário do prefácio é o leitor do texto. Leitor, e não simples membro do público como (com algumas nuances já assinaladas) o do título ou do *release*. E isso, não somente de *facto*, porque o leitor do prefácio já é necessariamente dono do livro (lê-se menos facilmente um prefácio do que

⁴² GRAFTON, Anthony. Op. cit., 1998, p. 17.

⁴³ São as notas originais que “é a nota por excelência, o tipo básico do qual derivam em maior ou menor grau todos os outros” Idem, p. 286

⁴⁴ Idem, p. 289

⁴⁵ GENETTE, Gérard. op. cit., 2009, p. 145.

⁴⁶ É bom lembrar que o título e o nome do autor poderiam não constar nas obras mais antigas, pois era comum, principalmente na Idade Média a falta de um título ou do nome do autor, até mesmo a Invenção de outro nome para a autoria da obra. Hoje, esses tipos de paratextos são Indispensáveis.

um *release* numa estante de livraria) [...]. Mas também, e sobretudo, *de jure*, porque o prefácio, em sua própria mensagem, postula de seu leitor uma leitura iminente, ou mesmo (posfácio) anterior à do texto, sem a qual seus comentários preparatórios ou retrospectivos seriam em grande parte desprovidos de sentido e naturalmente de utilidade⁴⁷

As funções principais do prefácio são preparar o leitor para a escrita que está *por vir*, “retê-lo por um processo tipicamente retórico de persuasão”⁴⁸, além de esclarecer futuros equívocos de interpretação e garantir uma boa leitura do texto. Cada função dessa varia com o tipo de prefácio utilizado pelo autor. Segundo Jacques Leenhardt, as tarefas de um prefácio variam em “afirmar a novidade do projeto, inserir a obra na discussão intelectual [...] e legitimá-la através de citações [...], ou ainda descrever os momentos essenciais da argumentação exposta no texto, bem como explicar a documentação utilizada”⁴⁹.

Os prefácios não são obrigatoriamente de responsabilidade do autor ou do editor⁵⁰, podem ser legados a uma terceira pessoa. No entanto, o prefácio será sempre um peritexto, seja ele preliminar ou pós-liminar, mas que se diferencia em alto grau da introdução:

A introdução (Einleitung) tem uma ligação mais sistemática, menos histórica, menos circunstancial com a lógica do livro. É *única*, trata de problemas arquitetônicos, gerais e essenciais, apresenta o conceito geral na sua diversidade e sua autodiferenciação. Os prefácios, ao contrário, multiplicam-se de edição para edição e levam em conta uma historicidade mais empírica; respondem a uma necessidade de circunstância⁵¹

Genette aponta também alguns inconvenientes dos vários tipos de prefácios, e o maior deles, em seu ponto de vista, é o fato de constituir uma comunicação desigual com o leitor do livro, pois o autor – seja este o mesmo do livro ou um terceiro – propõe ali um comentário antecipado de um texto que o leitor ainda não conhece. No entanto, vale lembrar a assertiva de Genette ao afirmar que “todos os prefácios não ‘fazem’ a mesma coisa”⁵² e que o prefácio original é o mais importante de todas as variações que possam existir de prefácios. É ele quem anuncia a leitura e encaminha o leitor a uma “boa interpretação”, ou seja, é nesse espaço que o autor pode fornecer informações que o mesmo julgue necessárias para a forma que ele quer

⁴⁷ Idem, p. 172-173. Grifos no original.

⁴⁸ Idem, p. 176.

⁴⁹ LEENHARDT, Jacques. Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre. In: DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. **Reinventar o Brasil – Gilberto Freyre entre história e ficção**. São Paulo: Edusp, 2007. Pp. 145-155, p. 145.

⁵⁰ Não obstante, é relevante dizer que os prefácios não são nem mesmo obrigatórios.

⁵¹ (DERRIDA, Jacques. **La Dissémination**, Éd. du Seuil, 1972, p. 23. Cf. J-M Schaeffer, "Note sur la préface philosophique", *Poétique* 69, fev. de 1987) *apud* GENETTE, Gérard. Op. cit, p. 145.

⁵² Idem p. 175.

ser lido. Um bom exemplo é o prefácio de Victor Hugo em *Contemplations* (1856), ao declarar que "seu livro deve ser lido como se leria o livro de um morto"⁵³.

Além dessa função básica do prefácio original, a de orientar o leitor da obra, o autor pode utilizar esse espaço para descrever a fonte de toda a problemática que se envolverá a escrita que está *por vir*, bem como foi o caminho percorrido até a escrita da obra⁵⁴. Gilberto Freyre realiza toda essa função em seu prefácio original de *Casa Grande & Senzala* ao percorrer todo o caminho feito por ele para que acontecesse a escrita de sua obra. Ele conta aos seus leitores sua trajetória a partir do exílio e de todas as suas viagens que influenciaram de alguma forma sua escrita, inclusive o momento em que ele foi apresentado a um autor de grande influência para sua análise, o professor Franz Boas.

O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas.⁵⁵

Freyre discorreu em um longo prefácio seus interesses que o levaram à obra *Casa Grande & Senzala* tentando, desde então, defender suas hipóteses acerca da família patriarcal. Entretanto, reconhecendo a função de um prefácio, no caso, o original, Gilberto Freyre escreveu, a poucas páginas de encerrá-lo, seu objetivo com tal prefácio e também o que seria seu ensaio:

Não devo estender este prefácio, que tanto se vai afastando do seu propósito de simplesmente dar uma idéia geral do plano e do método do ensaio que se segue, das condições em que foi escrito. Ensaio de sociologia genética e de história social, pretendendo fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira⁵⁶

Nesse sentido, o que nos chama atenção nos prefácios de *Casa Grande & Senzala* é a forma como Freyre os utiliza para responder aos críticos⁵⁷, uma vez que ele também faz uso da nota de rodapé com o mesmo objetivo. Ele utiliza os dois paratextos para legitimar sua obra e validar suas ideias perante seus leitores, havendo uma “multiplicação dos prefácios,

⁵³ (GENETTE, Gérard. *apud* HUGO, Victor. **Les Contemplations**, 1856) Op. cit., p. 187.

⁵⁴ "O prefácio original pode informar o leitor a origem da obra, sobre as circunstâncias de sua redação, sobre as etapas de sua gênese" (GENETTE, Gérard. Op. cit., p. 187)

⁵⁵ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2009: 31

⁵⁶ Idem: 50.

⁵⁷ Valido lembrar aqui o que afirmamos acima, as funções dos prefácios variam conforme o tipo de prefácio, ou seja, o prefácio original tem o objetivo de preparar o leitor para uma boa leitura e interpretação, já o prefácio posterior e tardio – caso de *Casa Grande & Senzala* – a principal função parece ser responder aos críticos e convencer seus leitores de que sua tese é eficaz.

pois, comparece como uma tentativa do pesquisador Gilberto Freyre para convencer os leitores”⁵⁸.

Fato interessante ainda é perceber que Freyre não muda a ideia original de seus escritos⁵⁹, mesmo com todas as críticas recebidas e modificações realizadas na obra, na maioria dos prefácios ele deixa claro que as alterações não alcançam fato ou ideia essencial. No prefácio à quarta edição (1943), ele se demonstra surpreso por não discordar de quase nada que foi escrito em 1933: “Relendo agora, à distância já de um decênio, um trabalho cujas raízes estão nos seus estudos universitários e nas suas preocupações de adolescente, o Autor se surpreende de se encontrar tão de acordo com quase tudo o que escreveu em 1933”⁶⁰.

Mesmo com tantas modificações o conteúdo geral da obra permanece o mesmo⁶¹, apesar de essas nuances terem feito com que ele aprofundasse em certos assuntos, ou até reformulasse concepções iniciais, como defende Carmen da Matta a respeito da trajetória que pode ser seguida a partir da comparação da edição de 1987 – última edição em que Freyre ainda vivia – com a primeira edição:

a do autor, que, no decurso das reedições e ciente dos comentários críticos dos leitores, pode reformular algumas ideias iniciais, precisar conceitos, suprimir o que não julgar conveniente; e a do texto em si, que vai sendo atualizado linguisticamente e adequado a recepções contemporâneas. Como consequência, surge uma terceira via: os respectivos nexos entre as duas primeiras⁶².

Nesse sentido, são nessas modificações que Freyre trava um diálogo com seus pares, responde a seus críticos e defende suas concepções que esse trabalho está focado. Levando em consideração a afirmação de Matta de que esses movimentos vão além de apenas legitimar a obra, “mas essencialmente de intercâmbio de representações discursivas”⁶³, temos como objetivo principal entender essas mudanças e analisar a recepção dessas críticas por parte de Freyre, bem como perceber o impacto de todo esse processo na própria obra.

⁵⁸ Idem, p. 145.

⁵⁹ As modificações realizadas, tanto em notas de rodapés quanto os novos prefácios, foram com o fito de defender suas teses já esboçadas no corpo principal. É neste sentido que afirmamos que Freyre não altera sua ideia original esboçada ao longo da obra.

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, p. 67.

⁶¹ Reforçamos aqui nossa explicação acerca das modificações ocorridas ao longo do texto principal. Essas mudanças são mínimas, geralmente para a substituição de alguma palavra, retirada de outra, ou mesmo apenas a adequação à regra ortográfica regente na época da reedição.

⁶² MATTA, Carmen da. Nota filológica sobre o estabelecimento de texto. In: FONSECA, Edson Nery da; GIUCCI, Guillermo & LARRETA, Enrique Rodríguez (org.). **Casa Grande & Senzala: Edição Crítica**. Coleção Archivos, 2002, pp. XXIX – XXXIV, p. XXIX.

⁶³ Idem, p. XXXIV.

Para tanto, dividiremos nosso trabalho em três capítulos, o primeiro intitulará *Casa Grande & Senzala e sua recepção*, no qual abordaremos a recepção tida pelos intelectuais da época de lançamento de sua obra, até o ano de 1950 - publicação da 6ª edição da obra. Dessa forma, nosso principal objetivo nesse primeiro momento é compreender a obra como um todo, suas críticas e possíveis respostas de Gilberto Freyre às mesmas, bem como analisar de que maneira as respostas e justificativas do autor acerca de sua obra, no contexto e debate historiográfico do Brasil entre 1933 e 1950, denotam uma tentativa de consolidação e validação de sua obra face aos seus interlocutores da época.

Em um segundo momento, voltar-nos-emos para os debates travados por Freyre nos seis primeiros prefácios escritos para as reedições de *Casa Grande & Senzala*, tendo como título "*Os textos antes do texto*": o uso dos prefácios e a consolidação de *Casa Grande & Senzala*. Neste, pretendemos analisar cuidadosamente os seis primeiros prefácios, os quais Freyre se preocupou em responder as críticas que ainda na 6ª edição continuava a surgir no campo acadêmico. Nosso principal objetivo nesse capítulo é perceber de que maneira a escrita de novos prefácios refletia o debate e contexto intelectual vivido por Freyre, bem como de que maneira o autor utilizou-se desse espaço e de tais debates para consolidar e validar sua obra.

Por fim, em um terceiro capítulo focaremos nas notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala*, a quantidade notável de pés de página escritos pelo autor, com variados objetivos - ora de defender sua obra, ora em acrescentar bibliografias atuais, ou mesmo para contar histórias. Tal capítulo se denominará "*Os textos dentro do texto*": o uso das notas de rodapé na consolidação de *Casa Grande & Senzala*. Almejamos, nesta parte da dissertação, realizar uma análise minuciosa dos pés de páginas, de forma a identificar os diversos tipos de nota de rodapés escritas pelo autor, bem como analisar os diálogos travados por Freyre e outros intelectuais nesse espaço, visando perceber a importância das notas para a consolidação e validação da obra.

CAPÍTULO 1

CASA GRANDE & SENZALA E SUA RECEPÇÃO (1933-1950)

Foi com uma grande festa, em 1933, no sítio Carrapicho, localizado na Estrada do Encanamento, de propriedade de Ulysses Freyre, irmão de Gilberto Freyre, que foi comemorado o encerramento da escrita de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. No mesmo local onde a composição inicial do livro foi terminada, ainda no mesmo ano, comemorou-se com dança, em meio a amigos do autor, o envio dos originais do livro à editora Schmidt. Gilberto Freyre pôde, após longo período de esforço intelectual, dançar, beber e se divertir, como expressou em suas próprias palavras: "O autor dançou, cantou, bebeu vinho na mesa da sala onde durante meses, passando às vezes fome, escrevera o livro intitulado *Casa Grande & Senzala*. Estava mais do que eufórico"⁶⁴.

Alguns dos amigos de Freyre compareceram à festa para compartilhar de sua alegria pelo suposto final - pois, este seria apenas o marco inicial de longa jornada de modificações - da obra que marcaria sua carreira intelectual. Amigos como Edgar Altino que compareceu à festa vestido de frade, assim como seu pai, Alfredo Freyre; Artur de Sá, que se vestia como "português da época colonial, ostentando bigodes"⁶⁵. Outros como Ulysses Pernambuco, Terezita Bandeira de Mello, Rego Barros Gibson e Luís Jardim também marcaram presença na comemoração.

Para que se chegasse à festa, foi necessário que Gilberto Freyre percorresse um longo caminho intelectual, fator este que abordaremos no decorrer do presente capítulo. Porém, foi na Universidade de Stanford que seu projeto realmente ganhou formas de livro que, segundo seu próprio autor, traria

nova reconstituição, uma nova introspecção e uma nova interpretação de uma sociedade de origem europeia desenvolvida, com elementos extra europeus de etnia e de cultura, em espaço tropical; e à base de uma organização patriarcal e escravocrática de economia, de família, de convivência⁶⁶

⁶⁴FREYRE, Gilberto. "Como e porque escrevi Casa Grande & Senzala". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002. Pp. 701- 721: 715

⁶⁵Idem

⁶⁶Idem: 711-712.

Para escrever esse livro, que desde seu projeto, na perspectiva de seu autor, traria novos olhares para a história da sociedade brasileira, Freyre foi de Nova York à Europa, passando uma temporada na Alemanha, para depois regressar ao Brasil, inicialmente no Rio de Janeiro, para posteriormente, voltar à sua terra natal, Recife. Foi nesse momento de volta ao Brasil que Gilberto Freyre contou com a ajuda e estímulo de grande amigo, Rodrigo Melo Franco de Andrade, ajuda esta que rendeu o último agradecimento no prefácio à primeira edição: "Um nome me falta associar a este ensaio: o do meu amigo Rodrigues M. F. de Andrade. Foi quem me animou a escrevê-lo e a publicá-lo"⁶⁷. Foi ele ainda que, de acordo com Freyre, estabeleceu o contrato com a tão problemática Editora Schmidt:

Foi Rodrigo quem redigiu o contrato com o editor Schmidt pelo qual o então ainda não milionário intelectual - que aliás reconheceu de início possibilidades no meu livro apenas em projeto - se comprometia publicar o mesmo livro. Tornava-se ele meu editor mediante o pagamento por mês, ao já considerado "autor", de 50 mil réis, pela edição do trabalho que se intitularia *Casa Grande & Senzala*.⁶⁸

Além de agradecimentos, nos prefácios e notas de rodapé, Gilberto Freyre utilizou esse espaço também para debater com diversos autores. Estes debates, por sua vez, interessante destacar, foram de considerável relevância para a consolidação da obra, aspecto que norteará nossa escrita a partir de agora, uma vez que, de acordo com Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, para Freyre, a discussão com os pares sempre fez parte de seu crescimento intelectual. Exemplo dessa valorização do escritor abordado é a quantidade de cartas trocadas com seus amigos, professores e colegas de universidade a respeito das questões que o afligiam em relação ao Brasil e sua formação. Além disso, seu hábito constante de leituras dos mais variados temas e, não influências, mas sim diálogos, assim como afirmou Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke⁶⁹, proporcionaram a possibilidade da escrita de Freyre, pois, "a

⁶⁷Idem: 31.

⁶⁸Idem: 713.

⁶⁹ Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke afirmou que "Uma biografia Intelectual não pode, evidentemente, ser reduzida a uma série de 'Influências', como se o protagonista fosse completamente passivo. [...] De fato, talvez seja mais apropriado e esclarecedor trabalhar com a ideia de 'diálogo' ou de 'Interlocutores', como farei adiante, enfatizando, assim, o aspecto criativo desses encontros com livros e ideias ou o modo pelo qual o jovem Gilberto Freyre já demonstrava uma notável habilidade de simultaneamente consumir e transformar os conhecimentos que adquiria." PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: Um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005: 39-40. Interessante pensarmos também na leitura de textos de outros autores não somente na busca por Influências e sim sob a ótica de experimentar o que certa sociedade viveu por meio de uma leitura. Assim como nos explicou Valdeci Lopes de Araújo: "A leitura dos textos históricos deixa de ser apenas a busca de uma romântica empatia com o autor, ou ainda a coleta de Informações não Intencionais como matéria-prima [...] os textos podem nos oferecer um acesso privilegiado às formas pelas quais determinada sociedade experimentou, concebeu e prefigurou a realidade" (ARAÚJO, Valdeci Lopes de. **A época das revoluções no contexto do tacitismo: notas sobre a primeira tradução portuguesa dos Anais**. In: Revista Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 36, n. 2, p. 343=365, jul./dez. 2010: 347) Ou seja, o que Gilberto Freyre realizou, a

originalidade, mesmo do gênio, não se alcança sem muito esforço, como dizia Nietzsche”⁷⁰. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o autor de *Casa Grande & Senzala* realizou bem esse esforço intelectual, levando em consideração a gama de leituras, pesquisas e viagens realizadas para a confecção da obra.

1. Ambiente intelectual de Gilberto Freyre e seus desdobramentos

Embora não tenhamos uma definição encerrada para o gênero “ensaio”, nas primeiras décadas do século XX tal gênero foi adotado por vários autores que buscavam uma maneira diferenciada de escrever a história de seu país, isto comparado àqueles que encaravam a escrita da história de forma mais técnica e científica. Autores como Oliveira Viana, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e o próprio Gilberto Freyre⁷¹ adotaram uma nova forma de escrita para a confecção de suas obras. O ensaio no Brasil, assim como expressa o estudioso no assunto André Botelho, não pode ser definido apenas tendo por base as obras desses autores acima citados, pois, “apesar de compartilharem vários aspectos comuns, o pertencimento sincrônico daqueles ensaios não parece suficiente para caracterizá-los como uma unidade estruturada também do ponto de vista contextual mais amplo”⁷².

Nesse sentido, Botelho afirma que, embora coetâneos, existe uma diferença profunda entre o ensaísmo e o modernismo, já que o modernismo pode contar com um grupo organizado de pessoas, enquanto que o ensaísmo não era um movimento consolidado e nem mesmo possuía regras e/ou modelos a serem seguidos. Comparação esta que nos lembra da pergunta de Jean Starobinski apresentada por Fernando Nicolazzi: “como definir um gênero que parece não respeitar qualquer regra *a priori*?”⁷³.

Para Fernando Nicolazzi, o ensaio

aparece como um gênero de fronteira (o que ainda não é dizer muito), uma espécie de escrita-limite que tem por pretensão traduzir ou transcrever um pensamento que se desenvolve de forma não sistemática e errante,

partir de suas várias leituras, teria sido não uma busca Incansável por Influência, e sim busca por conhecimentos tidos por outras experiências.

⁷⁰ Idem: 99.

⁷¹ Outros autores também escreveram de forma ensaística, no entanto, citamos apenas alguns.

⁷² BOTELHO, André. **Passado e futuro das Interpretações do país**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 1 pp. 47-66. 2010: 48.

⁷³ NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história: a viagem, a memória e o ensaio. Sobre Casa Grande & Senzala e a representação do passado**. (Tese de doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008: 307.

fragmentária e inconclusa, assumindo como objeto de reflexão não apenas a “matéria” mais igualmente a “maneira”,⁷⁴

Assim como para Theodor Adorno, o qual afirma que o ensaio não segue o suposto "jogo da ciência" e nem almeja ter uma estrutura sólida:

O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das idéias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia⁷⁵.

Portanto, partindo dessas premissas, pretendemos não nos esforçarmos em uma tentativa exaustiva de busca da definição, conceituação e indicação de modelos fechados de ensaios, mas sim uma exposição da problemática em que o ensaio estava arrolado nas primeiras décadas do século.

Eduardo Portella, em conferência para a Academia Brasileira de Letras, deixa claro que o ensaio "é uma forma, uma forma não formal, que se identifica pelo vigor crítico e pela qualidade textual"⁷⁶, ou seja, o ensaio é caracterizado inicialmente por não possuir características fundamentais. No entanto, alguns apontamentos a respeito desse tipo de escrita devem ser feitos para que se compreenda uma obra em que o ensaio é o modelo atuante. Dessa forma, podemos deduzir que, além da forma apreendida da escrita ensaística de interpretação histórica ou, como afirmou Portella, "a sustentável leveza do ensaio"⁷⁷, esse gênero carrega consigo uma combinação entre forma e conteúdo, entre ciência e arte, entre a história e as mais diversas áreas do conhecimento (literatura, antropologia, sociologia, medicina, etc.).

Consoante com Nicolazzi, a partir do século XVIII é que o gênero encontra local propício para seu crescimento, isto em um contexto de língua inglesa, no qual se identificava, segundo ele, uma liberdade e pluralidade de assuntos diversos e inusitados. Após Montaigne, outros autores passaram a escrever dessa forma, David Hume e Jules Michelet são

⁷⁴ Idem : 313

⁷⁵ ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003: 25.

⁷⁶ PORTELLA, Eduardo. "O ensaio". Conferência pronunciada na Academia Brasileira de Letras em 10/10/2010. Disponível no [sítio eletrônico: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?Infoid=4268&sid=531](http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?Infoid=4268&sid=531).

⁷⁷ Idem.

exemplos⁷⁸. Para eles, o ensaio era a oportunidade de se propagar os saberes de forma mais dinâmica, acreditando assim, que tal modo de escrita pudesse diluir as barreiras entre dois mundos, o do letrado e o do povo, ou seja,

pode-se dizer que o ensaio contribui para a diluição ou deslocamento das fronteiras entre a língua culta e uso coloquial, marcando não apenas a vulgarização do conhecimento mas também uma certa "democratização" (dentro de limites rigidamente precisos, evidentemente) dos usos da linguagem do saber.⁷⁹

No Brasil, o ensaio assumiu, acima de tudo, facetas históricas, literárias e sociológicas, além de representar, como bem ressaltou Nicolazzi, uma convergência de conhecimentos formalizados no final do século anterior. Assim, o ensaio no Brasil atuou mais como "uma reorganização das fronteiras disciplinares e ascensão do *discours savant* diante da primazia da literatura como modalidade fundamental de representação da cultura nacional"⁸⁰. Ou seja, o gênero é utilizado no Brasil, por alguns autores, com objetivo de tentar compreender melhor a ideia de nação, em um período em que o nacionalismo se encontrava, desde o século XIX em plena ascensão. Personagens como Gilberto Freyre, Paulo Prado, Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros, procuravam uma forma de representar suas ideias a respeito de seu país, cada um com um viés diferenciado.

Portanto, tais autores passaram a fazer parte do que alguns historiadores, tradicionalmente, chamam de "intérpretes do Brasil". Estes, por sua vez, apresentam formas de escrever a história que até então não eram plenamente exploradas no país, uma maneira de escrita que deixava para trás o convencional e a linguagem truncada da erudição vigente na escrita historiográfica brasileira por parte de alguns estudiosos.

Frente a todo esse contexto, Gilberto Freyre escreveu seu grande primeiro ensaio, *Casa Grande & Senzala*, que veio trazendo mudanças na forma e no como, assim como expressou Nicolazzi, de se tratar a história do país. Toda essa mudança trazida por seu estilo de escrita está diretamente ligada ao período em que ele esteve fora do Brasil e pôde entrar em contato com as mais variadas concepções históricas, sociológicas, antropológicas e literárias. Gilberto Freyre partiu para os Estados Unidos para estudar na Universidade de Baylor, onde

⁷⁸É claro que aqui, por se tratar de uma síntese e breve análise da escrita ensaísta, não entraremos nos méritos de contextos variados em que estes autores citados escreveram, ou passaram a escrever ensaios. No entanto, é importante que o leitor tenha consciência de que os autores supramencionados escreveram em contextos e épocas diferenciadas.

⁷⁹ NICOLAZZI, Fernando. op.cit. 2008: 309 -310.

⁸⁰ NICOLAZZI, Fernando. Op. cit. 2008: 315

conheceu o professor que mais o marcou, Joseph Armstrong. Com este estabeleceu amizade íntima e manteve correspondência continuamente, com pedidos de conselho.

Em Baylor, Freyre cursou diversas disciplinas que deixaram seus lastros por *Casa Grande & Senzala*, estudando questões que envolviam História, Economia, Geologia, Psicologia, Zoologia, dentre outras áreas do conhecimento humano. No entanto, foi mesmo em sua viagem à Grã-Bretanha, no segundo semestre do ano de 1922, que Freyre se encantou pelo ensaísmo e deixou-se levar por tal gênero, assim como afirma Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke:

A "voz de conversa", o tom nada "doutoral" ou "bacharelesco" e a capacidade de tratar assuntos variados e triviais com graça e originalidade, mas sem pedantismo - traços característicos do ensaísmo inglês - seduziram desde muito cedo o jovem aprendiz. [...] A atenção aos "pormenores significativos", que se tornará parte essencial da abordagem inovadora de Freyre, também era considerada por ele como um legado dos romancistas, biógrafos e memorialistas ingleses, como James Boswell, Lytton Strachey, Rebecca West e tantos outros.⁸¹

O ensaio freyriano tomou, para sua escrita, as características de ensaístas ingleses com os quais teve contato no período em que se encantou pelo cotidiano europeu. Gilberto Freyre chegou a afirmar, tanto em seu diário quanto em carta a seu amigo Oliveira Lima, que encontrara seu lugar de conforto na Inglaterra, principalmente em Oxford. No diário ele diz "venho encontrando em Oxford - repito - *meu* ambiente como em nenhum lugar já meu conhecido", além disso, ele declara ter sido frutífera sua estada no referido país, afirmando receber "alegria de espírito", "sensibilidade" e "cultura" assim, Freyre escreve: "em algumas semanas já me sinto, entre oxonianos⁸² no meio de amigos que me parecem conhecidos velhos. Velhos amigos"⁸³. Para Oliveira Lima ele declara: "Parece-me o povo de inteligência mais equilibrada, de vida mais equilibrada. Porque não nasci inglês ou alemão ou americano - não compreendo..."⁸⁴

⁸¹ PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. Op. cit. 2005:41. Em artigo para a revista de Estudos Linguísticos, Silvana Moreli Vicente também expressa essa tradição Inglesa do ensaísmo na obra de Gilberto Freyre. Ela afirma existir diversos diálogos possíveis em *Casa Grande & Senzala* e um deles é "com o ensaísmo brasileiro e Internacional, principalmente com a tradição Inglesa representada por Lafcadio Hearn, G. K. Chesterton, Arnold Bennett, Daniel Defoe, Jonathan Swift, Ricardo Steele, Joseph Addison, Cardinal John Henry Newman, Matthew Arnold, Charles Lamb e Walter Pater". (VICENTE, Silvana Moreli. **Entre o Inferno e o Paraíso: O Ensaio de Gilberto Freyre**. Revista Estudos Linguísticos XXXIV, p. 680-685, 2005: 682.)

⁸² Palavra que representa o sinônimo de Oxfordiano

⁸³ FREYRE, Gilberto. Op. cit. 2006: 158. Grifo no original.

⁸⁴ Carta de Gilberto Freyre à Oliveira Lima e reproduzida em PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. Op. cit. 2005: 116.

Dessa forma, *Casa Grande & Senzala* foi símbolo maior dessa caracterização do ensaísmo brasileiro com diálogos ingleses, a qual priorizou várias áreas diferenciadas do conhecimento para a análise da "realidade histórica". Freyre utilizou-se de vários antagonismos em suas teses e também, como era de se esperar de um intelectual tão controverso, em sua escrita, utilizando-se da História, Literatura, Sociologia, Antropologia, Medicina, Culinária, dentre outras, para a elaboração de sua análise da formação da sociedade brasileira.

Gilberto Freyre aparentou uma preocupação constante em demonstrar seu esforço documental ao escrever a obra que tomamos por objeto de análise. Logo no prefácio à primeira edição essa preocupação ficou nítida em vários pontos, como, por exemplo, ao afirmar que a documentação reunida por meio da visitação do Santo Ofício "constituem material precioso para o estudo da vida sexual e de família no Brasil dos séculos XVI e XVII"⁸⁵, ou quando escreveu acerca da importância dos "inventários [...], cartas de sesmaria, testamentos, correspondências da Corte e ordens reais"⁸⁶. Ou ainda ao destacar a importância de documentos pouco utilizados até então, o uso

de outras fontes de informações ou simplesmente de sugestões, pode servir-se o estudioso da vida íntima e da moral sexual no Brasil dos tempos de escravidão: do folclore rural nas zonas mais coloridas pelo trabalho escravo; dos livros e cadernos manuscritos de modinhas e receitas de bolo, das coleções de jornais; dos livros de etiqueta; e finalmente do romance brasileiro que nas páginas de alguns dos seus maiores mestres recolheu muito detalhe interessante da vida e dos costumes da antiga família patriarcal.⁸⁷

Além da escrita e a fundamentação documental, nos chama ainda a atenção a linguagem adotada por Freyre em *Casa Grande & Senzala*, pois, diferentemente dos livros até então publicados, o autor trazia uma linguagem aproximada ou buscando se aproximar da utilizada popularmente. Fato este que rendeu polêmicas ao autor da obra, já que ele escreveu como se estivesse em uma conversa numa das Casas Grandes, objeto de sua pesquisa. Conquanto, Jorge Amado proclama, na comemoração do vigésimo quinto ano de *Casa Grande & Senzala*, que sua linguagem foi inovadora, trazendo uma forma menos "chata" de leitura. Amado afirma que antes de Freyre,

entrar na cena editorial, livro de estudo no Brasil era sinônimo de livro chato, mal escrito, retórico, pernóstico, ilegível. E era assim mesmo, com

⁸⁵FREYRE, Gilberto Freyre. *Casa Grande & Senzala*. 51ª ed. rev. São Paulo: Global, 2006: 45.

⁸⁶Idem: 46

⁸⁷Idem: 49

raras exceções. Só levado por absoluta necessidade aventurava-se alguém na intrincada floresta onde cresciam os palavrões difíceis e uma prosa de colarinho duro e sobrecasaca negra. Como se, para ser ensaísta de pêsso, historiador, sociólogo, válido autor de estudos, fôsse obrigatoriamente necessário escrever difícil (quando não escrever mal), fazer-se distante e incompreensível, substituído o verdadeiro saber pela retórica e pela gramatiquice. Um horror.⁸⁸

Vários outros críticos falaram da forma adotada por Freyre de escrita, porém, não abordaremos esta questão profundamente nesse primeiro momento da dissertação, deixaremos, portanto, o assunto em torno da linguagem (críticas e respostas de Freyre) para o segundo momento deste proposto capítulo. Outra questão que nos chama atenção é o debate existente a respeito das características ensaísticas encontradas em *Casa Grande & Senzala*, bem como o seriam tais características, já que tratamos de um gênero que não possui definição.

Por conseguinte, o próprio autor se auto afirma um ensaísta, como o fez logo nas primeiras páginas de sua obra ao escrever, ainda no prefácio, que ele possuía "propósito de simplesmente dar uma ideia geral do plano e do método do *ensaio* que se segue". Afirma ainda ser a obra um "*Ensaio* de sociologia genética e de história social, pretendendo fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira"⁸⁹. Assim como repetiu em várias outras partes da obra ao se referenciar ao seu modo de escrita, por exemplo, quando Freyre resolve explicar aos leitores a importância antes dos aspectos sociais que os econômico e político, sendo que a principal característica social a ser destacada do português seria sua variedade de antagonismos⁹⁰:

Não nos interessa, porém, senão indiretamente, neste *ensaio*, o aspecto econômico ou político da colonização portuguesa do Brasil. Diretamente, só nos interessa o social, no sentido particular de social que coincide com o sociológico. E nenhum antecedente social mais importante a considerar no colonizador português que a sua extraordinária riqueza e variedade de antagonismos étnicos e de cultura; que o seu cosmopolitismo.⁹¹

⁸⁸ AMADO, Jorge. **Casa Grande & Senzala e a revolução cultural**. In: AMADO, Gilberto ET AL. *Gilberto Freyre – sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa Grande & Senzala” e sua Influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 576p., 1962. Como o texto foi consultado pelo site da Fundação Gilberto Freyre (www.fgf.org.br), não foi possível identificar a página da referida citação.

⁸⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit. 2006: 50. *Grifos nossos*.

⁹⁰ Interessante perspectiva a de Ricardo Benzaquen de Araújo ao pensar em "luxo de antagonismos" na concepção freyriana

⁹¹ Idem: 276. Grifo nosso.

Ou também quando o autor de *Casa Grande & Senzala*, já no IV capítulo (O escravo na vida sexual e de família do brasileiro), expôs seu objetivo do referido capítulo em estudar a influência do escravo negro na formação da família brasileira. Ele explica:

Não nos interessa, senão indiretamente, nesse *ensaio*, a importância do negro na vida estética, muito menos no puro progresso econômico, do Brasil. Devemos, entretanto, recordar que foi imensa. No litoral agrário, muito maior, ao nosso ver, que a do indígena. Maior, em certo sentido, que a do português.⁹²

Destarte, por mais que Gilberto Freyre tenha afirmado diversas vezes em sua obra que estava escrevendo um ensaio, as características de um ensaio histórico ficam mais evidentes ao longo da análise de seu modo de escrita, bem como sua maneira de interpretar a história da formação da família brasileira. Ou seja, a afirmação de ser *Casa Grande & Senzala* um ensaio se denota, também, pelo modo como Freyre uniu as diversas áreas do conhecimento humano para realizar o esforço de entendimento de seu país, buscando na geografia, na cultura e na antropologia explicações para a adaptação dos portugueses no Brasil, como bem demonstra o trecho a seguir:

Os que dividem Portugal em dois, um louro, que seria o aristocrático, outro moreno ou negróide, que seria o plebeu, ignoram o verdadeiro sentido da formação portuguesa. [...] Predisposto pela sua situação geográfica a ponto de contato, de trânsito, de intercomunicação e de conflito entre elementos diversos, quer étnicos, quer sociais, Portugal acusa em sua antropologia, tanto quanto em sua cultura, uma grande variedade de antagonismos, uns em equilíbrio, outros em conflito. Esses antagonismos em conflito são apenas a parte indigesta da formação portuguesa: a parte maior se mostra harmoniosa nos seus contrastes, formando um todo social plástico, que é o caracteristicamente português.⁹³

Além disso, Freyre também buscou na alimentação explicação para a influência das culturas na culinária brasileira, aspecto de grande relevo do ponto de vista do autor, até mesmo no que diz respeito à sexualidade imposta aos doces fabricados por meio dos nomes dos mesmos: "suspiros-de-freira, toucinho-do-céu, barriga-de-freira, manjar-do-céu, papos-de-anjo", ou mesmo os de tradição portuguesa como os "beijinhos, desmamados, levanta-velho, língua-de-moça, casadinhos, mimos-de-amor".⁹⁴

⁹² Idem: 368. Grifo nosso.

⁹³ Idem: 278.

⁹⁴ Idem: 330. Freyre continua a falar dos nomes sugestivos de doces e bolos: "Isto depois de recordar os nomes, alguns bem fesceninos, da guloseima luso-brasileira: beijinhos, desmamados, levanta-velho, língua-de-moça, casadinhos, mimos-de-amor. Não há quem não possa acrescentar à lista outros nomes, igualmente sugestivos, de bolos e gulodices. E é curioso o fato de chamar-se "dinheiro para comprar bolo" o que dão certos pais brasileiros aos filhos rapazes, em idade, segundo eles, de "conhecer mulher".". (Idem)

Já em relação à sua linguagem, por muitos críticos ressaltada como ponto negativo da obra⁹⁵, Freyre justificou que não pretendeu escrever de forma vulgar, mas sim de maneira que não fosse fechado nas linguagens específicas utilizadas nos mais diversos campos científicos. Ou seja, Gilberto Freyre pretendeu escrever de forma mais acessível, para que o conhecimento às suas ideias não ficasse fechado a somente um campo do conhecimento. Assim, ele justifica seu modo de escrita:

De modo que a escolha, pelo autor de *Casa Grande & Senzala*, das tais palavras vulgares, chulas que tanto melindraram a sensibilidade elegantemente acadêmica do Professor Afonso Arinos de Melo Franco, não deve ser de todo considerada inclinação da parte do mesmo autor, pela vulgaridade; ou evidência da sua ignorância dos clássicos. [...] Trabalho, *Casa Grande & Senzala*, de caráter científica e humanisticamente antropológico, pretendeu o autor escrevê-lo de modo a que não fosse livro antropológico fechado em terminologia científica ou erudita ou elegantemente acadêmica, ao contrário: expressão, a seu jeito, de um saber não só científico porém intuitivo, enriquecido pelo contato do mesmo autor com a plebe do seu país; com descendentes de escravos; com gente ainda próxima de culturas primitivas.⁹⁶

Em face de todo esse contexto, a obra de Gilberto Freyre, para Ricardo Benzaquen de Araújo, passa a ser não somente um ensaio histórico e sim a exposição, mas sim análise das memórias íntimas do autor. Ou seja, para ele, *Casa Grande & Senzala*,

deixa de ser apenas um livro para transformar-se em uma espécie de casa-grande em miniatura, em uma voz longínqua mais genuína, legítima e metonímica representante daquela experiência que ele próprio analisava, enquanto o nosso autor se converte, até certo ponto, em personagem de si mesmo, como se escreve não só um ensaio histórico-sociológico mas também as suas mais íntimas memórias.⁹⁷

Em suma, todas essas características apresentadas da obra de Freyre nos oferecem propriedade para afirmar, mais uma vez, que *Casa Grande & Senzala* é um ensaio histórico, se tornando um clássico, tanto devido às inovações linguísticas quanto ao seu diferente modo de ver a história do Brasil. Por mais que, como bem delineou Nicolazzi, afirmar que Gilberto

⁹⁵ Críticos como Afonso Arinos de Melo Franco que escreveram, logo após o lançamento de *Casa Grande & Senzala*, em 1934 para "O Jornal" do Rio de Janeiro que a obra de Gilberto Freyre, sendo feita "com o sentido de permanência" deveria ter sido seu autor "mais prudente manejar a língua brasileira sem exageros, porque os exageros se vão e o estilo fica avelhantado e preciso em curto espaço de tempo". (FRANCO, Afonso Arinos de Melo Franco. "Uma obra rabelaisiana". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985: 84)

⁹⁶ FREYRE, Gilberto. Como e porque escrevi *Casa-Grande & Senzala*. In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002. Pp. 701- 721: 707-708.

⁹⁷ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994: 189.

Freyre é um ensaísta "é certamente chover no molhado"⁹⁸, para nossa dissertação é importante localizar bem o autor e a obra objeto de nossa pesquisa, uma vez que é a partir dessa situação que teremos artifícios suficientes para analisar a tentativa de legitimidade batalhada por Freyre ao longo das reedições de *Casa Grande & Senzala*.

Entretanto, embora a discussão sobre as características ensaístas de Freyre nos seja de singular importância (uma vez que as mesmas o localizam em seu ambiente intelectual específico), parece-nos de igual relevância uma reflexão acerca da maneira peculiar através da qual o autor via o processo histórico e a construção sociológica, pois a própria obra aqui analisada reflete tais perspectivas teóricas e temporais.

Embora o ambiente intelectual de Freyre ainda estivesse embebido pela crença no progresso, cuja visão temporal vertia-se prioritariamente para o futuro, sua construção histórico-sociológica ainda via a necessária investigação das fundações dos processos de socialização contemporâneos brasileiros no "passado primordial" (enquanto um momento no tempo no qual a origem do presente se encontra). O passado, portanto, visto deste prisma singular, seria o ordenador *par excellence* dos demais tempos, irrecusável, irresistível e imprescindível na investigação histórico-sociológica.

É nesse sentido que as intimidades vividas na casa grande e na senzala são instrumentalizadas por Freyre como um *locus* da formação e origem de importante parte da socialização e da cultura que deram origem ao tempo presente brasileiro. É no passado primordial das relações pessoais e sociais vividas por senhores, indígenas e escravos que repousariam as origens da contemporaneidade de seu tempo⁹⁹. Portanto, o passado (enquanto história investigada pela "sociologia genética"), e não o futuro (objeto de desejo e discurso do "progresso"), torna-se, em Freyre e sua *Casa Grande & Senzala*, o objeto de investigação e reflexão essencial, no qual o *ensaio* - enquanto forma - tornou-se o veículo por excelência de, ao mesmo tempo, inovação em estilo e em linguagem, em que sua inserção intelectual

⁹⁸ NICOLAZZI, Fernando. Op. cit, 2006: 343.

⁹⁹"Não obstante, é importante destacar que o *tempo primordial*, fundador e revelador dos padrões genuínos de socialização é buscado num *locus* também determinado: na Intimidade da casa e da família. A sociologia genética refere-se, portanto, igualmente, a um *tempo* original e a um *lugar* original onde se realiza propriamente a gestação da sociedade." (MEUCCI, Simone. **Gilberto Freyre e a Sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico**. In: Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2006: 232)

colocar-se-ia à mercê das mais variadas críticas, elogios, aceitações e rejeições de seus pares, cujo conteúdo discutiremos mais adiante¹⁰⁰.

Outra questão que devemos apresentar, para que este quadro de referências do ambiente intelectual em que Gilberto Freyre estava inserido ao escrever sua obra esteja mais completo, refere-se a uma discussão a respeito do contexto modernista em que parte da intelectualidade brasileira estava inserida. Movimento este, marcado pela Semana da Arte Moderna no ano de 1922, evento no qual vários artistas, escritores e afins se reuniram com o objetivo de modificar o estilo artístico e político de até então, instituindo, portanto, um modelo artístico que valorizasse mais a cultura brasileira¹⁰¹.

De acordo com Daniel Faria, o nome "movimento modernista" foi estabelecido por Mário de Andrade, um dos integrantes do mesmo. Para Faria, essa nomeação foi "como arma tática de legitimação de um agrupamento literário e político específico, e se tornou canônico e mais abrangente a partir da década de 1930"¹⁰². Ou seja, assim como afirmou Nicolazzi, o modernismo contou com um grupo formado de pessoas que almejavam um objetivo, fim este ligado à cultura e também à política brasileira. Durante quase toda a primeira metade do século XX, tivemos a presença desse movimento em vários segmentos de nosso país, influenciando diversos artistas plásticos, escritores, arquitetos e políticos da época.

Interessante destacarmos ainda que, antes de serem conhecidos como modernistas, estes se autodenominaram como "futuristas", como sendo aqueles que representavam o amanhã de nossa cultura e visão política. Para os modernistas, nossa sociedade estava

¹⁰⁰"Um episódio paradigmático desta posição de Freyre acerca da temporalidade foi um debate na Câmara dos Deputados. O confronto a que nos referimos foi suscitado quando Freyre, então Deputado Federal, confessava admirar a solução política proposta durante o Império no Brasil pelo Poder Moderador. Freyre foi, pois, interrompido por um deputado que afirmava considerar os argumentos históricos muito fracos, entendia o interesse pelo passado, mas achava que ali eram necessárias providências em relação ao presente e ao futuro. A esta objeção Freyre respondeu: é onde se engana V. Exa.: O passado nunca foi, o passado continua. (FREYRE, 1966: 179). Nesta visão está, pois, implícita uma perspectiva singular sobre a mudança social. Rigorosamente, para Freyre a mudança social é regulada pelo passado. (REZENDE, 2000) Mais uma vez, percebe-se que a noção de progresso é neutralizada." Idem: 232-233.

¹⁰¹Entretanto, é importante visualizarmos criticamente esta visão de "cultura popular" ou "cultura brasileira". De acordo com Martha Abreu, tal conceito é totalmente controverso, se encontrando em constantes crises. Para ela, a cultura popular pode ser uma folclorização das tradições, ou seja, "Para uns, a cultura popular equivale ao folclore, entendido como o conjunto de tradições culturais de um país ou região; para outros, Inversamente o popular desapareceu na irresistível pressão da cultura de massa (sempre associada à expansão do rádio, televisão e cinema) e não é mais possível saber o que é original ou essencialmente do povo e dos setores populares" (ABREU, Martha. "Cultura Popular: um conceito e várias histórias" In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003: 83)

¹⁰²FARIA, Daniel. **O mito modernista**. Uberlândia: EDUFU, 2006: 15. O autor nos esclarece que o termo supracitado já existia, porém de maneira mais abrangente que aquela Instituída por Mário de Andrade após a Semana da Arte Moderna e reforçada após a década de 1930.

dividida em dois grupos: "de um lado, os que trabalham, de outro, os que cantam para tornar mais leve o suplício dos primeiros"¹⁰³ e, isto se devia a um atraso sofrido pelo país em consequência, segundo Menotti Del Picchia, da existência de "uma legião de analfabetos"¹⁰⁴. Uma das maiores frustrações dos escritores desse período era a falta de leitores para suas obras e a revolta por, suporem, não existir um nacionalismo verdadeiramente brasileiro. Por isso, intelectuais como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, dentre vários outros, elegeram a cidade de São Paulo para a tentativa de propagação de uma nova estética artística e política brasileira.

Para esses artistas, o objetivo era, não apenas direcionar um público à arte, mas sim, transformar a população analfabeta em letrados, o que seria, para os modernistas, o processo de "civilização" de um país até então atrasado, ou seja, era criar uma alma para o Brasil.¹⁰⁵ Na política, o modernismo obteve bastante impacto naqueles que identificavam a necessidade do Brasil possuir um espírito nacionalista, assim como em outros países que vinham crescendo na perspectiva do nacionalismo, por vezes, exacerbado.

Nesse mesmo contexto, a década de 1930 representou o auge dessas investidas nacionalistas no Brasil. Sob o governo de Getúlio Vargas, o período de 1930 a 1945 marcou um dos mais importantes momentos de ascensão do nacionalismo no Brasil. Do ponto de vista político, eventos como a "Revolução Constitucionalista" em 1932, e a "Revolta Mineira" entre 1935 e 1936, ilustraram, por um lado, a fragilidade da unificação nacional sob a bandeira do nacionalismo, mas por outro demonstraram a que ponto a ideia de "nação", independente da unificação geográfica do território brasileiro, ganhava força.

A despeito das citadas tentativas de rompimento da unidade nacional, a política paternalista, unida à propaganda, aos incentivos artísticos nacionais, à "marcha para o Oeste", ao combate às ameaças comunistas (caso da Intentona Comunista em 1935 e o "Plano Cohen" em 1937), dentre outros diversos fatores, personificaram na figura de Getúlio Vargas uma imagem do Brasil-nação.

¹⁰³FARIA, Daniel. Op. cit., 2006: 41-42.

¹⁰⁴Idem.

¹⁰⁵ Daniel Faria observou bem esse detalhe em seu livro ao analisar cartas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, em que Mário, na tentativa de convencer Drummond a se sacrificar por seu país, escreve: "Veja os moços modernos da Alemanha, da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, de toda parte: eles creem Carlos, e talvez sem que o façam conscientemente, se sacrificam." Após isso, Mário expõe bem seu objetivo ao enfrentar todo esse sacrifício que seria "dar alma ao Brasil e para isso todo o sacrifício é grandioso, é sublime. E nos dá felicidade. [...] A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil. [...] Escrevo língua imbecil, penso Ingênuo, só para chamar a atenção dos mais fortes do que eu para este monstro mole e Indeciso ainda que é o Brasil" (ANDRADE, *apud*: FARIA, Daniel. Op. cit., 2006: 79-80).

Mesmo Mário de Andrade, figura central do modernismo no Brasil, se curvou à não forçosa ligação entre o nacionalismo brasileiro e a ascensão de Vargas a partir de 1930.

Por fim, Mário, num golpe discursivo final, nomeou o golpe getulista como Revolução, no sentido de "repatriação do Brasil" e de solução definitiva do problema da consciência nacional, sendo, portanto, mais do que um mero movimento armado ou uma conspiração.¹⁰⁶

A citada associação entre modernismo e nacionalismo varguista discursada por Mário de Andrade pode ser referenciada a razões diversas. A política nacionalista aliada ao discurso de industrialização e, conseqüentemente, modernização do Brasil, tornou profícua a ligação entre o governo varguista e a intelectualidade brasileira ligada ao modernismo.

Não obstante, essa ligação não tardaria a caducar, especialmente com a derrota do nacionalismo fascista em 1945 e conseqüente queda de Vargas no Brasil. A política liberal de Eurico de Gaspar Dutra, a partir da qual o Brasil voltara a se abrir para o capital estrangeiro sem maiores constrangimentos para a política nacional interna, marcou uma intensa disputa política em 1950 entre o "liberalismo" de um lado, e o "nacionalismo" de outro. Vencedor da querela contra a soberania do capital estrangeiro, o nacionalismo de Vargas voltou com um ímpeto que duraria pouco. Seu suicídio, em agosto de 1954, não somente encerrou sua longa estada na dianteira da modernidade brasileira, mas com ele toda a estreiteza entre o nacionalismo político-econômico e a febre modernista que há pelo menos três décadas ditava ritmo no discurso intelectual brasileiro.

No entanto, não nos aprofundaremos nos pormenores que envolvem a política nacionalista vigente na primeira metade do século XX, mas apenas articularemos tais fatores históricos com aquilo que obtiver ligação com a construção intelectual de Gilberto Freyre. Dessa forma, foi justamente no ano de 1930 (ano de ascensão de Vargas) que Freyre seguiu para o exílio para acompanhar o até então governador de Pernambuco, Estácio Coimbra¹⁰⁷, a quem estava secretariando desde o final de 1926. Ao lado do referido governador, Freyre assumiu a batalha de resgatar o prestígio do nordeste, adotando políticas regionalistas e acreditando que, aos poucos, o Estado conseguiria alcançar tal mérito. Essa posição política tem ligação direta com um dos eventos ocorridos no Brasil que marcaram a importância da

¹⁰⁶FARIA, Daniel. Op. cit., 2006: 139

¹⁰⁷ Gilberto Freyre aceitou, em 1927, para a surpresa de seus amigos e conhecidos, a posição de secretário do novo governador de Pernambuco, Estácio Coimbra. Amigos como Oliveira Lima, Simkins e Bilden demonstraram sua indignação em cartas, porém, como nos explica Pallares-Burke, essa colaboração com o mais novo dirigente de Pernambuco "significava para Freyre fixar-se na sua 'raiz principal' e, ao mesmo tempo, dar nova oportunidade aos seus 'sonhos' regionalistas" (PALLARES-BURKE. Op. cit., 2005: 246)

valorização regional, tal evento foi o 1º Congresso Brasileiro de Regionalismo, acontecido em Recife no mesmo ano, 1926.

Este Congresso se deu a partir da necessidade de haver mais incentivo às tradições regionais do nordeste, visto a grande modernização constante no país. Gilberto Freyre insistia na crítica de tal modernização, principalmente no período de seu retorno a Recife ao identificar a mudança na configuração da cidade, a destruição de tradições, a derrubada de locais que obtinham uma carga significativa de memórias individuais e coletivas. Em seu pronunciamento, posteriormente publicado no "Diário de Pernambuco", Freyre lembrou de seu grupo que sempre se reunia para discutir questões arroladas com o "regionalismo", lembrando a todos seus ouvintes e futuros leitores que esse movimento não deveria ser confundido com bairrismo ou separatismo, uma vez que se tratava justamente do contrário. Segundo ele,

Seu fim não é desenvolver a mística de que, no Brasil, só o Nordeste tenha valor, só os sequilhos feitos por mãos pernambucanas ou paraibanas de sinhás sejam gostosos, só as rendas e rêdes feitas por cearense ou alagoano tenham graça, só os problemas da região da cana ou da área das sêcas ou da do algodão apresentem importância. Os animadores desta nova espécie de regionalismo desejam vê se desenvolvem no País outros regionalismos que se juntem ao do Nordeste, dando ao movimento o sentido organicamente brasileiro e até americano, quando não mais amplo, que êle deve ter.¹⁰⁸

Para Freyre, os Estados estavam caindo no esquecimento dos políticos que, por sua vez, se preocupavam com união nacional ao invés de se atentarem a uma "articulação inter-regional", indicada por Freyre com o ideal para o Brasil, já que "de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais"¹⁰⁹. Assim sendo, Freyre critica tais políticas modernizantes em nosso país que buscava a mudança sem se preocupar com a preservação da tradição, das memórias, dos patrimônios da sociedade, enfim, quase se descartando o passado em detrimento de um futuro modernizante.

O modernismo vinha, consoante com Freyre, modificando os hábitos tradicionais do Brasil, mudando nomes de ruas e não dando o devido valor a costumes, como por exemplo, a

¹⁰⁸ FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista de 1926**. Recife: Região, 1952. Não foi possível identificar a página, uma vez que o artigo foi consultado pela biblioteca virtual da Fundação Gilberto Freyre. (Acesso: <http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/manifesto.htm>)

¹⁰⁹ Idem

fabricação de renda no Nordeste¹¹⁰. Dessa forma, o objetivo deste Congresso Regionalista era incentivar o valor às características regionais

e não apenas em prol das igrejas maltratadas e dos jacarandás e vinháticos, das pratas e ouros de família e de igreja vendidos aos estrangeiros, por brasileiros em quem a consciência regional e o sentido tradicional do Brasil vem desaparecendo sob uma onda de mau cosmopolitismo e de falso modernismo. É todo o conjunto da cultura regional que precisa de ser defendido e desenvolvido.¹¹¹

Assim como já destacado anteriormente, Gilberto Freyre se apropria de concepções inglesas e tais ideais regionalistas também não foram diferentes. Embevecido de autores como Georg Gissing e Lafcadio Hearn, que favoreciam o passado e as origens, Freyre voltou ao Recife instituindo ao seu grupo de estudos questões regionalistas.

Nos estudos realizados por Pallares-Burke fica notória a percepção de Freyre a partir da leitura desses autores supramencionados. As marcas identificadas pela referida autora nos livros lidos pelo autor recifense nos mostram a essencialidade desses intelectuais ingleses na readaptação ao Recife, bem como o desenvolvimento de suas ideias regionalistas. Em uma de suas leituras Freyre marcou na escrita de Gissing no período em que este "lamenta os estragos que a modernidade incontrolada ia deixando pelo caminho"¹¹².

Destarte, frente a todo esse contexto, Gilberto Freyre representa a modernidade a partir de sua escrita em *Casa Grande & Senzala*, uma vez que esta trouxe características de escrita até então não usadas pelos intelectuais brasileiros. A linguagem utilizada pelo autor da obra mencionada sugere uma maior aproximação de seu escritor com seu público, como já mencionado acima. Dessa forma, seu modernismo é representado por meio "do coloquialismo de sua linguagem, bastante próxima do campo da oralidade" objetivando "conscientemente diluir a distância entre o popular e o erudito, o oral e o escrito ou, quando muito, a diferença entre a fala branca da casa-grande com a fala 'colorida' dos pardos e negros"¹¹³.

Não podemos deixar de correlacionar o modernismo representado por Gilberto Freyre com aquele defendido por intelectuais e artistas que se firmaram em São Paulo, adotando este

¹¹⁰ Para Freyre, "Modernismo responsável por outra Inovação contra a qual se levanta nosso regionalismo: a horrível mania que hoje nos persegue de mudarmos os mais saborosamente regionais nomes de ruas e de lugares velhos - Rua do Sol, Bêco do Peixe Frito, Rua da Saudade, Chora Menino, Sete Pecados Mortais, Encanta Moça - para nomes novos: quase sempre nomes Inexpressivos de poderosos do dia. Ou datas Insignificadamente políticas" (Idem). Porém, é importante pensarmos que o regionalismo é apenas uma das facetas do modernismo.

¹¹¹ Idem

¹¹² PALLARES-BURKE. Op. cit., 2005: 193.

¹¹³ NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., 2006: 354.

lugar como o centro do modernismo no Brasil. Artistas como Mário de Andrade, que se encontravam à frente do Departamento de Cultura da capital desse mesmo Estado, se esforçavam para defender seus ideais modernizantes por meio de sua escrita, considerada por Freyre uma tentativa do autor em criar "língua literária brasileira nova"¹¹⁴. Já para Mário, a linguagem de Freyre em *Casa Grande & Senzala* continha significativa quantidade de "contradição, repetição, falta de método"¹¹⁵, como detalhou ao final da leitura atenta à obra:

Comentário longo que finaliza uma leitura atenta, na ponta do lápis, em que não faltaram correções de erros tipográficos evidentes, rabiscos gráficos indecifráveis, intervenções mnemônicas, acréscimos reativos, aplausos, mas também um rosário insistente de recriminações a três aspectos metodológicos que, a seu ver, comprometiam a obra: repetição excessiva, contradições frequentes e, o mais importante, falta de método¹¹⁶.

Interessante questionamento levantado por Dimas ao indagar a respeito de "como compreender tanta cobrança de purismo metodológico em tempos que timbravam por ser inventivos, criativos, renovadores"¹¹⁷. Mário, símbolo da modernidade e da inovação no período tratado, realizou críticas ferrenhas ao modelo adotado por Freyre em sua obra, reivindicando uma linguagem mais apropriada à seriedade dos assuntos abordados em *Casa Grande & Senzala*¹¹⁸.

Nicolazzi parece ter uma explicação que pode nos ajudar a compreender todo este contexto de embates modernistas e regionalistas existentes entre Mário e Gilberto. Para ele, o valor da obra de Freyre não foi tanto "oferecer uma via alternativa ao modernismo do sudeste, através de uma perspectiva regionalista que procurava se contrapor ao cosmopolitismo paulista, com todas as consequências disso resultantes", mas antes fornecer uma tentativa de "resposta convincente ao naturalismo sociológico, pelo menos à forma de escrita de forte teor cientificista, marcada pela distância e pela dicotomia entre linguagem de ciência e linguagem cotidiana"¹¹⁹.

¹¹⁴FREYRE, Gilberto. "Como e porque escrevi *Casa-Grande & Senzala*". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 706

¹¹⁵ DIMAS, Antônio. "Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 866.

¹¹⁶ Idem: 865.

¹¹⁷ Idem: 868.

¹¹⁸ Tal crítica foi feita por diversos outros leitores da obra, sendo este um assunto a ser abordado mais a frente, no momento em que discutiremos acerca da recepção de *Casa-Grande & Senzala*.

¹¹⁹ NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., 2006: 356.

Enfim, é perante a todo esse contexto intelectual que Gilberto Freyre, de certa forma, "se preparou" para escrever a obra que se tornou clássico da historiografia brasileira. Frente ao ambiente ensaístico e plena difusão do modernismo por todo o mundo, Freyre trouxe para o Brasil as concepções adquiridas por anos de estudos obtidos nos Estados Unidos, Inglaterra, França, dentre outros, e esboçou suas hipóteses a respeito das características que contribuíram para a formação de sua versão da família brasileira.

Como esforço de melhor compreendermos o caminho percorrido por Freyre até a publicação de *Casa Grande & Senzala*, precisamos ainda nos aprofundar no processo de escrita propriamente dito da obra, bem como o debate intelectual gerado nos anos após sua primeira edição. Toda essa exposição contribuirá para que possamos entender como foi a tentativa, por parte de Gilberto Freyre, de legitimar sua obra para que esta entrasse no rol das obras essenciais para a compreensão da história de nosso país. Para tanto, partiremos ao próximo tópico em que abordaremos a trajetória da obra de Freyre e como a mesma obteve eminente repercussão.

2 – Recepção e debate da obra de Gilberto Freyre entre os intelectuais brasileiros

Casa Grande & Senzala começou a ser escrita, efetivamente, com o exílio de Gilberto Freyre para acompanhar seu amigo, aquele que até então estava secretariando, o governador exilado Estácio Coimbra. De acordo com Edson Nery da Fonseca, estudioso e amigo de Freyre, este "começou a escrevê-lo [Casa Grande & Senzala] em Lisboa, onde viveu alguns meses dos anos de 1930 e 1931; continuou a redação na Universidade Stanford, que o convidara, em 1931, para ser professor-visitante; e o concluiu em 1933"¹²⁰. Esses longos três anos foram marcados por um exercício exaustivo de leitura e esforço interpretativo¹²¹.

¹²⁰FONSECA, Edson Nery da. **Gilberto Freyre de A a Z: Referências essenciais à sua vida e obra**. Rio de Janeiro: Zé Maria Editor, 2002: 44

¹²¹ Enrique Rodríguez Larreta e Guillermo Giucci demonstram bem a importância deste período para a escrita de *Casa Grande & Senzala*, bem como as essenciais leituras feitas por Freyre e expressas nos cadernos de resumos, principalmente no que diz respeito à colonização portuguesa. Eles chamam a atenção ainda pela necessidade de Freyre estabelecer um marco na historiografia brasileira: "Os cadernos manuscritos com os cursos de Freyre realizados em Stanford mostram a importância temática e bibliográfica dessa estada para o plano de *Casa Grande & Senzala*, especialmente as leituras sobre a história da colonização portuguesa. Enquanto o exílio e o Incêndio da casa paterna reforçam o projeto da reconstrução da vida perdida, a isso se soma, desde o convite de Stanford, a crescente vontade de estabelecer um marco na historiografia brasileira, tendo como referências Joaquim Nabuco e Oliveira Lima" (LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. "*Casa-Grande&Senzala*: os materiais da imaginação histórica" In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique

A leitura foi uma marca significativa na trajetória intelectual de Freyre, uma vez que este buscava sempre o conhecimento por meio dos livros. Para ele, uma boa leitura gerava uma boa viagem e também uma boa interpretação dos monumentos. Ele via a "cidade como um texto", noção esta vinda de Roland Barthes. Nesse sentido, a análise da biblioteca de Freyre é bastante profícua e muito nos revela acerca de seus primeiros passos: "o próprio vocabulário usado por Freyre ao se referir aos seus livros é bem indicativo de uma bibliofilia marcada pela intimidade"¹²². No período de exílio, por exemplo, de acordo com Pallares-Burke, ficar afastado de seus "irmãos", referência aos seus livros, teria representado o fator mais torturante desse período. Ainda segundo a autora,

o exame do que resta da biblioteca de Gilberto Freyre, bem como de suas referências a livros em geral, quer de sua propriedade quer não, revela que ele os valorizava talvez mais do que qualquer outro bem material, mas não os tratava com a reverência que se poderia esperar de um bibliófilo. Anotados, sublinhados, marcados de vários modos- linhas verticais (às vezes duplas ou triplas), cruces, parênteses, círculos envolvendo passagens etc. -, a lápis, caneta, ou mesmo aparentemente à unha, com várias formas de assinatura sendo ensaiadas de quando em quando aqui e acolá, como faria qualquer adolescente [...] ¹²³

Assim, foi a partir desse esforço intelectual que *Casa Grande & Senzala* foi publicado no final de 1933, sendo alvo, desde então, de diversas críticas, tanto às suas hipóteses quanto ao seu modo de escrita, como já mencionamos na seção anterior. De forma a identificar melhor tais comentários relacionados à obra de Gilberto Freyre, realizaremos uma breve apresentação do livro, lembrando que este não é nosso principal objetivo nesta dissertação.

Casa Grande & Senzala é distribuído em cinco capítulos, dos quais dois abordam especificamente a influência da cultura africana da formação da família e costumes brasileiros, um para abordar o indígena, também tentando identificar essa singular influência, além de outros dois capítulos para discutir acerca da participação dos portugueses na colonização brasileira, bem como seus antecedentes para tal. O primeiro capítulo tem por título "Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida", o segundo "O indígena na formação da família brasileira", o terceiro "O colonizador português: antecedentes e predisposições", o quarto "O escravo negro

Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 722

¹²² PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., 2005: 95.

¹²³ Idem: 94.

na vida sexual e de família do brasileiro" e, o quinto "O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação)"¹²⁴.

Para Gilberto Freyre, a colonização do Brasil não poderia ter sido realizada com semelhante "sucesso" se tivesse ocorrido com outro colonizador que não o português. Para ele, o português sempre uniu os antônimos, os extremos e, dessa forma, juntamente com o hibridismo de sua própria sociedade, abriu portas para a formação de uma sociedade igualmente híbrida e antagonista.

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos¹²⁵

Frente a esse contexto, Freyre acreditava que dois importantes fatores influenciaram na colonização dos portugueses, a mobilidade e a miscibilidade, ou seja, na concepção do autor, nenhum outro povo colonizador se misturou tão rápido e facilmente quanto os portugueses, pois, logo em seu primeiro contato foram se misturando "gostosamente" com mulheres de cor e gerando filhos mestiços. "A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi um processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas."¹²⁶

O indígena não ganhou amplo destaque em *Casa Grande & Senzala*, fator este identificado até mesmo devido os números de capítulos dedicados a cada uma das culturas abordadas por Freyre. No entanto, o autor chamou atenção para a importância cultural dos índios para a formação do povo brasileiro, destacando, principalmente, sua colaboração para o povoamento, já que os portugueses se "deliciaram" com as índias nuas. Ou seja, "A luxúria dos indivíduos, soltos sem família, no meio da índia nua, vinha servir a poderosas razões de

¹²⁴Essa divisão foi feita desde a primeira publicação da obra, no entanto, apenas duas palavras foram modificadas nas edições posteriores, no título do primeiro capítulo e o sentido do quinto. No título do primeiro a palavra Inicial era "Tendências" e não "Características", no quinto a palavra entre parênteses era, na primeira edição, "conclusão" e não "continuação", podendo representar, ao nosso ver, uma modificação a partir das críticas que afirmavam o fato da obra não ser conclusiva ou não apresentar conclusão.

¹²⁵FREYRE, Gilberto. Op. cit. 2006: 69

¹²⁶Idem: 71

Estado no sentido de rápido povoamento mestiço da nova terra"¹²⁷, objetivo este dos colonizadores naquele determinado momento. Segundo Freyre,

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho¹²⁸

Além da contribuição para o povoamento, Freyre acentua a colaboração do indígena com "rudimentares experiências agrícolas", porém, sem acreditar no que Manuel Bandeira defendia sobre o trabalho propriamente agrícola dos índios, considerando esta influência "quase insignificante desse esforço"¹²⁹. Freyre salienta também a contribuição dos indígenas em relação à dança, alimentação, religião, costumes da mulher, dentre outros que se encontram presentes na cultura do Brasileiro¹³⁰.

Já no que se refere ao negro na formação brasileira, Freyre escreveu dois longos capítulos na tentativa de explicitar a seus leitores a importância desse, bem como sua escravização por parte dos portugueses. O autor ressalta a constante presença da cultura africana em nossa sociedade e salienta, logo no início do capítulo IV, sua concepção de influência dos negros:

Na ternura, mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma cocêira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo¹³¹

¹²⁷ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 161.

¹²⁸ Idem

¹²⁹ Idem: 164.

¹³⁰ Freyre discorre sobre os costumes dos índios que ainda naquele período de escrita eram encontrados nos brasileiros, principalmente entre os moradores da zona rural do Brasil. Um exemplo era o ritual praticado: "Dos Índigenas parece ter ficado no brasileiro rural ou semirural o hábito de defecar longe da casa; em geral no meio de touça de bananeiras perto do rio. E de manhã, antes o banho. Um gole de cachaça com caju e às vezes um pelo-sinal para guardar o corpo precedem ordinariamente esse banho higiênico. O caju, para limpar o sangue. Toda uma liturgia ou ritual sanitário e profilático." (Idem: 182)

¹³¹ Idem: 367

Em face disso, percebemos que a "marca da influência negra", expressão utilizada por Freyre, está presente nos mais variados aspectos da cultura brasileira. Assim como o português, o africano se demonstrou, do ponto de vista freyriano, como povo adaptável ao clima tropical do Brasil, tal fator aliado à superioridade técnica e cultural, trazida por eles, em relação aos indígenas, vislumbravam mais uma vez o sucesso de nossa colonização¹³². Freyre considerava totalmente repugnante as teses que faziam apologia ao "arianismo" na formação do povo brasileiro. Dessa forma, chamava àqueles que adotavam tal perspectiva ou ignoravam a contribuição de outras culturas de "ignorante tal da biologia de raça"¹³³. Nesse sentido, por exemplo, criticou Oliveira Viana, afirmando que "sua apologia do 'arianismo', na formação étnico-social brasileira, chega a ser, em certos dos seus extremos, burlesca".

Freyre parte em defesa do negro ao abordar pesquisas que se referem à inferioridade do mesmo, uma vez que se tornavam cada vez mais constantes os estudos racialistas em todo o mundo. Por exemplo, foram divulgadas, nesse período, pesquisas que defendiam a hipótese do tamanho do crânio como o fator determinante para a superioridade ou inferioridade do ser humano. Tais estudos tinham como método investigativo o tamanho e o peso do crânio das raças brancas e negras, com isso, concluíram que o peso e tamanho do negro eram menores, portanto, consideraram os mesmos como raça inferior à branca¹³⁴. Entretanto, segundo Freyre, essas generalizações são descabidas, uma vez que, "já houve quem observasse o fato de que alguns homens notáveis têm sido indivíduos de crânio pequeno, e autênticos idiotas, donos de crânios enormes"¹³⁵.

Freyre evidencia ainda a importância do africano para a culinária, religião e, principalmente, a sexualidade, questão esta que ganhou bastante ênfase em sua escrita e repercussão da mesma. De acordo com o autor, a vida sexual do brasileiro obteve bastante influência do negro, a começar pelas chamadas "amas de leite", as quais amamentavam os

¹³²Ou seja, para Freyre "Pode-se juntar, a essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Seu gosto de sol. Sua energia sempre fresca e nova quando em contato com a floresta tropical. Gosto e energia que Bates foi o primeiro a contrastar com o fácil desalento do índio e do caboclo sob o sol forte do norte do Brasil"(Idem: 370), para concluir o fator que faltava para a consolidação da colonização portuguesa.

¹³³ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2002: 717

¹³⁴Para maiores conhecimentos e aprofundamento nessas questões ver: GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹³⁵ Idem: 378.

filhos dos senhores de engenho, passando também pelos casos desses senhores com as escravas negras, bem como das sinhás-donas e escravos¹³⁶.

O tema da sexualidade foi trabalhado por Freyre em todas as raças citadas em seu livro. No português havia seu entrelaçamento com as índias, acrescentado, posteriormente, com a vinda do africano para a colônia, ao sensualismo dos negros. Dessa forma, foi-se desenvolvendo em nosso país a miscigenação, a mistura de culturas que geraram a sociedade tal como o autor de *Casa Grande & Senzala* acreditava ser, representada por sua hipótese expressa logo nas primeiras páginas de seu prefácio à primeira edição, “Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição.”¹³⁷

Vale lembrar ainda da importância dada por Freyre à presença do negro no Brasil, uma vez que, para ele, foram os africanos que trouxeram alegria à cultura brasileira. Segundo ele

Foi ainda o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho; e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase doente na sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa "apagada e vil tristeza" em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinheiros, os carnavais, as festas de Reis.¹³⁸

Frente a essa breve exposição dos temas abordados por Gilberto Freyre, partiremos da culminância principal do presente capítulo: analisar de que maneira as respostas e justificativas de Freyre acerca de *Casa Grande & Senzala*, frente à construção intelectual e histórica da primeira metade do século XX, denotam uma tentativa de consolidação e validação de sua obra face aos seus interlocutores da época. Para tanto, partiremos para uma próxima etapa de nosso capítulo, no qual nos atentaremos à recepção tida a partir da publicação de *Casa Grande & Senzala*.

¹³⁶ Gilberto Freyre acreditava que esses casos entre as sinhás e os escravos estavam ligados à forma em que seus casamentos eram realizados, em sua perspectiva os senhores buscavam suas noivas nas "grossas paredes, a dos verdadeiros ralos de convento em que, nas casas-grandes, se guardavam as sinhá-moças", eles iam "colhê-las verdes o casamento: aos treze e aos quinze anos", ou seja, quando ainda nem haviam se desenvolvido fisicamente. Estas meninas caíam nas garras de "maridos da escolha ou da conveniência exclusiva dos pais. Bacharéis de bigodes lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, possibilidades políticas. Negociantes portugueses redondos da camisa, nos punhos e nos dedos. Oficiais. Médico. Senhores de engenho" (Idem: 423).

¹³⁷ Idem: 65.

¹³⁸ Idem: 551.

2.1 – Anos de efervescência: do prelo à publicação

Casa Grande & Senzala foi uma obra que causou reboliços no mundo intelectual antes mesmo de sua publicação de fato, no ano de 1933. Autores próximos de Gilberto Freyre já faziam questão de preparar os leitores para a inovação que estaria *porvir*. Rodrigo Mello Franco de Andrade, José Lins do Rego e Pedro Dantas foram alguns desses antecipadores da obra. Esses críticos publicaram suas concepções em forma de artigo de jornal, no Diário Carioca, no Boletim de Ariel e no Diário de Notícias do Rio de Janeiro, respectivamente.

Rodrigo Mello Franco de Andrade fazia parte do círculo de amigos de Freyre já mencionado neste capítulo. Ele era um daqueles que declaravam sentir-se desorientado quando o amigo se ausentava. Contribuiu, em algumas consultas bibliográficas e incentivo, para a construção da obra. O estímulo a Freyre para escrever *Casa-Grande & Senzala* tem parte da amizade com Andrade, como explicitamos acima.

O artigo de Andrade foi publicado em 20 de outubro de 1933, poucos meses antes da publicação da obra em dezembro do mesmo ano, com o mesmo título da obra a que se referenciava. Para Andrade, o livro era o melhor fruto obtido pela revolução acontecida em 1930¹³⁹ e traria ao Brasil a abordagem de problemas sociais que a todos interessariam, tornando-se, portanto, um livro de alcance na utilidade pública. Andrade anunciou: "o trabalho trata afinal de todos os problemas sociais de interesse capital para o país, com uma acuidade de inteligência e um conhecimento dos fenômenos examinados que emprestarão ao livro o alcance de obra de utilidade pública"¹⁴⁰

Andrade elogiou abertamente seu amigo, admirando sua pouca dinamicidade, seu talento voltado para a reflexão das várias leituras realizadas. Para o escritor do artigo aqui analisado, Freyre poderia muito bem ter escolhido escrever um livro mais simples a respeito de seus ensinamentos ministrados no período em que esteve em Stanford e, depois, continuar a publicar panfletos. Entretanto, segundo o autor, Freyre teria preferido deixar registrado na historiografia brasileira sua obra.

Para Andrade, apesar de Gilberto Freyre ter se construído intelectualmente em território estrangeiro, como já abordamos em tópicos anteriores, ele foi o "mais intensamente

¹³⁹ Tal fator já foi destacado anteriormente neste capítulo, já que, foi por meio do exílio ocasionado pela Revolução de 30 que Gilberto Freyre deu início à escrita de seu sonhado "marco histórico".

¹⁴⁰ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. "O mais Intensamente brasileiro dos nossos escritores". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 35.

brasileiro dos nossos escritores"¹⁴¹. A linguagem, o pensamento, a cultura e outros fatores, demonstravam, de acordo com Andrade, o quanto Freyre e sua escrita eram brasileiros:

Nele, não é apenas o estilo que impressiona pela feição marcadamente nacional da linguagem e sim também a natureza e a direção do pensamento, inconfundivelmente brasileiro. A cultura geral e a especializada adquiridas no estrangeiro enriqueceram-lhe enormemente a inteligência, sem deformá-la de modo algum. [...] Seu livro não é somente a obra de um especialista notável em sociologia, mas um livro em que a ciência e a intuição do sociólogo são guiadas pela sua profunda afinidade com o meio que constitui o objeto do estudo¹⁴²

Assim como outros críticos, seu amigo afirmou ter sido *Casa-Grande & Senzala* escrito em linguagem diferenciada dos livros até então publicados no Brasil, no entanto, apesar da forma de escrever mais branda, os assuntos abordados foram de seriedade notória por todos seus leitores. Assim, Freyre "escreveu um grande livro, cheio de conhecimentos sérios e de ideias nítidas, mas que se distingue também dos ensaios anteriores pelo seu valor excepcional como documento literário"¹⁴³. Dessa forma, o artigo que antecipou a publicação de *Casa Grande & Senzala* foi encerrado por seu amigo representando mais um incentivo à publicação da obra e uma valorização dos temas e abordagens trazidos pela mesma.

O segundo artigo, mencionado acima, foi publicado em 5 de novembro de 1933 por José Lins do Rego, mais um integrante do chamado, por Pallares-Burke, "clã" de amigos de Gilberto Freyre. Intitulado "O próximo livro de Gilberto Freyre", o artigo de Rego também realizou uma prévia da obra, mas também, aproveitou o espaço para consolidar elogios à trajetória de vida e intelectualidade de Freyre.

Rego afirmou ter acompanhado a vida do autor recifense desde sua meninice, e escreveu até mesmo um livro sobre Freyre, no qual alegava que, com seus escritos e dedicação à vida intelectual, "o Nordeste se descobria como pátria"¹⁴⁴. Freyre representava, para o autor, a junção de Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Alfredo de Carvalho, historiadores pernambucanos conhecidos pela historiografia brasileira.

Gilberto Freyre será talvez maior que todos estes. Não estou provocando escândalo dizendo isto. Ele tem consigo as grandes qualidades dos outros

¹⁴¹ Idem: 37. Expressão usada por Rodrigo Melo Franco de Andrade e escolhida por Edson Nery da Fonseca para nomear o artigo reproduzido em seu livro.

¹⁴² Idem. Vale ressaltar que mantivemos a grafia original das citações, com as regras ortográficas da época em que os artigos foram escritos.

¹⁴³ Idem: 38.

¹⁴⁴ REGO, José Lins do. "O próximo livro de Gilberto Freyre". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 40

três: a expressão literária de Joaquim Nabuco, o sentido de humor e a honestidade de Oliveira Lima, a intuição da verdade de Alfredo de Carvalho. E muito mais que todos, um senso crítico como nunca existiu em nós. Duvido que ninguém seja mais sério e mais arguto do que este provinciano¹⁴⁵

A escrita de Freyre representava, para Rego, mais humanidade que qualquer outro tipo de escrita que, a seu ver, até então era "pura memória". Ou seja, para o autor, Freyre trouxe vivacidade à escrita da história do Brasil, talvez não somente na forma de escrever, mas também em como a história estava sendo analisada pelos estudiosos daquele período. Por isso, Gilberto tenha sido considerado, por ele, "sem medo de afirmar uma barbaridade, que o primeiro grande historiador brasileiro vai sair de Pernambuco"¹⁴⁶.

Destacando a importância da Revolução de 30 para o Brasil, que, em seu ponto de vista, teria influenciado a escrita de *Casa Grande & Senzala*, José Lins do Rego termina seu artigo de enunciação da obra, sendo este mais um elogio à pessoa, à escrita e à intelectualidade de Gilberto Freyre que uma prévia dos assuntos que se tratariam o livro que seria publicado no mês posterior.

"Obra que revela perfeita intuição do fenômeno brasileiro", é este o título escolhido por Edson Nery da Fonseca para representar o artigo publicado, também, em 5 de novembro de 1933 por Pedro Dantas. Este autor escreveu vários elogios ao livro e ao cominho intelectual feito por Gilberto Freyre até a chegada de *Casa Grande & Senzala*, alegando ser escrito por pessoa com "vantagem cultural dirigida e, portanto, livre das hesitações, da desorientação e do retardamento dos autodidatas"¹⁴⁷. Do ponto de vista de Dantas, *Casa Grande & Senzala* veio nos representar e nos guiar, para que pudéssemos ser mais conscientes do que somos e daquilo que podemos chegar a ser. A obra de Freyre, portanto, foi para Dantas,

Estudo admirável da vida social no Brasil sob o regime de economia patriarcal, esse livro, que a par da mais segura e copiosa erudição, revela a perfeita intuição do fenômeno brasileiro, está destinado a representar para

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Idem: 41. José Lins do Rego lembra que "A História do Brasil até agora viveu de explorações e maus tratos. Rocha Pombo tratou-a como um marido estéril. Porto-Seguro como um esposo infiel, cometendo adultérios. Tivera ela grandes namorados, que lhe seriam ótimos matrimônios: Capistrano de Abreu e Alfredo de Carvalho" (Idem)

¹⁴⁷ DANTAS, Pedro. "Obra que revela perfeita Intuição do fenômeno brasileiro". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 43.

nós, e por muito tempo, a melhor das introduções ao conhecimento do que somos e do que condiciona o que podemos ser¹⁴⁸

Destarte, partindo da análise desses três artigos aqui supramencionados e discutidos, percebemos que a obra de Gilberto Freyre era esperada com ansiedade de leitura e prestígio, isto ao menos por aqueles que o autor obtinha maior proximidade. Especulações a respeito do assunto abordado no livro já nos diz que ele traria mudanças na forma de se analisar e escrever a história do Brasil, adotando visões diferenciadas a respeito da formação de nossa sociedade. Tal diferenciação foi tratada pelos anunciadores da obra como sendo fruto de seus estudos no exterior, como já abordado anteriormente neste capítulo.

Contudo, se *Casa Grande & Senzala* desde antes de sua efetiva publicação já era objeto de artigos, após dezembro de 1933 é que a obra se tornou tema de grandes discussões. As maiores críticas negativas recebidas foram aquelas que indagavam o modo de escrita de Gilberto Freyre, acusando-o de tratar um assunto de extrema seriedade com uma linguagem popular, ao invés de manter o padrão dos ensaios publicados até então. Houveram também diversas críticas relacionadas às suas teses esboçadas a respeito da formação da sociedade, autores com perspectivas diferentes que o acusavam de ter uma visão romantizada da colonização portuguesa, ou mesmo de generalização do modelo de colonização ocorrida no Nordeste para todo o restante do país¹⁴⁹.

Autores já conhecidos por Gilberto Freyre, alguns amigos e outros não, também publicaram artigos, nos anos imediatos após a publicação da primeira edição, para trabalhar a dinâmica de escrita e teses levantadas por ele em sua obra. São autores como Manuel Bandeira, Yan de Almeida Prado, Agrippino Grieco, João Ribeiro, Aníbal Fernandes, Afonso Arinos de Melo Franco, Roquette-Pinto, Ruy Coitinho e diversos outros que se debruçaram na análise de *Casa Grande & Senzala*. Para que possamos compreender melhor as questões abordadas por esses e outros críticos de Freyre, dividiremos em temas que foram trabalhados com maior recorrência entre eles.

2.2 – *Casa-Grande& Senzala e a linguagem*

¹⁴⁸ Idem: 43.

¹⁴⁹Essas críticas serão melhor trabalhadas em capítulos a frente, uma vez que são concepções dadas por autores como Nelson Werneck Sodré e Sérgio Buarque de Holanda.

Um dos temas mais abordados pelos críticos de Gilberto Freyre é a linguagem utilizada em sua obra. Como já mencionado acima, ele fora acusado de utilizar uma escrita muito singela para um assunto que, segundo alguns leitores, exigia maior seriedade na forma de se expressar. Afonso Arinos de Melo Franco publicou, logo em 15 de fevereiro de 1934, um artigo, também intitulado "Casa Grande & Senzala", no qual criticava a simplicidade da escrita da obra, segundo ele,

Numa obra como a de Gilberto Freyre, porém, sua língua deve ser simples e nossa, não julgo indispensável que seja chula, impura e anedótica, tal como aparece em tantas das suas páginas. É pouco técnico esse linguajar. Pouco científico. Da ao livro um aspecto literário que o seu assunto e as suas graves proporções não comportam.¹⁵⁰

Demonstrando uma consideração com Freyre, Afonso Arinos teve cuidado com suas palavras pesadas, para não ser compreendido de forma equivocada, ao expressar seu ponto de vista em relação à escrita do autor do livro. Ele afirma que "a linguagem de Gilberto Freyre devia ter um pouco mais de dignidade"¹⁵¹ ao tratar de assuntos tão importantes para a sociedade quanto aqueles de que se trata *Casa Grande & Senzala*. No entanto, Afonso Arinos não deixa de salientar que a leitura, o estilo da referida obra é "gostoso e agradável"¹⁵² e, por isso, caberia mais ao gênero de ficção do que ao de sociologia¹⁵³.

Outro autor crítico de Freyre e que publicou sua análise pouco depois da publicação da obra freyriana foi Plínio Barreto. Tal artigo foi publicado em 3 de março de 1934 com o título de "Um dos ensaios mais sólidos e interessantes de sociologia brasileira". Neste, além de esboçar seu pensamento a respeito do benefício da escravidão no Brasil, bem como elogiar a maneira em que a organização social foi retratada em *Casa Grande & Senzala*, ele cita diversos benefícios que trouxe a obra:

Aceitem-se, ou não, as conclusões a que o sr. Gilberto Freyre chega, verdade é que seu livro constitui um dos estudos mais sérios, pelo pensamento e pela erudição, sobre a formação social do Brasil. É enorme o número de questões históricas, antropológicas, psicológicas e sociológicas que ele examina, e

¹⁵⁰ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. "Uma obra rabelaisiana". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 84

¹⁵¹ Idem. Afonso se expressa "que ele não leve a mal este vocabulário, mas não encontrei outro que exprimisse melhor o meu pensamento" (Idem), até mesmo porque o mesmo afirma não ser um especialista em língua portuguesa.

¹⁵² Idem.

¹⁵³Essa ênfase é feita por outros críticos de Gilberto Freyre, uma vez que, para alguns dos escritores brasileiros do Início da século XX, a linguagem popular deveria ser utilizada somente em literaturas e, nas obras sociológicas, históricas, científicas deveriam se usar a norma culta da língua portuguesa. Trataremos melhor desse assunto logo mais a frente.

sempre o faz de maneira objetiva, com um critério rigorosamente científico e uma vontade inabalável de ser imparcial. A propósito do Brasil, do nosso passado, da nossa gente, poucos livros haverá que despertem tanta curiosidade e provoquem tantas reflexões¹⁵⁴

Em relação à linguagem, entretanto, Plínio Barreto censurou a leitura da obra de Freyre alegando que sua escrita não seria recomendada a todos os leitores, uma vez que, "o sr. Gilberto Freyre gosta de dizer as coisas nua e cruamente e escreve em português claro aquilo que os autores púdicos costumavam escrever em latim"¹⁵⁵. Ou seja, Freyre utilizou o português popular em sua obra, inovando e causando certo desconforto na camada intelectual da sociedade brasileira.

Mário Marroquim foi outro autor a publicar sua análise em 01 de abril de 1934, intitulado seu artigo "Vida literária brasileira antes e depois de Casa Grande & Senzala". Neste artigo, Marroquim também elogia a obra de Freyre e afirma ser *Casa Grande & Senzala* um marco na literatura brasileira, obra em que seu autor "não perde a amenidade do seu estilo, claro, simples, transparente"¹⁵⁶. Ele destaca, também, a mudança de estilo de escrita mencionado por Plínio Barreto e, critica a posição de Afonso Arinos em relação à sua concepção de linguagem que Freyre deveria ter abordado os assuntos em sua obra:

Como todo o moderno escritor do Brasil, libertou-se do classicismo da língua e do pudor do vocabulário, fazendo um livro bem brasileiro, ainda sob esse aspecto. Já houve crítico que o censurou pelos seus modismos e pela falta de "*certa dignidade*" da sua linguagem. É tabu da língua portuguesa que ainda faz mal assombrado nas nossas letras. É o bilinguismo literário teimando em conservar de pé fantasmas já desmoralizados; uma linguagem que não corresponde mais aos nossos meios de expressão. Gilberto Freyre sacudiu todas essas teias de aranha, arejou tudo, deixando que sua linguagem escrita seja aquilo que na realidade é a nossa linguagem falada¹⁵⁷

Percebemos análises da linguagem de Freyre em diversos outros artigos. Autores como José Antônio Gonsalves de Mello afirma que o estilo o agradou, pois, de acordo com ele, Freyre manteve pequeno o distanciamento entre escrita e fala do brasileiro, seu estilo é

¹⁵⁴ BARRETO, Plínio. "Um dos ensaios mais sólidos e Interessantes de sociologia brasileira". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 105.

¹⁵⁵ Idem: 106

¹⁵⁶ MARROQUIM, Mário. "Vida literária brasileira antes e depois de Casa Grande & Senzala". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985:111.

¹⁵⁷ Idem. Grifo nosso. Percebemos que Marroquim se refere diretamente à expressão usada por Afonso Arinos ao criticar o modo de escrita de Gilberto Freyre, o que significa que havia, também, uma leitura das análises de outros leitores da obra.

"cheio de brasileirismos, sem aspas nem em tipo diferente. Tudo natural. Coisa que em autores de livros do gênero do seu, ainda não se tinha visto entre nós"¹⁵⁸.

Já V. de Miranda Reis afirma não ser adequada a forma que escreveu Gilberto Freyre. De acordo com ele, dizeres como "era na rede que eles faziam longamente o quilo – palitando os dentes, cuspiendo no chão, arrotando alto..."¹⁵⁹, poderiam ser utilizado apenas por personagens,

Essa linguagem nada teria de estranha no romance, no conto, desde que viesse da boca das personagens. O autor da obra, e muito menos o dessa obra, é que não pode falar assim. [...] Mas foi, como se diz, na onda, aderiu à tolice de alguns gramáticos, logo aproveitada e explorada pelos que não sabem escrever; o que não se entende, absolutamente, como ele, que alia à sua competência nas chamadas ciências morais a qualidade de um escritor consumado, cujo estilo não precisa dessa "sintaxe" para ser o que é: um encanto¹⁶⁰

Gilberto Freyre, ao ler a crítica de Miranda Reis no folhetim "Boletim de Ariel", enviou um artigo resposta para o mesmo folhetim que o publicou em maio de 1935, cerca de três meses após a crítica. Nesse, Freyre elenca várias respostas acerca dos temas abordados por Miranda Reis, como a questão da vida sexual que é questionada por este de ser, entre os civilizados, menos repreendida que entre os primitivos, o contrário do que Freyre defendia, pois, ele acreditava ser, entre os primitivos, a vida sexual menos censurada que entre os civilizados.

Outro fator respondido pelo autor de *Casa Grande & Senzala* foi sua hipótese relacionada ao masoquismo, entendida por Miranda Reis e Afonso Arinos como não peculiar ao Brasil e defendida desta forma pelo autor recifense. Este, por sua vez, afirmou não ter restringido o masoquismo ao Brasil, pois, "encontra-se em outros povos, derivados de outras causas ou melhor, condicionado por outras influências sociais"¹⁶¹.

¹⁵⁸ MELLO, José Antônio Gonsalves de. "Ele viu o Brasil nu". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985:122. A primeira versão desse pequeno artigo foi publicada em maio de 1934.

¹⁵⁹ REIS, V. de Miranda. "título ilegível" In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 148.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ FREYRE, Gilberto. "Pontos em acerto II". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985:302.

Outras questões foram respondidas, tais como a não peculiaridade do Brasil a respeito de misticismos e sensualidade que, segundo o crítico teria ficado expresso esta peculiaridade em *Casa Grande & Senzala*. Quanto a isso, Freyre afirmou: "apenas salientei a sua maior vivacidade entre nós, devida a causas sociais próximas a contatos mais recentes com culturas primitivas e com o mato virgem, cheio de mistério"¹⁶². Com ironia, uma constante em Freyre, ele responde também à crítica acerca dos erros gramaticais, "erro, erro de gramática, e dos mais tremendos. O bom Deus que me perdoe na sua alta misericórdia e, abaixo de Deus, o Dr. Laudelino"¹⁶³. Já sobre a crítica à linguagem, a qual citamos acima, Freyre a respondeu claramente direcionada ao trecho em que Miranda Reis o critica e citado por nós:

A linguagem de uma conferência mundana não me parece que possa ser a mesma de um livro. No livro o autor não tem os deveres sociais que o limitam numa conferência, com muita senhora chic ou respeitável olhando para ele e atenta às suas palavras, embora indiferente às suas idéias. São considerações muito burguesas, estas, mas me confesso orientado por elas quando me encontro - o que aliás é raro - perante platéias mundanas, fazendo conferências¹⁶⁴

Ou seja, na concepção de Gilberto Freyre, ao contrário da expressa por Miranda Reis, a linguagem de uma conferência deve ser mais casta que aquela utilizada para a escrita de um livro, portanto, é perfeitamente aceitável, na visão de Freyre, o uso de frases livres nos livros que, não necessariamente, saiam das bocas dos personagens dos mesmos.

Ainda tratando a respeito da linguagem utilizada em *Casa Grande & Senzala*, diversos outros críticos elogiaram ou questionaram seu uso. A título de exemplo citamos Saul Borges Carneiro que acreditavam que o livro era digno de premiação¹⁶⁵. Outros, como seu amigo José Lins do Rego agradeciam a Freyre por ter nos fornecido "melodia nova que ele trouxe para a nossa língua"¹⁶⁶. Mesmo dez anos após a publicação da primeira edição críticos continuavam a destacar a diferenciação da escrita do referido autor. Por exemplo, Olívio Montenegro ainda

¹⁶² Idem: 303.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Idem: 305.

¹⁶⁵ De acordo com o artigo publicado com o título de "A ciência nova criada por Casa Grande & Senzala" no livro de Edson Nery, "mesmo, porém, que *Casa Grande & Senzala* tivesse sido escrito com o mau gosto de um discurso acadêmico ou com a sensaboria de um relatório de diretor geral, restaria ainda o miolo, a polpa, é de primeira ordem" e, este mereceria uma premiação pelo fato. (CARNEIRO, Saul Borges. "A ciência nova criada por Casa Grande & Senzala". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 156. O artigo original foi publicado em 1935.

¹⁶⁶ REGO, José Lins do Rego. "Um Nietzsche falando sobre negros, índios e portugueses" In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985:178. O artigo original foi publicado março de 1937.

em 1943 publicou um artigo detalhado sobre sua análise da obra freyriana. Nesse, ele destacou seu encantamento pelo vocabulário do autor, apesar deste não ser abundante¹⁶⁷. Outro autor foi Alberto Alvim Corrêa, defensor do fato de que "o mérito de um escritor não consiste em escrever como os melhores que o precederam, mas antes em obter da língua possibilidades que a associam a novas experiências da inteligência e da sensibilidade"¹⁶⁸.

Em suma, ao expor o ponto de vista desses autores, críticos de *Casa Grande & Senzala*, podemos perceber a polêmica causada pela obra tanto nos anos imediatos após sua publicação quanto alguns anos depois. Os assuntos abordados por estes críticos parecem ser constantes também na bibliografia atual dos estudiosos da obra do intelectual em questão, uma vez que foram e continuam sendo assuntos recorrentemente tratados por aqueles que se debruçam na pesquisa intelectual de Gilberto Freyre.

Dessa forma, em face desse contexto apresentado, é inegável que a linguagem adotada por Freyre em *Casa Grande & Senzala* representou um dos marcos da mudança na forma de se escrever obras históricas, sociológicas, literárias, científicas, dentre outras áreas do saber, no Brasil. Ao adotar uma linguagem menos acadêmica para tratar sobre a formação do mesmo povo, o autor inovou e, por isso, a grande polêmica que envolveu, e continua envolvendo, sua obra. Frases como "Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar"¹⁶⁹, ou "da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem"¹⁷⁰, são fontes originais das críticas aqui expostas.

Diante disso, Gilberto Freyre, na tentativa de validar sua linguagem utilizada, bem como sua obra, estruturou um texto intitulado "Como e porque escrevi *Casa Grande & Senzala*"¹⁷¹, neste, o autor pôde justificar a escrita da obra e apresentar argumentos que legitimam tanto suas teses quanto sua maneira de expressá-las. De acordo com ele, o motivo

¹⁶⁷ Consoante com Olívio Monteiro, o que lhe encantou na escrita de Gilberto Freyre teria sido o realismo de seu vocabulário, "foi o seu estilo o que me surpreendeu: a docilidade com que as palavras pareciam se render voluptuosamente aos apelos menos prosódicos e mais musicais da sua idéia" (MONTEIRO, Olívio. "História feita poeticamente". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 208.

¹⁶⁸ CORRÊA, Roberto Alvim. "O Proust da sociologia". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 224.

¹⁶⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 72.

¹⁷⁰ Idem: 367. Vale lembrar que essas frases aqui citadas são apenas trechos exemplares da linguagem adotada por Freyre que mistura o linguajar popular e o científico de forma tão natural em *Casa Grande & Senzala*.

¹⁷¹ Esse texto foi publicado inicialmente em seu livro *Como e porque sou e não sou sociólogo* e reproduzido na edição crítica de *Casa Grande & Senzala*.

da escolha de uma linguagem mais acessível foi a assimilação de valores, demonstrando que, também, não somente em sua formação, a sociedade brasileira é coberta de antagonismos.

Nesse sentido, Freyre questionou os críticos que alegaram o não conhecimento por parte dele, dos clássicos da língua portuguesa. Adotou um tom irônico para sua resposta, questionando a crítica que recebera sobre ter escrito de forma tão "chula". Dizia ser curioso ter escrito tão mal e, mesmo assim, ter alcançado tanto prestígio e ter sido considerado um avanço para a análise do assunto, além de ter recebido diversos prêmios.

Como se explica o destino de um livro que, mesmo assim considerado, quanto à sua linguagem, por mestres eminentes de feição acadêmico, conquistaria para o seu autor o título de membro da Academia Portuguesa de História – outrora Real e vinda do erudito século XVIII – e láureas de outras academias e institutos tradicionais como o do Equador, também vinda do século XVIII, a Universidade de Coimbra – há sete séculos mestra do mundo de língua portuguesa -, a Academia Brasileira de Letras, a Academia Paulista de Letras, a Academia Pernambucana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico, o Instituto Arqueológico de Pernambuco, a Academia Internacional de Cultura Portuguesa? E por que o escreveu o autor servindo-se de palavras tão chulas para os ouvidos de letrados requintadamente elegantes e castamente acadêmicos? Por não saber a língua materna senão o trivial? Por desconhecer os clássicos? [...]¹⁷²

A escrita de Freyre se justifica na medida em que ele expressou os antagonismos de nossa sociedade até mesmo na escolha seu modo de escrita. Freyre acusou, ainda, seu principal crítico, Afonso Arinos, de sua linguagem, ao ser julgada como "chula" e "vulgar", "melindraram a sensibilidade elegantemente acadêmica do Professor" e, sua "inclinação, da parte do mesmo autor, pela vulgaridade; ou evidência da sua ignorância dos clássicos"¹⁷³. Assim, fica evidente o esforço por parte de Gilberto Freyre em defender sua obra e legitimá-la perante seus críticos que ressaltaram o modo diferenciado dele expressar sua obra. No entanto, essa foi apenas uma das críticas mais recorrentes à *Casa Grande & Senzala* e seu autor. Por isso, partamos para mais uma questão bastante ressaltada por seus leitores.

2.3 – *Casa Grande & Senzala* e sua (in)conclusão

Outra crítica bastante constante entre os leitores de *Casa Grande & Senzala*, principalmente no período compreendido pelas primeiras décadas após a publicação da

¹⁷² FREYRE, Gilberto. Como e porque escrevi *Casa-Grande & Senzala*. In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 706.

¹⁷³ Idem: 707.

primeira edição da obra, refere-se à falta de conclusão na obra de Gilberto Freyre. A alegação é que, mesmo com um livro extenso e que tratou de assuntos-chave para a compreensão da história do Brasil, seu autor não teria conseguido dar um fim, uma articulação final a todos os temas ali abordados. João Ribeiro, já em janeiro de 1934, pouco tempo após a divulgação do livro, alertou os futuros leitores da dificuldade enfrentada por ele de encontrar uma conclusão na obra freyriana.

De acordo com Ribeiro, por mais que *Casa Grande & Senzala* seja de conteúdo de extraordinário valor, o autor não pareceu ser daqueles que conseguem ser sucintos, ou mesmo chegar à conclusão do assunto. Para ele, ao contrário de Afonso Arinos, Gilberto Freyre não escreveu mal, "pelo contrário, escreve bem, muito bem mesmo, com acentuada elegância"¹⁷⁴, no entanto, faltou-lhe a capacidade de finalizar sua obra.

Mas é desses escritores que não sabem acabar. O seu livro, conquanto grande (mais de quinhentas páginas), não conclui: as paredes esboçam uma cúpula que não existe. Convergem para a abóbada que fica incompleta e imaginária. É um livro de nunca acabar, como certos contos *folclóricos* sem fim. Poderia escrever outro e outros volumes, sem esgotar o mesmo tema¹⁷⁵

Os assuntos trabalhados por Freyre, talvez, merecessem mais alguns capítulos, com o intuito de serem esgotadas as hipóteses do autor, como afirmou Afonso Arinos¹⁷⁶, ou mesmo, como fez Freyre, escreveu uma trilogia que abarcava toda a construção da sociedade brasileira. Porventura, *Casa Grande & Senzala* representaria mesmo, como defendia o autor, apenas o início de um trabalho intelectual a respeito desse povo híbrido que começou a se formar com a colonização dos portugueses e continuou mesclando-se com as mais diversas culturas ao longo de sua constituição. Na visão de Afonso Arinos, Freyre realizou ótima explicação e exposição da influência das três culturas, porém, não conseguiu demonstrar efetivamente o que elas representaram de concreto em nossa história.

Olívio Montenegro também tratou das (in)conclusões do livro recém publicado e afirmou que "não sei de livro que encerre mais conclusões do que *Casa Grande & Senzala*". Diferentemente dos autores supramencionados, Montenegro acreditou ter sido a obra freyriana bastante conclusiva em seus assuntos, já que, em sua perspectiva, nossa sociedade "era um novelo doidamente embarçado, e que o sr. Gilberto Freyre acaba de desembaraçar

¹⁷⁴ RIBEIRO, João. "Poderosa poesia e profunda metafísica de uma obra metapolítica". In: FONSECA, Edson Nery da. *Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 76

¹⁷⁵ Idem: 76-77

¹⁷⁶ Segundo Afonso Arinos de Melo Franco, o livro "de Gilberto faltam dois ou três capítulos finais de síntese sociológica e de conclusões políticas" (FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Op. cit., 86)

de ponta a ponta, com uma sagacidade, uma precisão, e uma lucidez de pontos de vistas"¹⁷⁷. Além disso, Montenegro também comenta a respeito da linguagem de Freyre em sua obra, afirmando:

Um livro, este *Casa Grande & Senzala*, que se o vocábulo não estivesse tão degradado pela libertinagem demagógica, eu diria o mais patriótico que já se publicou no Brasil, e que concluiu antes de tudo pelo seguinte que não somos uma raça menos forte do que as outras, e que ao lado das condições de clima e de etnologia concorre um sem número de outros fatores de ordem social a que somos fáceis de nos ajustar pela índole da nossa história, e pelas disposições do nosso temperamento¹⁷⁸

Nesse sentido, podemos compreender a afirmação de Freyre já mencionada no presente trabalho¹⁷⁹, admitindo não ter conseguido findar toda a discussão que envolveu o desenvolvimento das tradições e costumes desse povo diversificado, ao qual ele adota como principal estudo. Ou seja, desde a escrita do prefácio à primeira edição da obra, seu autor já compartilhava com seus leitores a noção de uma possível não conclusão geral de suas hipóteses, e que seriam necessários ainda um maior aprofundamento dos assuntos ali abordados em posteriores estudos. Por isso, pouco tempo depois Gilberto Freyre publicou *Sobrados & Mucambos* e, depois de mais algum tempo, *Ordem & Progresso*, finalizando assim, suas intenções iniciais de tratar o problema da formação de seu país.

2.4 – *Casa-Grande & Senzala* e a miscigenação

Fator de muita polêmica na obra freyriana foi o modo como o autor trabalhou a questão racial no Brasil. Essa crítica se deu tanto em análises imediatas à publicação quanto em posteriores, sendo que até os dias atuais encontramos autores discutindo a respeito de Freyre, racismo e democracia racial. Nos anos iniciais após a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, se estranhou um autor falar tão abertamente sobre a questão racial, enfatizando, principalmente, a influência da cultura africana. Posteriormente, a acusação era de que o autor seria racista, pois, encarava a escravidão de forma amigável, minimizando a brutalidade e todos os sofrimentos trazidos pela escravidão ao negro.

¹⁷⁷ MONTENEGRO, Olívio. In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 93

¹⁷⁸ Idem: 96.

¹⁷⁹ cf. Introdução do presente trabalho.

Ao que nos parece, esta visão de um Gilberto Freyre racista teria nascido logo em seu prefácio à primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, no qual este proporciona margens àquilo que adotava por concepção de raça quando ainda estava nos Estados Unidos:

Vi uma vez, depois de quase três anos maciços de ausência de Brasil, um bando de marinheiros nacionais –mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se de São Paulo ou de Minas pela neve mole de Brooklin. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um viajante inglês ou americano que acabara de ler sobre o Brasil: ‘the fearfully mongrel aspect of the population’. A miscigenação resultava naquilo”¹⁸⁰

Porém, essa cena foi expressa pelo autor para demonstrar a origem de seu pensamento em relação à mistura de raças que acontecia no Brasil. Não estamos afirmando que esse trecho não demonstre preconceito da parte de Gilberto Freyre, e sim, que foi a partir dessa cena, dentre outras ideias, que o interesse de estudar o fenômeno da miscigenação se mostrou profícuo ao autor, uma vez que este afirmava ter ficado sua geração como a responsável para resolver questões seculares que envolviam a colonização do Brasil.

Não é descartável a afirmação de que Freyre tenha adotado concepções racistas, pois, em seu meio intelectual essas questões eram bastante debatidas, visto que havia uma efervescência de ideias raciais que consideravam a inferioridade de algumas raças. Pallares-Burke afirmou com veemência que o compartilhamento dessas ideias foi apenas temporário e considerados "como compreensíveis e relativamente generalizadas no contexto de uma época imersa na difícil e controversa questão da raça"¹⁸¹. A autora nos expõe também a simpatia de Freyre para com líderes como Benjamin Ryan Tillman (que foi governador da Carolina do Sul e também deputado do Partido Democrata), um dos mais violentos líderes dedicados a impossibilitar a liderança de qualquer negro.

Segundo a autora, Tillman assistiu à morte de um negro como quem prestigiava uma apresentação de tiro ao alvo. Assim, a partir da leitura da história de Tillman, Freyre, sem enaltecê-lo, mas também sem criticá-lo, lembrou-se de possíveis vantagens de ter líderes como ele no Brasil¹⁸².

¹⁸⁰ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 31.

¹⁸¹ PALLARES -BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit, 2005: 313.

¹⁸² De acordo com a autora, o trecho em que Freyre demonstra tal Interesse em possuir mais pessoas como Tillman no Brasil foi publicado do Diário de Pernambuco com o seguinte recorte: "restos de senhores de engenho ... também estes poderiam constituir-se em séria força de ação, se os animasse uma forte vontade de 'leader' como a de Tillman, organizando-os contra o mandonismo de usineiros ausentes de terras e desdenhosos de gentes rurais e contra a exploração dos demagogos e a sociologia de varanda de primeiro andar dos oradores de todo retóricos" (FREYRE *apud* PALLARES-BURKE: 313)

Tais concepções foram publicadas por um Freyre ainda em constantes questionamentos internos a respeito de suas hipóteses em relação à mestiçagem, já que a posição entre os autores lidos por ele eram as mais divergentes possíveis. Somente após a leitura, mais uma vez influente, de autores ensaístas britânicos, é que foi possível a libertação de Freyre dessas concepções racistas da época, provocando a republicação de textos sem os trechos em que eram desenvolvidas as mesmas. Ricardo Araújo Benzaquen afirmou que a superação de Freyre dessas ideias racistas foi demonstrada em *Casa Grande & Senzala* ao ser apresentada a defesa da miscigenação

do negro, do português e – em menor escala – do índio, dessa forma Freyre ganha forças não só para superar o racismo que vinha ordenando significativamente a produção intelectual brasileira mas também para tentar construir uma outra versão da identidade nacional, em que a obsessão com o progresso e com a razão, com a integração do país na marcha da civilização, fosse até certo ponto substituída por uma interpretação que desse alguma atenção à híbrida e singular articulação de tradições que aqui se verificou¹⁸³

No entanto, foi a partir do desenvolvimento da defesa da miscigenação brasileira que Freyre caiu, segundo Benzaquen, na ideia de docilidade entre as relações dos senhores e escravos, evocando assim, a suposta "democracia racial" tão indicada como original dos escritos freyrianos. Nilo Odália, estudioso da obra de Freyre, partiu em defesa do mesmo ao se deparar com essas críticas, pois, segundo ele, aqueles que acusaram o autor de racista, ou mesmo de propagar a "democracia racial" não tiveram uma leitura e análise profunda da obra¹⁸⁴.

Essas críticas vieram também logo após a publicação da primeira edição. Alguns estranharam a forma com que Freyre abordou a influência dos negros na cultura brasileira, como expressou Agripino Grieco, ao afirmar que o autor foi "justo ao louvar o negro, se bem que às vezes com excesso, em detrimento do mito do índio"¹⁸⁵. Esse elogiou a abordagem de Freyre que enfatizou a participação do negro em nossa cultura, o autor enfatizou, "o negro foi

¹⁸³ BENZAQUEN, Ricardo Araújo. Op. cit., 1994: 30

¹⁸⁴ De acordo com Nilo "1ª) os autores dessas críticas dão a impressão de que não leram Gilberto Freyre, pois esquecem sua Insistência em mostrar que o fato fundamental que determina, em grande parte, a natureza das relações entre brancos e africanos é o sistema escravista. E o sistema escravista, aqui ou nos Estados Unidos, é sempre trágico e doloroso. 2ª) alguns brasilianistas, quando vêm ao Brasil para estudar o sistema escravista, parecem vir com uma única preocupação: saber por quê os conflitos raciais no Brasil não são tão violentos quanto nos Estados Unidos. Frustrados por não entenderem esse fenômeno, criticam autores como Gilberto Freyre e, talvez, se conhecessem criticariam Varnhagen, porque ambos estão empenhados em mostrar que o homem brasileiro é o fruto da miscigenação biológica e cultural das três etnias." (ODALIA, Nilo. **Gilberto Freyre – uma Interpretação etno-cultural do Brasil**. São Paulo, 2001: 68.

¹⁸⁵ GRIECO, Agripino. "Obra vigorosa de ciência e arte". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 69.

o fato supremo da nossa história, foi ele quem construiu tudo por aqui. O negro foi o café e o açúcar, que foram e são tudo no Brasil"¹⁸⁶.

Outros autores também destacaram a questão racial das páginas de *Casa Grande & Senzala*, elogiando o destaque dado aos benefícios vindos com a escravidão, mesmo que esta seja sempre uma desumanidade. Com a escravização dos negros vieram juntos todos os aspectos de uma cultura que contribuíram para a formação da sociedade híbrida brasileira que tanto defendeu Gilberto Freyre. Autores como Plínio Barreto afirmaram tais benefícios, já outros, como Ruy Coutinho, elogiaram a maneira com que o autor tratou os negros não como "elementos inferiores mas inferiorizados por condições de cultura, e critica com muita razão essa idéia de inferioridade do negro e do mulato, tão comum entre nós"¹⁸⁷.

A essas críticas, a defesa de Freyre veio mesmo nas próprias páginas de *Casa Grande & Senzala* ao enfatizar o seu ponto de vista negativo em relação às teorias que alegavam a inferioridade de certas raças. Para ele, não existiam civilizações inferiores ou superiores "mas diferentes, não tem raças inferiores mas com capacidades diferentes, devidas a uma quantidade enorme de fatores, entre os quais convém não esquecer fatores fisiológicos próprios, peculiares e porventura inalienáveis"¹⁸⁸. Em sua concepção, seu trabalho foi o mais vivenciado possível, já que foi "enriquecido pelo contato do mesmo autor com a plebe do seu país; com descendentes de escravos"¹⁸⁹.

Nesse sentido, percebemos a tentativa de Freyre em defender suas abordagens e, mesmo com as críticas referentes a seu racismo, ele não retirou os trechos questionados e continuou enfatizando a vantagem da escravidão dos negros para o Brasil, uma vez que vieram com estes as várias comidas, danças, tradições religiosas que até hoje perpetuam em nossos costumes brasileiros. Acreditamos que as críticas mais duras em relação ao "mito da democracia racial" foram se intensificando ao longo dos anos, visto as modificações das concepções de raça. Dessa forma, a abordagem da miscigenação feita por Gilberto Freyre pode ter sido o pontapé inicial de um debate até hoje existente.

Ao apresentar a forma, por vezes doce, em que a relação senhor-escravo se dava nos arredores da casa-grande e da senzala, Freyre parece não ter tido o objetivo de diminuir a

¹⁸⁶ Idem: 70

¹⁸⁷ COUTINHO, Ruy. "O problema da nutrição no livro de Gilberto Freyre". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 125-126.

¹⁸⁸ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt Ltda, 1993: 437.

¹⁸⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2002: 708.

frustração, violência e consequências vindas com a escravidão, e sim ressaltar as vivências amorosas e mistura de culturas presenciadas pelos espaços das fazendas daquele período. Devemos ainda nos lembrar da mudança de pensamento de Freyre esboçada acima, e lembrar também que, o mesmo compartilhou ideias extremistas em relação às raças e, ao voltar ao Brasil foi frequentador de festas e terreiros de candomblé.

Freyre ainda se posicionou perante aqueles que defendem uma predominância da raça branca na colonização do Brasil, pois, acreditou ele que, mesmo que o colonização tenha atingido o sucesso com os portugueses, tal sucesso teria sido alcançado devido à miscigenação desse povo. Ou seja, o processo colonizador do português somente deu certo por este obter influências de várias outras culturas que os proporcionaram capacidade de colonizar um país tropical. Nesse sentido, Freyre criticou o trabalho de Oliveira Viana, uma vez que, em sua concepção, ele era "um ignorante tal da biologia de raça que sua apologia do 'arianismo', na formação étnico-social brasileira, chega a ser, em certos dos extremos, burlesca"¹⁹⁰. Ele se mostrou totalmente indignado pela tentativa de defender uma presença totalmente ariana em nosso país, por isso, ele afirmou:

Ainda que noviço, eu próprio, ao opor à apologia do ariano na formação étnico-social do brasileiro, tentada por Oliveira Viana, uma quase apologia - na realidade, um sistemático esforço de reabilitação - do conjunto dos não arianos presentes nessa formação, e, até então, de ordinário esquecidos, uns mais outros menos, por historiadores e sociólogos especializados no estudo quer da do Brasil, quer da dos povos ibéricos - o mouro, o judeu, o oriental, o ameríndio, o negro africano de várias origens - vi-me obrigado a investir contra o "arianismo" do autor de *Populações Meridionais do Brasil*¹⁹¹

Em face desse contexto de defesa de suas ideias, afirmamos nossa hipótese de que a constante tentativa de defender tais ideias denotam uma tentativa de consolidação e validação de sua obra no meio intelectual da época. Uma vez que ele insistentemente tenta mostrar a seus leitores seus posicionamentos perante aqueles que não acreditam na enorme influência de outras culturas na constituição de nossos costumes. Freyre toma frente a sua concepção de uma sociedade pautada em antagonismos de costumes, religião, dentre outros vários fatores.

Importante também frisarmos que Gilberto Freyre recebeu diversas outras críticas referentes à *Casa Grande & Senzala*, tanto no que diz respeito aos muitos erros ortográficos e de repetição das primeiras edições, quanto à sua abordagem sexualizada das relações das raças aqui constituintes, bem como à crítica ao gênero ensaístico, ou mesmo à história mais

¹⁹⁰ Idem: 717.

¹⁹¹ Idem

anedótica que científica. De acordo com Freyre, os brasileiros possuíam uma atração sexual muito forte pelas negras e mulatas que, por vezes, necessitavam da presença destas para se sentirem excitados com suas esposas, este fato seria consequência da amamentação dada a eles pelas negras. Para o crítico J. Fernando Carneiro, autor de artigo publicado em 1937, o "ato de mamar nada tem a ver com o caso. O que os psicólogos modernos dizem, e particularmente os psicanalistas, é que o ato de mamar tem influência no caráter do indivíduo, não nas suas preferências por tipos femininos"¹⁹².

Gilberto Freyre estava ciente das possíveis críticas que podia receber ao publicar *Casa Grande & Senzala*, nesse sentido, estava preparado para defendê-la. Ele tentou escrever uma obra inovadora que poderia ser a base de estudos para os assuntos ali abordados. Ele escreveu sua obra na tentativa de solucionar as dúvidas em relação à colonização e constituição do Brasil. Tentou responder à necessidade vista de um estudo como o dele que retrataria a miscigenação e a valorização da mesma.

Consistia esse projeto em uma tentativa de nova interpretação daquele passado e daquele *ethos* à base de um estudo, ao mesmo tempo antropológico e histórico, das relações ao meio – meio físico, meio social – do Brasil, primeiro pré-nacional, depois nacional, experimentados não por adultos conspícuos pelo seu *status*, isto é, pelas suas posições de domínio no conjunto social brasileiro de então, mas por párvulos ou meninos, dominados ou oprimidos, como suas mães e quase como os escravos, por tais adultos; mas, nem por isto, figuras sociologicamente desprezíveis, para quem tentasse aquela espécie de reinterpretação do passado íntimo de um povo, considerando, em crônicas históricas e em evidências antropológicas, o papel desempenhado na formação brasileira, por aqueles mesmos párvulos¹⁹³ (p. 709-710)

Destarte, é a partir do exposto cenário de debate intelectual, seja da ascensão do modernismo, do ensaísmo ou do regionalismo artístico, literário e científico, que se constituiu, se apresentou e se debateu nosso objeto central de pesquisa: *Casa Grande & Senzala*. Face às diversas críticas, comentários, elogios e desafios impostos por seus interlocutores e pares, Gilberto Freyre modificou substancialmente partes fundamentais de sua obra, que, embora o texto principal pareça ser o espaço primordial para tais alterações, foram nos prefácio e notas de rodapé que seus argumentos, modificações e debates apareceram com maior destaque. É, portanto, nesses espaços aparentemente periféricos (prefácios e notas) que nos atentaremos, no fito de reconstituição dos principais argumentos e defesas que Freyre se dispôs naquilo que

¹⁹² CARNEIRO, J. Fernando. "Comentários à margem de um grande livro". In: FONSECA, Edson Nery da. *Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 187-188.

¹⁹³ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2002: 717-718.

acreditamos ser uma tentativa de consolidação e defesa de sua obra como um clássico na historiografia brasileira.

Capítulo II

"OS TEXTOS ANTES DO TEXTO": O USO DOS PREFÁCIOS E A CONSOLIDAÇÃO DE *CASA GRANDE & SENZALA*

Perante a grandeza de *Casa Grande & Senzala* não seria de se estranhar a quantidade de novos prefácios escritos por seu autor, bem como a profundidade de seu prefácio à primeira edição. A maioria das novas edições de seu livro foi contemplada por ao menos duas novas páginas de explicações acerca de sua polêmica. A cada edição publicada, uma nova tentativa de defesa era criada por Freyre neste espaço, que seria o prefácio, tão contraditório em sua funcionalidade por parte de tantos autores. Até a décima segunda edição, publicada em 1963, foram escritos sete novos prefácios (segunda, "terceira"¹⁹⁴, quarta, quinta, sexta, nona e décima edições).

Nesta linha de raciocínio, o que intentamos realizar neste capítulo é uma análise dos prefácios de *Casa Grande & Senzala* de forma a nos atentarmos às mais variadas estratégias de defesa de Freyre para o estabelecimento da legitimidade de sua obra. Destacaremos, também, a discussão da importância e funcionalidade de um prefácio nas mais diversas obras, bem como os acréscimos nas notas de rodapé do prefácio à primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, uma vez que elas também foram modificadas ao longo dos anos. Para tanto, dividiremos o capítulo em três tópicos principais: 1. O prefácio original de *Casa Grande & Senzala*; 2. Novos prefácios e consolidação de *Casa Grande & Senzala* e; 3. As modificações nas notas de rodapé do prefácio original de *Casa Grande & Senzala*.

1. O prefácio original de *Casa Grande & Senzala*

A palavra prefácio já explica tanto sua posição em um livro quanto sua função, ou seja, é um texto antes do texto, localizado anterior ao mesmo e que prefigura aos leitores o que está *por vir*. Assim, Gilberto Freyre levou ao pé da letra tal funcionalidade em seu prefácio à primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, já que parte dele foi utilizada para

¹⁹⁴ Como já explicitado anteriormente, a terceira edição foi publicada sem o conhecimento do autor e, por isso, não foi contemplada por nenhuma modificação. Quando teve conhecimento da nova edição o autor escreveu "Quase um prefácio à terceira edição", sendo que este foi anexado às demais reedições à partir da quarta edição de *Casa Grande & Senzala* quando o editor passou a ser a José Olimpyo Editora.

apresentação do caminho percorrido por Freyre até a culminância de sua escrita. Ele iniciou o texto anunciando o período de maior inspiração para sua composição: "Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete"¹⁹⁵.

Apesar de já refletir a respeito de todas as questões abordadas em sua obra desde sua temporada de estudos nos Estados Unidos e Europa, foi somente com o exílio, no qual foi acompanhar o então governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, que Freyre iniciou sua jornada rumo à publicação de *Casa Grande & Senzala*. Todo este percurso de escrita está registrado no prefácio da edição de 1933, ou seja, no prefácio à primeira edição estão relatados os fatos que levaram Freyre aos *insights* da escrita.

Freyre aproveitou o espaço também para demonstrar suas preferências em relação à cozinha brasileira, tendo como principal referência suas lembranças dos sabores culinários de suas andanças, fator este que se encontra bastante presente ao longo de toda sua obra. Ele afirmou veementemente que "a melhor lembrança que conservo da Bahia: a da sua polidez e a da sua cozinha"¹⁹⁶; e ainda ressaltou que foi da Bahia que saíram "os pratos mais saborosos da cozinha brasileira"¹⁹⁷. Ou ainda para contar aos leitores algumas lendas a respeito dos casarões das fazendas do nordeste.

De acordo com ele, muitos senhores enterravam dinheiro juntamente com os mortos, por vezes, até mesmo dinheiro que pediam para que fosse guardado em segurança com o senhor e, por isso as casas grandes ficaram assombradas. Outro motivo também seria a quantidade de pessoas mortas que eram enterradas em suas terras.

Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padre-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. [...] Conta-se que o visconde de Suaçuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos¹⁹⁸.

¹⁹⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. RJ: Editora Maia & Schmidt, 1933:IX

¹⁹⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 30.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Idem: 40-41

De uma maneira freyriana de escrever, o autor tentou alcançar o objetivo que Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos descreveu de um prefácio. Segundo ela, o autor deste paratexto deve tentar "situar autor e leitor no mesmo espaço e tempo, no mesmo universo de referência"¹⁹⁹, por isso, Freyre escreveu seu prefácio contando ao seu leitor os aspectos que lhe chamaram atenção na sociedade brasileira, aqueles que o fizeram escrever saudosisticamente acerca da formação de nossa sociedade a partir de um olhar nordestino. Mais que isso, o uso de assuntos "populares", que pouco se presenciavam nas agendas de discussões intelectuais do padrão acadêmico da época, aparece como uma tentativa de aproximação do leitor com a obra, e não apenas com o próprio autor. Assuntos como comidas, assombrações, etc., já no prefácio da primeira edição, ao mesmo tempo em que causava assimetria com o padrão intelectual de seu tempo no Brasil, tocava em questões que tangenciavam o cotidiano popular do Brasil, que de modo algum se restringia somente aos iletrados, ignorantes e supersticiosos, mas, sobretudo, à todos que partilhavam do que Freyre pareceu entender por "cultura brasileira".

Ainda de acordo com Vasconcelos, o objetivo do prefácio é "tornar o texto legível, inteligível e para isso, muitas vezes, ele se apresenta como um caminho que se abre e se constrói"²⁰⁰. Gilberto Freyre parece ter entendido bem a funcionalidade deste paratexto, já que o mesmo deixou claro no prefácio à primeira edição ter o "propósito de simplesmente dar uma idéia geral do plano e do método do ensaio que se segue, das condições em que foi escrito"²⁰¹. Em face disto, percebemos outra característica deste espaço: proporcionar ao leitor uma visão panorâmica da obra, já que, em sua maioria, os prefácios são escritos após o término da obra, momento em que o autor obtém visão geral de suas ideias e caminhos percorridos. Assim como afirmou Gérard Genette "virou lugar-comum observar que os prefácios, assim como os posfácios, são em geral escritos após o texto a que se referem"²⁰², fator que, sob nosso ponto de vista, clareia a concepção do autor de sua própria obra.

No caso específico de Freyre, a composição de um prefácio nestas condições, em se tratando de uma obra controversa e inovadora, que indubitavelmente causaria, de algum modo, reboliços dos mais diversos, nos parece uma estratégia necessária para se guardar de críticas, impressões e desconfortos, aos quais explicações antecedentes ao texto poderiam –

¹⁹⁹ VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. "O que se diz no princípio": uma leitura dos prefácios. In: DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006: 176.

²⁰⁰ Idem: 177

²⁰¹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 50

²⁰² GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009: 155

pelo menos – adiantar seus posicionamentos em relação a seu próprio texto. Para Genette, o prefácio original, que é aquele publicado na primeira edição, tem como função orientar a leitura da obra e, por isso, demonstra ser de grande relevância para que o autor possua boa leitura. Assim, o prefácio original tem por função e importância,

Orientar a leitura, tentar conseguir uma boa leitura, não passa apenas por instruções diretas. Consiste igualmente, e talvez em primeiro lugar, em colocar o leitor – definitivamente suposto – de posse de informações que o autor julga necessárias a essa boa leitura. E os próprios conselhos têm todo o interesse de apresentar-se sob aspecto de informações: informações, por exemplo – no caso em que isso lhe possa interessar – **sobre a maneira pela qual o autor quer ser lido**²⁰³.

Gilberto Freyre realizou esta orientação em seu prefácio à primeira edição de *Casa Grande & Senzala* ao percorrer sua trajetória de construção do livro juntamente com seus leitores. Após esboçar suas concepções que foram consolidadas em suas viagens de estudos por outros continentes, destacando personagens que contribuíram para tal consolidação, como Ruediger Bilden, Francis Butler Simkins, Ernest Weaver e Franz Boas²⁰⁴, Freyre inicia uma breve exposição daquilo que o leitor encontraria pela frente.

Iniciando pela explicação de seu incômodo com a miscigenação notória no Brasil, Freyre fala das relações entre brancos, negros e indígenas, bem como a maneira pela qual estas misturas foram ocasionadas pela falta de mulheres brancas e a característica já predeterminada dos portugueses, africanos e indígenas para a vida sexual. Para ele, essa mistura influenciou diretamente nas divisões latifundiárias, uma vez que os filhos mestiços e também os bastardos geraram uma subdivisão "considerável das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudais e dos latifúndios do tamanho de reinos"²⁰⁵.

A miscigenação foi o centro das preocupações de Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*. Para ele, a alimentação, a estrutura da sociedade familiar, a vida sexual, dentre outros fatores foram moldados baseados na mistura de raças, fator que tornou nossa sociedade híbrida, como já salientado anteriormente. De acordo com Benzaquen, foi focando esta valorização das misturas de raças, de costumes e de crenças que Freyre teria encontrado uma

²⁰³ Idem: 186. **Grifos nossos.**

²⁰⁴ Freyre fez questão de deixar claro aos leitores a colaboração destes colegas em sua construção do campo Intelectual. Cada um com focos diferentes em suas pesquisas, mas que se Interligavam por se tratar de estudos acerca da escravidão. Em especial agradecimento veio o professor que ajudou a clarear diversas concepções de antropologias até então não estabelecidas no campo Intelectual de Freyre, por isso ele escreveu tão abertamente seu entusiasmo, pela convivência com o antropólogo, que o estimulou em seus estudos: "Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me Inquietasse tanto como o da miscigenação" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 31)

²⁰⁵ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 33

fórmula para tentar vencer as concepções racistas desenvolvidas no início do século XX. Para ele,

valorizando em pé de igualdade as contribuições do negro, do português e – em menor escala – do índio, dessa forma Freyre ganha forças não só para superar o racismo que vinha ordenando significativamente a produção intelectual brasileira mas também para tentar construir uma outra versão da identidade nacional, em que a obsessão com o progresso e com a razão, com a integração do país na marcha da civilização, fosse até certo ponto substituída por uma interpretação que desse alguma atenção à híbrida e singular articulação de tradições que aqui se verificou²⁰⁶

Outras características da sociedade brasileira foram identificadas e trabalhadas ao longo da obra, as quais Freyre já apontava desde o prefácio. Questões como a influência da Igreja Católica na vida dos brasileiros, assim como as contradições geradas pela própria miscigenação, antagonismos como na "economia e organização social que às vezes contrariaram não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico"²⁰⁷.

As influências do meio físico também foram destaque no prefácio à primeira edição e que se perpetuaram por toda a escrita de *Casa Grande & Senzala*, já que para Freyre as características no meio físico foram essenciais até mesmo para o sucesso da colonização portuguesa. A predisposição do português a ambientes tropicais, adquirida pela convivência entre os maometanos, tornaram os mesmos excelentes colonizadores, assim defendeu Freyre ao longo das páginas de sua obra. As "tendências" do meio físico, como ele mesmo denominou, foram levadas em consideração também na construção das casas-grandes de engenhos. Consoante com Freyre, as casas que aqui se construíram representavam uma nova expressão e não somente uma reprodução daquelas que eram construídas em Portugal²⁰⁸, sem mencionar a importância social da casa-grande para o período colonial brasileiro.

Completada pela senzala, a casa-grande era mais que um simples artefato de moradia. Conforme nos apresentou Freyre, ela funcionava como hospedagem, hospital, banco, escola, cemitério (como já elucidamos acima), dentre outras funções sociais, econômicas e políticas. Neste sentido, esse modelo de arquitetura e funcionamento das fazendas de engenho foi

²⁰⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Op. cit., 2006: 30

²⁰⁷ Idem: 34.

²⁰⁸ "A casa-grande de engenho que o colonizador começou, ainda no século XVI, a levantar no Brasil grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos em um máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais - não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua atividade agrária e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata." (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 35)

construído a partir da hibridade adquirida pela miscigenação e modificadas de acordo com o desenvolvimento da sociedade²⁰⁹. Além disso, toda a dinâmica da vida social girava em torno da casa-grande e da senzala que ia se formando com a cara de um povo em crescimento.

O aprofundamento nos estudos da vida íntima do brasileiro significava para Gilberto Freyre uma aproximação com o passado e, a partir disso, um maior entendimento do funcionamento do período colonial. Por isso, ele enfatizou em seu prefácio a importância que a história dos pequenos objetos e a valorização das lembranças, dos contos, da cultura popular tem para a compreensão deste período. Dessa forma, ele convidou seus leitores a mergulharem num livro em que trataria de pequenos detalhes até então não focados pelos estudiosos, assuntos como a vida sexual da família brasileira, as comidas de cada cultura, bem como a característica exótica de cada uma. Este convite, ao mesmo tempo em que tornava inovadora sua obra, abria um amplo espaço para discussões e debates, aos quais o livro como um todo se preparava desde o prefácio, uma vez anunciados tanto o objeto de pesquisa diferenciado, quanto o olhar inovador e desafiador de seu autor.

Como não poderia faltar no prefácio da primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, seu autor também expôs aos seus leitores as fontes nas quais foram baseadas as informações trabalhadas no decorrer do livro. Documentos eclesiásticos, testamentos, livros de viagens, livros de medicina, dentre outros, foram utilizados por Freyre para sua escrita.

Outros documentos auxiliam o estudioso da história íntima da família brasileira: inventários, [...] cartas de sesmaria, testamentos, correspondências da Corte e ordens reais [...] as atas e o registro-geral da Câmara de São Paulo; os livros de assentos de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos e os rol de famílias e autos de processos de genealogia [...] relatórios de juntas de higiene, documentos parlamentares, estudos e teses médicas, inclusive as de doutoramento nas faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia; documentos publicados pelo Arquivo Nacional [...]²¹⁰.

De outras fontes de informações ou simplesmente de sugestões, pode servir-se o estudioso da vida íntima e da moral sexual no Brasil dos tempos de escravidão: do folclore rural nas zonas mais coloridas pelo trabalho escravo; dos livros e cadernos manuscritos de modinhas e receitas de bolo, das coleções de jornais; dos livros de etiqueta; e finalmente do romance brasileiro [...]²¹¹

²⁰⁹ De acordo com Gilberto Freyre, as primeiras casas-grandes do século XVI tinham a aparência de fortalezas, enquanto que posteriormente foram adquirindo características do patriarcalismo e, por fim, pareciam um convento, uma vez que "o que a arquitetura das casas-grandes adquiriu dos conventos foi antes certa doçura e simplicidade franciscana" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 37)

²¹⁰ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 46 e 47.

²¹¹ Idem: 49

O anúncio das referidas fontes reforçavam dois pontos cruciais na defesa e legitimação de sua obra: por um lado, as fontes são comumente o lastro no qual se sustenta uma pesquisa acadêmica como a de Freyre, o que tornava a apresentação das mesmas de fundamental importância para a legitimidade e sustentação de seus argumentos, já os preparando para o inevitável embate com seus interlocutores; por outro, a diversidade de fontes, especialmente no que tange o uso de documentos não oficiais, traçava um perfil inovador à obra de Freyre que ainda tardaria alguns anos a se consolidarem na historiografia brasileira como um todo. Desse modo, ao que nos parece, a apresentação de fontes já dispostas no prefácio original, tanto lastreavam a legitimidade acadêmica da pesquisa de Freyre, quanto preparavam os leitores de *Casa Grande & Senzala* ao estranhamento metodológico proveniente da autenticidade desafiada pelo autor.

Outra característica bastante marcante nos prefácios são os agradecimentos àqueles que contribuíram, de uma forma ou de outra, para a escrita do livro. Gilberto Freyre reservou a estes agradecimentos as últimas páginas do prefácio, nas quais estão recheadas de nomes, alguns bastante conhecidos e outros nem tanto, pela historiografia brasileira. Este detalhe do prefácio, os agradecimentos, está presente em várias obras, demonstrando ser quase uma obrigação por parte do autor em deixar registrado as ajudas, estímulos, opiniões e afins, tanto que Freyre inicia seus agradecimentos com "devo exprimir meus agradecimentos a todos aqueles que me auxiliaram, quer no decorrer das pesquisas, quer no preparo do manuscrito e na revisão das provas deste ensaio"²¹².

Entre os citados por Freyre em seus reconhecimentos estão Manuel Bandeira, por ter contribuído "na revisão do manuscrito e das provas"²¹³, Luís Jardim por ajudar "a passar a limpo o manuscrito"²¹⁴, aqueles que auxiliaram nas mais diversas traduções necessárias à pesquisa como Alfredo Freyre, José Antônio Gonsalves de Melo e aos "meus amigos Júlio de Albuquerque Belo e Sérgio Buarque de Holanda"²¹⁵. Pessoas como Estácio Coimbra, José Lins do Rego e seus familiares, Paulo Prado, este por ter proporcionado à Freyre "interessante excursão pela antiga zona escravocrata que se estende do Estado do Rio a São Paulo"²¹⁶, também marcaram presença no prefácio.

Além de pessoas, o autor de *Casa Grande & Senzala* ainda agradeceu o tratamento recebido nos mais diversos lugares, bibliotecas, museus e arquivos em que passou. E, por fim,

²¹² Idem: 52.

²¹³ Idem

²¹⁴ Idem

²¹⁵ Idem

²¹⁶ Idem: 53

deixou por último àquele que lhe incentivou a escrever a obra: "Um nome me falta associar a este ensaio: o do meu amigo Rodrigo M. F. de Andrade. Foi quem me animou a escrevê-lo e publicá-lo"²¹⁷.

Freyre ainda aproveitou o espaço de seu prefácio para justificar a falta de conclusão, fator este criticado por alguns autores. De acordo com Genette, "às vezes, um autor, por uma razão ou por outra, publica uma obra que, em sua mente, faz parte de um conjunto *in progress* e somente encontrará sua plena, e mesmo verdadeira significação no contexto futuro ainda insuspeitado do público"²¹⁸. Assim, Freyre se justifica para tal:

O propósito de condensar em um só volume todo o trabalho, não o consegui infelizmente realizar. O material esborrou, excedendo os limites razoáveis de um livro. Fica para um segundo o estudo de outros aspectos do assunto - que aliás admite desenvolvimento ainda maior²¹⁹

Ambas características – agradecimentos e justificativa acerca da falta de conclusão da obra – parece-nos reforçar uma tendência que se repetirá nos demais prefácios: a defesa e legitimação da própria obra face aos leitores, sejam críticos ou colaboradores. Os agradecimentos, por um lado, revelam em Freyre aquela obrigatoriedade de “modéstia e humildade” tão cara àqueles que estão ainda se inserindo em um campo de discussão intelectual. Mais do que a gratidão ("que não nos parece falsa" nas palavras de Freyre), as menções de tantos nomes parecem ora reforçar a legitimidade de sua obra, uma vez que foi escrita com esforços conjuntos, de nomes referenciados pelo campo acadêmico em questão, ora amenizar parte das críticas que tão logo receberia, uma vez que embora iniciante em discussão tão profunda, Freyre era sustentado por importantes nomes que já no prefácio apareciam como corroborante, se não de todas as suas teses, pelo menos de seu esforço de escrita.

Por outro lado, a ausência de um elemento tão fundamental na consolidação de uma obra como a “conclusão do autor” revelaria – a princípio – uma fragilidade da obra. Todavia, o *mea culpa* autoral já no prefácio original do livro, embora não o isente de críticas (como exporemos a seguir), dá – pelo menos – a impressão de consciência do autor; algo como se Freyre dissesse que a necessidade de continuidade de suas reflexões e análises, seguindo o mesmo parâmetro metodológico inovador, foram postas propositalmente pela ausência da conclusão. Dessa forma, o que parecia uma fragilidade (interpretada ainda assim por muitos), tornou-se, no espaço privilegiado do prefácio, uma prerrogativa admitida e defendida pelo próprio autor.

²¹⁷ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 54.

²¹⁸ GENETTE, Gérard. Op. cit., 2009: 194.

²¹⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 50-51.

Frente a este contexto, percebemos que Gilberto Freyre tentou realizar em seu prefácio original aquilo que Genette defendeu como sendo a função principal do mesmo perante seus leitores, "garantir ao texto uma boa leitura [...] retê-lo por um processo tipicamente retórico de persuasão"²²⁰. Ainda segundo Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, os prefácios também são "discursos que, com o objetivo de angariar disposição afetiva para a obra, promoviam no registro impresso a recepção favorável que não raro já existia pela circulação oral ou manuscrita em papéis avulsos"²²¹. Ou seja, ao demonstrar todo o percurso de sua construção intelectual e reflexões acerca da formação da família brasileira, Freyre criava uma espécie de promoção às suas ideias e, convidava seus leitores a adentrar em suas concepções, em uma tentativa notória de persuasão.

O prefácio original é apenas um tipo de prefácio que pode existir em uma obra. No caso de *Casa Grande & Senzala* as edições posteriores ganharam o que Genette chamou de "prefácio posterior", que seria aquele escrito para ser publicado na segunda edição da obra, ou, na medida em que iam sendo reeditados os livros. Gilberto Freyre escreveu vários novos prefácios posteriores com objetivos não raramente diferentes daqueles almejados no prefácio à primeira edição, já que este teve o fito de angariar leitores, apresentar a obra, mostrar o processo de construção da escrita, agradecer aos colaboradores, justificar possíveis inconclusões, tentar guiar uma boa leitura, e, principalmente, preparar seus leitores e críticos para suas propostas e inovações metodológicas, na tentativa – que nos parece cada vez mais clara – de defesa e consolidação de sua obra.

2. Novos prefácios e consolidação de *Casa Grande & Senzala*

Até o ano de 1963 foram publicadas doze edições de *Casa Grande & Senzala*, das quais sete possuíam novos prefácios, como destacamos logo no início deste capítulo. A maioria destes citados prefácios são pequenos escritos, geralmente variando de três a dez páginas, sendo que Freyre os utilizou para justificar vários pontos que foram veemente criticados, bem como para defender seus pontos de vista e também agradecer mais algumas pessoas que lhe ajudaram ao longo das reedições. Gilberto Freyre se mostrou bastante consciente dos erros de revisão que foram criticados na primeira edição, assim como se preocupou sempre em atualizar a linguagem de acordo com as regras ortográficas vigentes no

²²⁰ GENETTE, Gérard. Op. cit., 2009: 176.

²²¹ FOREST, Philippe. (Org.). **L'Art de la Préface**. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2006. Resenha de: CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. O prefácio dos Livros. *Floema* - Ano II, n. 4, p. 161-168, jul./dez. 2006: 162.

período de reedição, fator este que corrobora com nossa hipótese de tentativa de Freyre em buscar a permanência de sua obra na historiografia brasileira.

Consoante com Genette, as novas edições de uma dada obra se dirigem, também, a novos leitores e, por isso, nada mais coerente que a escrita de novos prefácios:

De modo bastante lógico, como a segunda edição de uma obra, e também cada uma das seguintes dirigem-se a novos leitores, nada impede que o autor inclua nelas um prefácio "posterior" pela data, mas "original" para esses novos leitores, aos quais diria coisas das quais, por uma razão ou por outra, acreditou poder estar dispensado.²²²

Neste sentido, além de aproveitar o novo prefácio à reedição para esclarecer algumas ideias, Freyre utilizou o paratexto para assumir alguns erros que, segundo Genette, seria "a oportunidade de uma limpeza tipográfica que, para o autor, era vantajoso assinalar"²²³. Assim, Freyre declarou que na "segunda edição vão retificados erros de revisão, alguns graves, que infelizmente foram numerosos na primeira"²²⁴, questão que foi ressaltado por Agripino Grieco logo no início de 1934:

É verdade que o livro, mau grado a lentidão dos estudos preparatórios, dá a impressão de ter sido redigido, ultimado um pouco às pressas. São visíveis algumas repetições ou pequenas incoerências e há um ou outro ligeiro deslize em que se lhe percebe algum atropelo nas derradeiras arrancadas de composição e mesmo de estilização. Falta um índice de nomes e um índice de assuntos a esse volume, de quinhentas e vinte páginas amplas e compactas, o que dificulta ao leitor o encontro de qualquer trecho a confrontar com o que vai percorrendo no momento. E a errata inicial, bastante avantajada, prova que as etapas finais da impressão foram queimadas com certa violência²²⁵

A partir desta afirmação Freyre trabalhou para que na segunda edição de *Casa Grande & Senzala* fossem resolvidos os problemas apontados na primeira. Portanto, a edição de 1936 foi publicada com acréscimos de índices anexados ao final do texto. Foram colocados: índice das matérias, índice dos nomes citados, índice das gravuras e índice geral, respectivamente nesta ordem e expostas no prefácio: "O acréscimo principal é o do índice, cuja falta foi tão reparada na primeira edição. O índice por assuntos, organizou-o o Autor. O de nomes, foi

²²² GENETTE, Gérard. Op. cit., 2009: 212-213

²²³ Idem: 213.

²²⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Schimidt, 2ª ed, 1936: XXXIII

²²⁵ GRIECO, Agripino. "Obra vigorosa de ciência e arte". In: FONSECA, Edson Nery da. *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1985, 61- 78: 61-62.

trabalho de Rômulo de Castro"²²⁶. No entanto, o prefácio tardio também possui a função de defender sua obra e responder aos críticos que porventura não concordaram, de uma forma ou de outra, com o que foi exposto pelo autor, por isso, "parece-me, portanto, que o essencial aqui é a resposta aos críticos"²²⁷. Gilberto Freyre incorporou esta função em todos os prefácios posteriores que escreveu.

A partir da crítica de João Ribeiro e Afonso Arinos de Melo Franco²²⁸, a justificativa pela falta de conclusão da obra foi mais uma vez exposta pelo autor, já que no prefácio da primeira edição, como afirmamos anteriormente, este detalhe foi salientado pelo próprio Freyre. Segundo ele, a intenção era de continuar a escrever em outra obra, pois, esta havia saído dos padrões normais. No entanto, mesmo com a ressalva já feita, Freyre voltou a se justificar com hostilidade para com aqueles que insistiram em apontar tal fator:

Do mesmo modo que não teve o propósito de concluir, muito menos o de julgar. Limitou-se a procurar fixar, partindo de novas hipóteses e de idéias e até de intuições às vezes personalíssimas, certos aspectos da formação patriarcal da família brasileira, às vezes aventurando-se a interpretações. Fique para os pensadores que desprezam de todo a pesquisa histórica e sociológica, a tarefa, por certo mais nobre e brilhante, de concluir [...]"²²⁹

Gilberto Freyre ainda se justifica por não ter citado autores fundamentais ao se estudar história do Brasil, nomes que ele menciona nesse prefácio, como Southey, Capistrano, Varnhagen, João Ribeiro, Joaquim Nabuco e outros. Segundo o autor, o motivo de não ter aparentemente se referenciado a estes personagens importantes para seu estudo, se deu pelo fato de querer valorizar o uso e referências às fontes originais, documentos primários, enfim, todas as fontes citadas acima ao falarmos do prefácio à primeira edição. De acordo com o autor de *Casa Grande & Senzala*, seria sobre "êste material e sôbre pesquisas de campo é que

²²⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1936: XXXIII. É importante percebermos que Gilberto Freyre não agradece as mesmas pessoas nos prefácios seguintes, não tira, pois não mexe no prefácio à primeira edição, e não escreve angustias sobre os que ele discutiu que constavam no da 1ª edição. Por mais que tenha reconhecido os erros do corretor, não o culpou, ao menos nos prefácios.

²²⁷ GENETTE, Gérard. Op.cit., 2009: 214.

²²⁸ João Ribeiro chegou a afirmar em seu texto publicado pouco após a edição de 1933 que Freyre seria "desses escritores que não sabem acabar. O seu livro [...] não conclui: as paredes esboçam uma cúpula que não existe. [...] É um livro de nunca acabar, com certos pontos *folclóricos* sem fim." (RIBEIRO, João. "Poderosa poesia e profunda metafísica de uma obra metapolítica". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1985, 75-78: 76-77. Assim como Afonso Arinos de Melo Franco afirmou que "no fundo, não tirou desses fatos admiravelmente expostos, nenhuma conclusão pragmática. [...] Assim, acho que ao livro de Gilberto faltam dois ou três capítulos finais de síntese sociológica e de conclusões políticas" (FRANCO, Afonso Arinos de Melo. "Uma obra rabelaisiana". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1985, 81-88: 86)

²²⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1936: XXXIII - XXXIV

verdadeiramente se baseou êste ensaio; e não sôbre os livros de historiadores consagrados e o seu uso e interpretação daquelas fontes"²³⁰.

Ao que nos parece, um possível motivo que levou Freyre a tal escolha se dá no fato de uma provável tentativa de auto legitimação por vias da erudição. Em um ambiente de disputa e tensão entre a valorização da erudição (no trabalho com as fontes e na esfera crítica da historiografia) e uma demanda por síntese (na apreensão geral dos processos históricos brasileiros), Freyre nos parece estar situado em uma posição central, uma vez que almeja em sua *Casa Grande & Senzala* uma espécie de síntese da formação brasileira, todavia sem perder seu caráter de erudito em um trabalho heurístico com fontes originais. Este posicionamento, a nosso ver, marca uma vez mais sua tentativa de legitimação intelectual no campo acadêmico brasileiro, e, neste caso, a sustentação maior em fontes do que em pares nos parece uma estratégia evidente de autonomia e singularidade de seu trabalho.

Por fim, Freyre deu explicações a seus leitores acerca da linguagem escolhida para a escrita de *Casa Grande & Senzala*, outra questão também bastante criticada por autores como Jorge Amado, Afonso Arinos de Melo Franco e Plínio Barreto²³¹. Percebemos o quanto este aspecto da obra foi por demasiado criticado, uma vez que Freyre iniciou sua justificativa escrevendo "Seria impossível responder, num prefácio tão curto, aos que criticaram a linguagem dêste ensaio – linguagem de reação, é possível que exagerada, aos pedantismos de erudição científica, de terminologia técnica, de correção gramatical à portuguesa e de estilo"²³². Ele se refere diretamente à crítica feita por Afonso Arinos de Melo Franco, o qual o acusou de escrever em linguagem "'anedótica', 'sem dignidade' - tratando-se de 'livro tão sério' – e até de 'chula' e 'pouco técnica'"²³³.

Para tanto, Gilberto Freyre encerra seu prefácio à segunda edição explicando aos seus leitores o porquê da escolha de uma linguagem menos rígida:

Quanto ao último ponto, o Autor lembra apenas que em estudos de Sociologia, Antropologia e História Social, o critério de valor dos fatos se junta cada dia mais ao de pura materialidade, quebrando-lhe a rigidez. Humanizando-o. Passou o tempo, nesses estudos, de se imitar a linguagem

²³⁰ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1936: XXXIV

²³¹ Para melhor entendimento acerca das críticas que envolveram a linguagem adotada por Freyre em *Casa Grande & Senzala*, recomendamos a revisitação ao tópico 2.2 do capítulo I desta dissertação.

²³² Idem

²³³ Idem

difícil e inumana em que se deliciam certos cientistas e principalmente alguns técnicos²³⁴

Já no que diz respeito ao que foi acoplado à quarta edição do livro com a denominação de "Quase um prefácio à terceira edição", este veio de forma mais intensa, já que o autor não teve a oportunidade de moldar a terceira edição. Consoante com o próprio Freyre e já afirmado por nós anteriormente, a terceira edição foi publicada à revelia do autor e, portanto, não sofreu alterações. Entretanto, Freyre foi certo ao deixar explícito seu objetivo com a escrita do "Quase prefácio à terceira edição", "vou apenas anotar algumas críticas àquele livro, desde a sua segunda edição em 1936"²³⁵ e, nesta situação, expõe uma suposta incompreensão por parte de alguns críticos, "nem sempre os pontos-de-vista do Autor [...] têm sido apresentados fielmente ou interpretados com inteira compreensão"²³⁶.

Gilberto Freyre demonstrou ter se sentido boquiaberto com algumas palavras que "certo publicista" o acusou de ter pronunciado em *Casa Grande & Senzala*, porém, não deixou claro aos leitores sobre quem falava. Entretanto, nos diz posteriormente ser conceitos como "cultura", "complexo", "mobilidade social", "sociologia genética", dentre outros abordados por Freyre em sua obra. Como de praxe nas respostas costumeiras de Freyre, ele usou de ironia para responder a esta crítica do uso de conceitos recentes:

Mas é de esperar que com o progresso do ensino da Sociologia e da Antropologia, da História e da Psicologia sociais em nosso país – a Universidade do Distrito Federal e a de São Paulo aí estão para intensificar êsse progresso – os críticos menos inteirados do sentido sociológico de expressões como "cultura", "complexo" (sociológico e antropológico), "mobilidade social", "sociologia genética", adquiram um pouco de humildade científica em suas críticas. Uns, no próprio interesse de sua reputação intelectual e até pessoal; outros, não só a bem dessa reputação como das ideologias que enfaticamente defendem²³⁷.

Em face disto, percebemos mais uma vez a necessidade existente em Freyre de defender sua obra perante todos os detalhes que foram mencionados por seus críticos, mesmo não considerando-as, por vezes, como neste caso exposto acima, críticas inteligentes²³⁸. Porém, nem todas as críticas foram recebidas de forma ameaçadora pelo escritor de *Casa Grande & Senzala*. Outras adequações sugeridas por estudiosos foram acatadas nas edições subsequentes. Além do mais, Freyre fez questão de escrever que algumas das ideias foram

²³⁴ Idem

²³⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1943: 57

²³⁶ Idem

²³⁷ Idem: 58. O autor ainda expressou seu sentimento de temer não conseguir responder às críticas sem "parecer ser irritantemente pedante" (Idem).

²³⁸ De uma maneira até sutil, Freyre afirmou logo abaixo deste argumento em relação aos conceitos questionados que, "não têm sido, entretanto, raras as críticas Inteligentes" (Idem).

aceitas, sendo que foram "críticas e sugestões que sempre esperou para trabalho tão afoito, e realizado em tão pouco tempo"²³⁹.

Críticas denominadas "mais substanciosas" também foram ressaltadas por Freyre neste "Quase prefácio". O Sr. Carlos Estêvão de Oliveira foi o responsável por uma delas. Oliveira tratou, sob seu ponto de vista, uma de suas hipóteses associadas à relação homens indígenas brasileiros e suas respectivas tribos, pois, para Freyre, o homem da tribo se sentia diminuído perante a mulher indígena, figura, segundo ele, de extrema importância para os índios, sendo inclusive a responsável pela agricultura. Consoante com o autor recifense a mulher teria sido o "elemento mais produtor que o homem nas culturas primitivas"²⁴⁰, o que teria causado ao homem um sentimento de diminuição se comparado ao papel das mulheres.

Carlos Estêvão de Oliveira alegou existir controvérsias nas concepções acerca das relações sexuais entre os indígenas defendidas por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*. Já Gilberto Freyre, mesmo reconhecendo o potencial de pesquisador de seu crítico, uma vez que este se apresentava na época como grande pesquisador da cultura indígena do Norte do Brasil, contestou-o afirmando que as tribos por Oliveira estudadas poderiam já ter "recebido influência direta ou indireta da colonização européia e dos seus padrões de divisão sexual do trabalho"²⁴¹ e, por isso, as concepções diferenciadas. Além desta relação, Oliveira também questionou a posição da mulher na cultura familiar indígena, a segregação dos homens e suas motivações, o bissexualismo e o homossexualismo. Para Freyre estas questões

referem-se umas a pontos flutuantes e controvertidos de Antropologia cultural, outras a variações de tribos para tribos. Variações que, do ponto-de-vista em que os traços de cultura indígena – uns mais, outros menos generalizados – influíram sobre a formação agrário patriarcal do Brasil, tornam difícil destacar o representativo ou o típico do excepcional. [...] Discutir tais pontos seria resvalarem, crítico e Autor, para discussões talvez sem fim, é claro que o crítico levando sempre a vantagem do seu conhecimento direto e vivo das especializações atuais da cultura indígena do Norte do Brasil²⁴².

Percebemos, portanto, que Gilberto Freyre apresentou uma justificativa não muito bem fundamentada por conceitos teóricos, e sim tendo por base as constantes diferenciações de costumes de uma tribo para a outra. Entretanto, ele recuou na discussão ao perceber que entraria em discussão infinita com um crítico estudioso do assunto que, inclusive, ganhou um

²³⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 59.

²⁴⁰ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2006: 198

²⁴¹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 60

²⁴² Idem

incentivo de Freyre para escrever a respeito de suas pesquisas²⁴³. Já outro quesito questionado por Estêvão de Oliveira foi o impacto da cultura européia na cultura indígena e as consequências da educação jesuítica nas tribos. Freyre reproduziu o trecho do texto de Oliveira referente a este assunto: "Se o estudo houvesse abrangido somente êsses dois temas, já o A. teria realizado obra valiosa, visto como, pelo menos que eu saiba ninguém até hoje analisou-os tão fotograficamente"²⁴⁴.

Oliveira defendia que os jesuítas e os colonizadores foram os responsáveis pelo início da decadência da cultura indígena, já para Freyre, esta influência da cultura européia foi indispensável, uma vez que teria sido impossível, em sua visão, a conservação desta cultura ameríndia em meio à colonização. O que Freyre não considerou de grande perceptibilidade foram os métodos adotados na europeização e cristianização dos ameríndios. Esta visão freyriana gerou polêmicas perante as críticas recebidas por um dos padres integrantes da Companhia de Jesus, Padre Serafim Leite. Este, por sua vez acusou o autor de *Casa Grande & Senzala* de ser inimigo da linha religiosa²⁴⁵, pois, Freyre defendeu, assim como o Padre J. Alves Correia, que ocorria um "exagêro de academismo na educação do indígena"²⁴⁶ por parte dos jesuítas.

Para defender sua obra frente à acusação de inimizade do autor com a Companhia de Jesus, Freyre respondeu em seu prefácio que, "talvez se extremou um tanto o ilustre sacerdote, de ordinário tão sereno", se referido ao Padre Serafim e, mais adiante, utilizando-se da concordância do Padre Correia para reafirmar sua hipótese:

O próprio Padre J. Alves Correia se julgou obrigado a defender da acusação de sectarismo – no caso, de preconceito contra o clero católico, em geral, e a Companhia de Jesus, em particular – o Autor de *Casa-Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos* [...] "Em verdade", escreveu o Padre J. Alves Correia, "não achamos que Gilberto Freyre seja um inimigo da Companhia de Jesus. Podia ser mais. Podia [por outro lado] ser um fervoroso namorado [da Companhia], sego aos defeitos ou adorando os defeitos, mais da época do que dos pedagogos jesuítas"²⁴⁷

²⁴³ Demonstrando respeito pela pesquisa de seu censor, Gilberto Freyre se animou com a possibilidade de Estêvão de Oliveira publicar um livro sobre sua pesquisa dos índios do norte do Brasil. "Assunto que o diretor do Museu Goeldi está na obrigação de versar em ensaio, aliás esperado com interêsse e até com impaciência pelos que o conhecem de perto e sabem quanto os seus conhecimentos de Etnografia brasileira são seguros e preciosos" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 61)

²⁴⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 61. Trecho do artigo de Carlos Estêvão de Oliveira, o qual foi reproduzido por Freyre no prefácio analisado.

²⁴⁵ Gilberto Freyre reproduziu trecho da crítica do Padre Serafim Leite: "embaçado em *Casa-Grande & Senzala* e [...] desmascarado em *Sobrados e Mucambos*" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 62)

²⁴⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943:62

²⁴⁷ Idem

No entanto, no parecer de Gilberto Freyre, mesmo havendo padres em sua defesa, o boato que se espalhou no Brasil teria sido o de "inimigo da Companhia" e também do clero, fator este que teria gerado pedido de ações punitivas para o autor. De acordo com Freyre, foi pedido que o livro e autor fossem queimados e "nem ao menos queimado em efígie ou em retrato a oléo: queimado com absoluto realismo"²⁴⁸.

Ainda no mesmo prefácio, Freyre respondeu à crítica feita por Afonso de E. Taunay e também por Sérgio Buarque de Holanda²⁴⁹. Ambos acusaram-no de escrever suas teorias a respeito da formação da família brasileira tendo por base a história e costumes do nordeste e o generalizado para todo o país; portanto, não levando em consideração o sul do Brasil, ou mesmo as demais regiões. Freyre, dessa forma, procurou justificar-se perante estas críticas:

Mas é que naquele ensaio, antes de Sociologia genética do que de História no sentido convencional – embora recorrendo muitas vezes à crônica histórica e até à História anedótica – impunha-se ao Autor estudar o patriarcalismo baseado sobre a monocultura latifundiária e escravocrata naquela parte do país onde esse patriarcalismo teve a sua expressão mais característica e mais forte²⁵⁰.

Segundo o próprio Gilberto Freyre, ele expandiu sua análise para as demais regiões apenas com o segundo livro de sua trilogia, *Sobrados & Mucambos* (1936), já que o modelo de família sob o regime patriarcal ganharia desenvolvimento nas regiões mineiras, e no Rio de Janeiro e São Paulo teria tido os dois sistemas, o latifúndio e a monocultura. Dessa forma, percebemos a necessidade freyriana de explicar em pormenores suas posições questionadas pelos críticos, deflagrando assim, um notório desejo de consolidação de suas concepções da formação da família brasileira esboçada em *Casa Grande & Senzala*.

Para encerrar este prefácio da terceira edição²⁵¹, Freyre ainda fez questão de responder ao crítico que escreveu para o jornal *A União* enfatizando a falta de assunto por parte do autor recifense, pois, ao invés de abordar questões políticas atuais estaria preocupado com argumentos sem importância. Para este crítico Freyre reservou mais uma dose de sua ironia escrevendo direcionado a este que enquanto houver expressões de culturas e suas misturas ele

²⁴⁸ Idem

²⁴⁹ Vale a pena explicar que no Prefácio à terceira edição Gilberto Freyre se refere ao nome apenas de Afonso de E. Taunay, porém, Sérgio Buarque de Holanda também questionou tal aspecto na obra. Aprofundaremos melhor neste assunto no capítulo III, no qual trataremos das notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala*.

²⁵⁰ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943:63

²⁵¹ Esclarecemos mais uma vez que este prefácio foi acoplado à quarta edição, pois a terceira edição havia sido publicada à revelia do autor e, por isso foi denominado como "Quase um prefácio à terceira edição".

teria assuntos em excesso para seus estudos²⁵². Por fim, Freyre se explica por não ter atualizado a bibliografia, como de costume nas publicações de suas reedições, já que não teve o conhecimento prévio da publicação da terceira edição de *Casa Grande & Senzala*.

Para além disso, apenas após quase dez anos da primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, veio a quarta reedição que modificou vários aspectos do livro. Depois de ter desejado intensamente a mudança de editora, uma vez que Freyre tinha atrito com a Schimidt Editora e já se encontrava articulando a publicação de sua obra pela Livraria José Olympio Editora, a quarta edição foi publicada no ano 1943. A capa passou a ser capa dura, estampar a árvore palmeira, símbolo da Editora e, foi dividida em dois tomos, para facilitar o manuseio por seus leitores. Além destas mudanças paratextuais, *Casa Grande & Senzala* entrava para a Coleção Documentos Brasileiros, já nesta época dirigida por Otávio Tarquínio de Souza²⁵³ e foi recheada de modificações, pois, como ressaltado acima, a terceira edição foi publicada à revelia do autor.

Logo na abertura do prefácio à quarta edição Gilberto Freyre afirmou ter se impressionado por, mesmo após quase dez anos, ainda compartilhar da maioria de seus escritos de um adolescente em começo de carreira. O autor deixou claro sua intenção principal, além daquela que também defendemos – a de que Freyre tentava a cada edição consolidar sua obra: "alguns reparos animado do mesmo desejo de esclarecer aspectos mais turnos do plano do livro e da apresentação do material"²⁵⁴. Parece-nos nítido perceber que Gilberto Freyre almejava a entrada permanente de sua obra entre o rol das obras essenciais e clássicas para o entendimento da formação do Brasil, já que, ao que nos parece, se não houvesse também este tácito objetivo, não haveria necessidade de autor se preocupar tanto em justificar seus escritos e defender suas ideias.

Gilberto Freyre lamenta a impossibilidade de não ter atualizado a bibliografia para esta edição. Sua justificativa é baseada em sua falta de tempo em estudar a gama de pesquisas interessantes que haviam sido publicadas nos dois anos de sua permanência, em um período maior, no Brasil. Segundo ele, "Sob aspecto bibliográfico, a edição publicada agora está longe

²⁵² Gilberto Freyre foi bem enfático com este crítico, apesar de não deixar explícito seu nome, afirmando que "fechados e até exterminados os xângos do Recife e os condomblés da Bahia e do Rio, esmagadas outras sobrevivências de cultura negra quase pura noutras partes do Brasil, continuará o Autor - graças a Deus - a ter assuntos, e ótimos, para seus modestos estudos" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 64)

²⁵³ Vale lembrar que Gilberto Freyre foi diretor desta Coleção de 1936 até o ano de 1939, ano em que passou a direção para Otávio Tarquínio de Souza. Nos aprofundaremos melhor neste assunto no terceiro capítulo desta dissertação.

²⁵⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 67

de pretender ser completa ou definitiva"²⁵⁵. Buscando, talvez, uma recompensa por esta "falha", pois não havia sido atualizada a bibliografia como ele mesmo afirmou, Freyre lista autores que produziram, para ele, trabalhos de extrema relevância para os assuntos referentes ao Brasil que tenham tido ligação com seus estudos.

Basta-lhe recordar livros e artigos dos Professôres Roquette-Pinto, Mário Maroquim, Arthur Ramos, Arbousse-Bastide, Roger Bastide, Pierre Monbeig e Pedro Calmon; dos historiadores Afonso de E. Taunay e Rodolfo Garcia; dos ensaístas e pesquisadores Gastão Cruis, Heloísa Alberto Tôres, Padre Serafim Leite, F. X. de Almeida Prado, J. C. de Macedo Soares, Sérgio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Melo Franco, Emílio Willems, Almir de Andrade, Honório Rodrigues, Estêvão Pinto, Augusto de Lima Jr., Coronel F. de Paula Cidade, Artur Hehl Neiva, M. de Barros Latif, Roberto Simonsen, Cassiano Ricardo, Sérgio Milliet, Visconde de Carnaxide, José Mariz de Moraes, Artur Reis, Donald Pierson, Antônio Sérgio, Jaime Cortesão, Caio Prado Júnior, Néelson Werneck Sodré, Alfredo Ellis Júnior; dos fisiologistas e higienistas Álvaro Osório de Almeida, Silva Melo, Couto e Silva, Rui Coutinho, Paula e Sousa; Josué de Castro. [...]²⁵⁶

Gilberto Freyre ainda retomou o assunto abordado anteriormente no prefácio à terceira edição sobre seu regionalismo do ponto de vista de seus críticos. Para ele, os críticos brasileiros insistiram tanto neste suposto "problema" do regionalismo de sua obra, que dois autores estrangeiros já teriam passado a considerar e divulgar ser este o maior defeito de seu livro. Para tanto, mais uma vez Freyre se justificou alegando não ter tido critério geográfico na coleta de dados para sua pesquisa, no entanto, não pode "esquivar-se a dar relêvo, às vâzes grande, ao açúcar e conseqüentemente aos agrupamentos nortistas no desenvolvimento da família patriarcal - agrária e escravocrata - no nosso país"²⁵⁷. O autor afirmou, novamente, que abordaria outras regiões conforme fosse o desenvolvimento de suas obras, nas quais continuaria abordando os aspectos agrários de nossa sociedade.

Uma das críticas mais ácidas as quais foram recebidas por Gilberto Freyre e *Casa Grande & Senzala* foi a de que a obra teria adotado uma espécie de regionalismo, ou seja, teria privilegiado os acontecimentos e economia do Nordeste e, a partir daí, estendido e quase "padronizado" o sistema patriarcal para todo o Brasil. Este discussão vem sendo destacada nos estudos de Freyre desde antes da primeira edição da referida obra, já que no *Manifesto*

²⁵⁵ Idem: 68

²⁵⁶ Idem

²⁵⁷ FREYRE, Gilberto. Op. cit. 1943: 69

Regionalista, publicado em 1926, ele já se justificava sobre a importância de análise do Nordeste, bem como a junção do movimento de outros Estados²⁵⁸.

Um dos críticos mais duros a este respeito foi Sérgio Buarque de Holanda em artigo publicado em *Tentativas de Mitologia*, no qual a obra de Freyre teria deixado de lado outros tantos sistemas que estavam sendo produzidos em São Paulo e Minas Gerais para a priorização do Nordeste. Dessa forma, este debate a respeito do regionalismo de Freyre veio se arrastando pelas justificativas do autor, já que de seu ponto de vista, a acusação dos críticos era totalmente infundada, visto sua quantidade de pesquisa analisada em outros Estados para a culminância de seus estudos, como destacado acima no prefácio à quarta edição²⁵⁹. Assim sendo, a justificativa apresentada por Freyre neste prefácio foi apenas mais uma tentativa do autor em convencer os críticos do não fundamento de tal crítica, pois, para ele:

Interesses - os agrários - por tanto tempo econômica e politicamente predominantes no Brasil. Daí o caráter brasileiro - e não apenas pernambucano, baiano ou nortista - de interpretações baseadas sobre material colhido nos centros da formação agrária e patriarcal do Brasil. Colhidos nesses centros, é certo, mas sem exclusivismo geográfico nem indiferença, pelas áreas marginais ou antagônicas às do açúcar e do café: pastoris ou policultoras ou de mineração. As viagens de estudo ou observação do Autor por áreas brasileiras menos agrárias na sua formação do que o Nordeste - ou inteiramente pastoris ou quase industriais, como certas áreas neobrasileiras do Sul do país - só têm feito confirmar nêles as idéias e interpretações esboçadas neste livro²⁶⁰

A apresentação desta justificativa nos mostra mais uma vez o anseio de Gilberto Freyre em demonstrar aos leitores suas abordagens, de forma a legitimá-las perante a uma hipótese apresentada e questionada pelos críticos. Ora, segundo ele, esta crítica já havia sido explicada aos críticos e continuava de forma persistente, ao ponto de virar restrição à *Casa Grande & Senzala*. Porém, como podemos perceber ao analisar as datas de publicações de artigos como o de Sérgio Buarque de Holanda acima destacado, 1979, que a discussão se perpetuou ainda por alguns anos.

Na tentativa de defender sua obra e fazer com que os críticos que abordaram este aspecto de sua escrita se convencessem de seu argumento, Freyre destacou a sua não

²⁵⁸ Ver o capítulo I desta dissertação e o próprio manifesto: FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista de 1926**. Recife: Região, 1952. Não foi possível identificar a página, uma vez que o artigo foi consultado pela biblioteca virtual da Fundação Gilberto Freyre. (Acesso: <http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/manifesto.htm>)

²⁵⁹ A este respeito, do debate entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, abordaremos com maior precisão no capítulo III desta dissertação.

²⁶⁰ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 70

indiferença perante as demais regiões e modelos econômicos, além de lembrar seu leitor das abordagens destes assuntos nas obras futuras:

Colhidos nesses centros, é certo, mas sem exclusivismo geográfico nem indiferença pelas áreas marginais ou antagônicas às do açúcar e do café: pastoris ou policulturas ou de mineração. As viagens de estudo ou observação do Autor por áreas brasileiras menos agrárias na sua formação do que o Nordeste - ou inteiramente pastoris ou quase industriais, como certas áreas neobrasileiras do Sul do país - só têm feito confirmar nêles as idéias e interpretações esboçadas neste livro. Do assunto pretende ocupar-se com maior atenção no seu próximo trabalho, *Ordem e Progresso*²⁶¹

Além desta crítica que o autor tentou esclarecer, Freyre ainda destacou a continuidade de críticas contraditórias no que diz respeito à *Casa Grande & Senzala* e se declarou contente por ser responsável pelo estímulo ao debate, além de também ser responsável por causar diferentes reações em seus leitores/críticos²⁶². Para encerrar o prefácio à quarta edição, Gilberto Freyre explicou que esta edição iria recheada de modificações devido à mudança de editora.

Apenas três anos depois, em 1946, foi publicada a quinta edição de *Casa Grande & Senzala*. No prefácio a esta edição, escrito em Santo Antônio de Apipucos em março de 1946, Gilberto Freyre declarou não ter alterado grandes particularidades no texto, somente nas notas de rodapé que foram modificadas para a atualização da bibliografia, bem como esclarecer alguns questionamentos realizados ao longo das reedições²⁶³. Assim como nos prefácios anteriores, o autor aproveitou o espaço para agradecer os colaboradores de suas viagens, pesquisas, análises e processo de escrita em geral, já que neste momento Freyre estava em pleno desenvolvimento da continuidade de seus estudos.

Nesse prefácio, o autor aproveitou-se para expor mais as mudanças que iam publicadas na edição que defender sua obra, uma vez que os diálogos foram direcionados às modificações realizadas nas notas. Dessa forma, Freyre escreveu no prefácio à quinta edição que a mesma estava sendo publicada com atualização bibliográfica de trabalhos tanto

²⁶¹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 70.

²⁶² Gilberto Freyre demonstrou sua satisfação pela repercussão de sua obra que, por mais que tenham surgido críticas contraditórias, sua obra foi a motivadora de debates e de reações várias: "Fôsse o Autor mais otimista do que é com relação ao seu próprio esforço e se contentaria com o fato de que êste ensaio tem provocado reações mentais e sentimentais tão diversas" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 70)

²⁶³ Nas palavras de Gilberto Freyre: "No texto, apenas foram corrigidos erros de revisão e eliminada ou substituída uma ou outra palavra mais imprecisa ou expressão mais vaga. E só. Nas notas - especialmente nas notas bibliográficas - é que os acréscimos foram consideráveis. Vários são também os acréscimos de notas, nas quais o Autor procura esclarecer sua posição diante de objeções e reparos de críticos nacionais e estrangeiros" (FREYRE, Gilberto. Prefácio à quinta edição. In: **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora: 1950: 77)

brasileiros quanto estrangeiros que se relacionam com os assuntos abordados na obra. Porém, ele destacou, foram citados apenas aqueles que a Ditadura permitiu que chegasse às suas mãos, em sua casa em Santo Antônio de Apipucos, casa esta que, segundo ele, "a polícia política da Ditadura tudo fêz para reduzir a pedaço do outro mundo: quase sem contato nem correspondência nenhuma com êste"²⁶⁴.

Freyre explicou a presença das referências contidas em sua obra e instituiu novo título à sua coleção. Consoante com ele,

Aquelas obras e coleções de documentos lidas ou consultadas ultimamente nos Estados Unidos vão citadas ou comentadas, no presente ensaio, em notas bibliográficas e críticas que aparecem no fim de cada capítulo. Serão incorporadas, com os demais citadas neste ensaio, à bibliografia geral que aparecerá no último volume da série. Série que tomará desde agora o título geral de *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil* e constará de *Casa Grande & Senzala* (dois volumes), *Sobrados e Mucambos* (dois volumes), *Ordem e Progresso* (um volume), *Jazigos e Covas Rasas* (um volume) e *Documentos Ilustrativos* (dois a quatro volumes)²⁶⁵

O autor de *Casa Grande & Senzala* encerrou este prefácio à quinta edição ressaltando que, por maior esforço que tenha feito o "Estado Forte" em barrar sua produção intelectual, o único objetivo alcançado teria sido um grau maior de dificuldade, não impedindo, portanto, a expansão de sua intelectualidade. Ressaltou ainda que esta forma de governo não teria abalado sua "confiança" nas demais culturas, teria "apenas avigorar sua convicção de que as inferioridades que êstes exibem, principalmente quando investidos de cargos de autoridade, resultam de causas sociais e não biológicas ou étnicas"²⁶⁶.

Num período de quase quatro anos viria a ser publicado mais uma edição da obra de Gilberto Freyre, reeditada em 1950. Chegaria às bancas a sexta edição de *Casa Grande & Senzala*. O autor se demonstrou já fatigado de publicações de novas edições, por isso ele explicou que esta edição viria apresentando apenas poucas modificações, porém, com uma gama de acréscimos às notas e à bibliografia²⁶⁷. A sexta edição foi publicada após ter havido

²⁶⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 80

²⁶⁵ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 79

²⁶⁶ Idem: 80

²⁶⁷ Nas palavras de Gilberto Freyre: "Já não tolera êste ensaio, tão sobrecarregado de prefácios, novas páginas com essa aperiência e propósito. Apenas uma breve nota que não deixe pagã edição como a 6ª. Pois é a primeira a aparecer em português, depois de publicado o ensaio em língua inglesa, ao mesmo tempo nos Estados Unidos e na Inglaterra. Por conseguinte, é esta 6ª. edição a primeira a aparecer, com pequenas correções ao texto e vários acréscimos às notas e à bibliografia, após o choque mais forte do trabalho brasileiro com a crítica estrangeira menos especializada no estudo da substância particularmente histórica e regional do ensaio - a formação e consolidação de uma sociedade patriarcal e, a seu modo, feudal, no Brasil - que voltada para o possível interesse humano - Independente, ou quase Independente, de sentido regional ou histórico - do mesmo ensaio" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 83)

o lançamento de *The masters and the slaves*, a versão inglesa de *Casa Grande & Senzala*, em 1947 e, por este fato, Freyre justificou suas modificações na referida edição.

Sob a perspectiva de Gilberto Freyre, a versão inglesa de sua obra teria trazido novos olhares à sua escrita, ocasionando dessa forma, novas críticas. Essas críticas, de acordo com o autor, vieram baseadas no pouco conhecimento que os ingleses possuíam acerca do passado da sociedade brasileira, oportunizando assim as várias modificações nas notas de rodapé desta sexta edição do livro²⁶⁸. Freyre afirmou, entretanto, que *Casa Grande & Senzala* estaria passando por um período "de tão rude prova"²⁶⁹ e que não cabia a ele decidir se isto estaria sendo positivo ou negativo para seu ensaio. Porém, segundo ele, sua obra foi encarada pelos ingleses, por mais que *Casa Grande & Senzala* estivesse distante de uma linguagem muito acadêmica, como "esfôrço honesto, e não apenas tentativa ousada, de descobrimento de novos caminhos de indagação e interpretação do homem ou da natureza humana"²⁷⁰.

É possível percebermos a mudança de visão obtida por quase dezessete anos de leitura de *Casa Grande & Senzala*, já que houve, segundo o próprio autor, uma modificação de olhares por parte de alguns críticos²⁷¹. O que ele afirmara era que, após a publicação de *The masters and the slaves*, e outras publicações em idiomas diferentes, como a edição em espanhol ou em francês, era perceptível uma maior aceitação do uso de seu método, indicando, inclusive, que aquele método que adotara diversas áreas do conhecimento para a análise da sociedade que, anteriormente era tido como heresia, nos tempos da sexta edição já apresentava sinais de normalidade. Normalidade esta vista por leitores ingleses que indicaram a aplicação de seu método em outras áreas do conhecimento.

O que parece indicar alguma originalidade no método de análise e de interpretação seguido no trabalho brasileiro. E seguido há quinze anos, quando era tido geralmente por heresia, entre mestres dos estudos sociais, qualquer esfôrço mais afoito de combinação de várias técnicas e de várias ciências - das chamadas sociais - para a investigação, e a tentativa de esclarecimento, do conjunto de traços apresentados pela formação social de uma área e, ao mesmo tempo, por um tipo de organização ou por um

²⁶⁸ Um dos usos mais costumeiros de Gilberto Freyre nas notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala* é o diálogo com seus críticos, pois, ele aproveitava deste espaço disposto ao pé das páginas e, posteriormente, ao final de cada capítulo, para responder aos críticos e defender sua obra. Sobre este assunto nos aprofundaremos com mais ênfase no capítulo III desta dissertação.

²⁶⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 83

²⁷⁰ Idem

²⁷¹ Entretanto, é necessário que lembremos as constantes críticas que se repetiram ao longo dos anos de publicações de *Casa Grande & Senzala*, tais como "a obra não conclui", "conclui demais", "linguagem pouco acadêmica e, portanto sem muita credibilidade neste meio", "obra de história anedótica", dentre outras.

complexo social e de cultura como foi, no Brasil, o patriarcal, escravocrata e monocultor²⁷²

Como era de costume em seus prefácios, Freyre tentava responder a alguns críticos que comentavam sobre sua obra de um período a outro de reedição. Nesta sexta edição não seria diferente, até porque haviam novos comentários, como já enfatizamos acima. O autor contou aos leitores deste prefácio a visão obtida pelos alemães ao ler artigo escrito em jornal londrino, no qual enfatizava questões raciais. O alemão Hans Hashagen achou por bem solicitar a tradução da obra para seu idioma, já que em seu ponto de vista poderia servir para seu povo²⁷³. Freyre ainda respondeu a outro crítico, Dr. Jules Henry, que destacou seu lado preconceituoso no que diz respeito às mulheres ameríndias e sua relação com os primeiros colonizadores portugueses. Para respondê-lo, Freyre destacou que já havia se posicionado perante a revista publicadora de artigos deste escritor:

A revista é *The American Journal of Orthopsychiatry* (vol. XVII, 4, 1947), à qual o Autor de *Casa Grande & Senzala* já se dirigiu, lembrando que várias das afirmativas atribuídas ao Autor dêste estudo - como a referente à atitude das mulheres ameríndias com relação aos primeiros portugueses - não são de modo algum suas, mas colhidas de fontes sempre indicadas; e salientando que nem sempre a citação de tal ou qual depoimento ou informação importa em solidariedade do Autor com o informante ou o depoente mas, ao contrário, no afã de referir opiniões ou informações diversas e até contraditórias, inclusive as pitorescas do ponto-de-vista dominante entre cientistas modernos²⁷⁴

Em meio à exposição sobre a sociedade patriarcal e seus modos agrários como predominantes na sociedade brasileira, Gilberto Freyre lembrou aos leitores e simpatizantes das teorias de Caio Prado Júnior, que a "caracterização sociológica da economia brasileira como monocultura latifundiária e escravocrata"²⁷⁵, era antes sua que do historiador Caio Prado Júnior. Outra questão que voltou a ser tratada de forma até impaciente pelo autor de *Casa Grande & Senzala* foi a de que sua obra se trataria apenas de uma região do Brasil, generalizando o sistema de apenas uma região para todo o restante do país. Este assunto já foi abordado em prefácios anteriores, talvez por isso a impaciência de Freyre em ter que mais uma vez expor suas justificativas que, de fato, são as mesmas que as anteriores, porém, neste prefácio se apresentaram com maior ênfase. De acordo com Freyre:

²⁷² FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 84

²⁷³ Segundo o autor de *Casa Grande & Senzala*, a Alemanha ainda estava embevecida de conceitos arianistas e, ao ler a crítica no jornal que subentendia a defesa de Gilberto Freyre à inferioridade racial dos negros, o alemão achou necessária sua tradução, de acordo com Freyre, para obter um "possível corretivo a preconceitos arianistas dominantes na Alemanha" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 84)

²⁷⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 85

²⁷⁵ Idem: 86

Não parecem estar com a razão os que continuam a acusar um tanto enfaticamente êste ensaio [...] de válido apenas para região geográfica onde primeiro desabrochou o sistema patriarcal, agrário e escravocrata no Brasil e que foi a região do açúcar. São críticos talvez deslembados do fato de que o espaço sociologicamente ocupado pelo mesmo sistema - e, neste ensaio, estudado sob critério não só sociológico como sócio-psicológico, sócio-ecológico e histórico-sociológico, mas não geográfico ou cronológico - foi antes social que geográfico²⁷⁶

Dessa forma, o autor desejou ser mais bem compreendido em seu próximo livro, *Ordem e Progresso*, no qual Freyre se debruçaria com maior atenção às demais regiões²⁷⁷.

Para finalizar o prefácio à sexta edição de *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre listou, como de praxe, estudos desenvolvidos e publicados ao longo de uma edição para a outra, concluindo assim, sem maiores agradecimentos e nos mostrando certo cansaço em responder sempre a críticas repetidas, porém, entusiasmado em conhecer novos pontos de vistas para suas teorias.

Em face de todo este contexto apresentado dos seis primeiros prefácios de *Casa Grande & Senzala* escritos ao longo de quase dezessete anos de publicações, podemos perceber o esforço de Gilberto Freyre em defender sua obra perante a *Intelligentsia*, tanto brasileira quanto estrangeira. Tais tentativas de explicação, respondida algumas vezes com o tom irônico, característico do autor em questão, nos demonstra o empenho de Freyre em manter sua obra sempre atualizada e dentro do rol das leituras dos intelectuais, o que nos indica que ele almejava sua obra consolidada como interpretação da sociedade brasileira. Este desejo se mostrava mais engrandecido com a publicação da trilogia, a qual dava continuidade ao tema iniciado em 1933 e, utilizado várias vezes por Freyre para justificar as "falhas" apontadas por alguns leitores.

²⁷⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 87

²⁷⁷ Mesmo após cinquenta anos da primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, este assunto continuava a vir à tona, como aconteceu numa entrevista concedida à Revista Santista em comemoração ao cinquentenário da obra. A pergunta do entrevistador era "Alguns críticos afirmam que Casa-Grande e Senzala é uma obra puramente regionalista, que retrata as raízes do homem nordestino e não do homem brasileiro. O senhor concorda com essa crítica?" e a resposta de Freyre foi: " Não. Acho isso uma imbecilidade de quem não conhece o Brasil. O livro dá atenção a Pernambuco, sobretudo, porque em Pernambuco começou a haver civilização no Brasil. Não foi em São Paulo. Em São Paulo, fundou-se um engenho no Século XVI. Enquanto se fundava esse engenho, perto de Santos, surgia uma constelação de engenhos e casas grandes em Pernambuco, constituindo a verdadeira raiz do Brasil. Esta é a tese de Casa-Grande e Senzala, pois a família - e não o governo ou a igreja - é que foi a raiz brasileira, cuja força germinal você encontra aqui, e não em outro lugar do Brasil. Essa crítica é de gente do sul e você sabe como seus conterrâneos são exclusivistas. Eles querem que tudo tenha começado por lá. Veja bem. Eu admiro o bandeirante, mas ele foi um nômade, de pouca fixação. A fixação em algum ponto do Brasil - vamos dizer, vertical - começou aqui. Daí, o símbolo casa grande e senzala ser muito importante, pois foi uma fixação natural. A casa grande era aceita não só como residência, mas também como banco, escola e uma série de funções" (GILBERTO Freyre: um menino aos 83 anos. *Santista*. São Paulo, v. 1, n. 2, nov. 1983, p. 16-18: 16)

A sétima e oitava edições de *Casa Grande & Senzala*, publicadas em 1952 e 1954, respectivamente, não foram contempladas com novos prefácios, o que nos parece demonstrar o cansaço de Gilberto Freyre em responder e atualizar esta obra, sentimento este, como demonstramos acima, bem característico do prefácio à sexta edição. Estes fatores, a não escrita de prefácios em duas reedições seguidas, vêm reforçar nossa hipótese de que a obra foi modificada efetivamente somente até a sexta edição, já que era de praxe Freyre escrever novos prefácios indicando as modificações realizadas. No entanto, é necessário ressaltarmos que a não escrita de novos prefácios nestas edições não significa a não adequação das mesmas às regras ortográficas da época, ou mesmo que Freyre não se importava mais com a consolidação de *Casa Grande & Senzala*. A preocupação do autor em manter sua obra entre as leituras essenciais para a compreensão da história de seu país continuou a ser evidenciada nas edições posteriores. Entretanto, nas edições após a sexta que ganharam novos prefácios, como a nona e décima edições, não ficaram evidenciadas modificações em notas e nem em trechos pequenos do livro, e sim, somente atualização de bibliografias expressas nos prefácios.

Oito anos após a escrita do último novo prefácio, prefigurado na sexta edição de *Casa Grande & Senzala*, e vinte e cinco anos distantes da primeira edição deste mesmo livro, Gilberto Freyre escreveu mais um novo prefácio, contemplando, assim, a nona edição da obra, em 1958. Mais uma vez ficava notório o desejo do autor em sua validação e permanência no meio intelectual por meio de *Casa Grande & Senzala*, já que ele escreveu todo o prefácio tentando mostrar aos leitores a evolução e inovação da mesma. Segundo ele, o prefácio à primeira edição já deixava claro que se tratava de escrita diferenciada das demais, que se fazia uso de metodologia inovadora e nada ortodoxa e que, por vezes, se fazia apoiar no folclore da sociedade brasileira.

Freyre, como já abordamos no primeiro capítulo desta mesma dissertação, aliou diversas áreas do conhecimento para realizar sua análise da formação da sociedade brasileira. Neste sentido, o autor foi criticado por utilizar tal metodologia, a qual aliava antropologia, psicologia, folclorística, história, sociologia, dentre outras, para culminar na explicação de fatores. Segundo seus críticos, como por exemplo, Mário de Andrade, este tipo de combinação prefigurava uma falta de método. Contudo, vinte e cinco anos após a tentativa de inovação metodológica e de linguagem de Gilberto Freyre, tal método e linguagem pouco acadêmica passava a ser usado em outros estudos e escritos, a saber, segundo o autor, em

"obras como a consagrada, de Mr. David Riesman, *The Lonely Crowd*"²⁷⁸. Freyre então, tenta se impor e mostrar que ele foi aquele que já vinha combinando e utilizando tal método, além de se gabar por ter sua obra já diversas edições e exemplares publicados:

A verdade, porém, é que esse brasileiro vem tentando essa combinação de métodos há mais de vinte anos: desde o livro pioneiro que agora reaparece no Brasil nesta nona edição - a décima, aliás, em língua portuguesa (o que significa ter já atingido nessa língua 50 mil exemplares); e, naquela época - repita-se - livro herético do ponto-de-vista metodológico. E como tal recebido por vários puristas ou exclusivistas, quer da Ciência Social, em geral, quer de ciências sociais, em particular²⁷⁹.

Neste sentido, Gilberto Freyre tentou mostrar aos leitores do prefácio à nona edição, que sua obra recebia, no período da referida publicação, menores oposições se comparada com as inúmeras "impugnações", palavra utilizada pelo próprio autor, surgidas nos períodos das primeiras edições. Assim, Freyre se mostrou bastante orgulhoso de sua obra estar alcançando, no seu olhar, maior aceitação do público brasileiro e estrangeiro. Para encerrar mais um prefácio, Freyre agradeceu ao revisor da edição e indicou novas bibliografias.

O prefácio à décima edição seguiu este mesmo padrão desenvolvido nas páginas iniciais da nona edição de *Casa Grande & Senzala*. Ou seja, Gilberto Freyre se mostrando orgulhoso e se gabando da evolução obtida por seu primeiro ensaio que, apesar de ter sido sabatinado por críticas nos seus primeiros anos de leituras, poderia alcançar, de acordo com ele, sucesso e consolidação na *Intelligentsia* brasileira. Com mais de sessenta mil exemplares publicados em português, chegaria às livrarias, em 1961, mais uma reedição de sua obra.

No prefácio a esta edição Freyre se mostrou orgulhoso por ter recebido leituras e interpretações de grandes críticos estrangeiros²⁸⁰, mas também, por ter recebido igualmente neste período, entre sexta, nona e décima edições, grande aceitação por parte dos brasileiros e, principalmente de jovens. Segundo ele, *Casa Grande & Senzala* estaria encontrando "leitores

²⁷⁸ FREYRE, Gilberto. Prefácio à nona edição. In: **Casa Grande & Senzala**. 12ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963: 58.

²⁷⁹ Idem

²⁸⁰ Freyre falou orgulhosamente que críticos como "Jean Poullon, um André Rousseaux, um Bertram Wolfe, um Alfonso Reyes, um John Dos Passos, um Aldous Huxley, um Ortega y Gasset, um Juliam Marías, um Roger Caillois, um Roland Barthes, um Georges Gurvitch, um Roberto Caponigri, um Leon Mathias, um Eduardo Mallea [...], um Lucien Fèbvre, um Franz Boas, um SorokIn, um Métraux, um Paul Rivet, um Evans-Pritchard, um Fernand Braudel, um Ashley-Montagu, um Paul Trappe" (FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1963: 65) que teria sido críticas "por vezes mais aguda e quase sempre mais completa que a da maioria dos críticos nacionais ou portugueses" (Idem).

particularmente lúcidos, em sucessivas gerações de jovens, porventura solidários com as idéias, os motivos e os métodos de interpretação do autor"²⁸¹.

Neste momento específico de nossa abordagem e reflexões, chegamos ao ponto de perceber um Freyre que modificou não somente trechos de sua *Casa Grande & Senzala* e escreveu mais uma dezena de prefácios. Antes disso, à medida que o autor alçava novas edições, que seu método inovador tornava-se mais aceito e até mesmo recomendado pela crítica, que seus pares angariavam-lhe elogios internacionais, Freyre não somente diminuiu o volume já cansado de seus novos prefácios, como transformou seu tom irônico de rebate constante às críticas em um diálogo pacífico em uma tonalidade que beira a autossuficiência. A razão nos parece clara: o volume da escrita, bem como a própria linguagem e energia das autodefesas de Freyre em seus primeiros prefácios, não eram frutos somente de seu vigor de juventude, ou mesmo da mocidade de sua obra; mais que isso, a característica marcante do debate acalorado que Freyre impõe às suas primeiras edições tem uma intenção tácita de consolidação e legitimação de seu trabalho, algo pelo qual o autor, décadas mais tarde, já gozava e não necessitava mais tamanho esforço de demarcação intelectual.

Desse modo, sentindo o alcance de tão esperada consolidação e aceitação de sua obra pelos intelectuais, Gilberto Freyre modestamente se mostrou feliz e “surpreso” pelo sucesso que fazia *Casa Grande & Senzala* naqueles períodos, após longa defesa da obra:

O autor dêste livro muito se regozija, surpreendido e até espantado, com a aceitação que seu trabalho de estréia vem encontrando incessantemente, tanto da parte de estrangeiros e nas várias línguas para as quais vem sendo traduzido e nelas como que nascendo de nôvo, como na língua português e da parte de sucessivas gerações de jovens do seu próprio País e de Portugal, da África e do Oriente português. Aceitação, compreensão, simpatia por êle particularmente desejadas. Nunca, porém, cortejadas. Nem sequer procuradas. Talvez provocadas por idéias e atitudes por si mesmas provocantes²⁸²

Se, por um lado, as análises apresentadas dos seis primeiros prefácios de *Casa Grande & Senzala*, nos quais Gilberto Freyre foi, de certa forma, obrigado a defender sua obra face à *Intelligentsia* leitora de seu trabalho, para que a mesma permanecesse neste mesmo meio, por outro, os dois últimos prefácios aqui apresentados nos mostram o objetivo alcançado pelo autor. Por mais que Freyre tenha escrito que nunca havia procurado ou mesmo cortejado a simpatia de seus intérpretes, como nos disse na afirmação acima, nos perguntamos qual outro objetivo que estimularia nosso autor a ter buscado sempre uma defesa para suas hipóteses e

²⁸¹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1963: 65

²⁸² Idem: 66

métodos, que não sua própria consolidação e aceitação pelos intelectuais brasileiros e estrangeiros.

Contudo, o que os dois últimos prefácios aqui apresentados nos mostram é que *Casa Grande & Senzala* conseguiu, pelo menos às vistas de Freyre, alcançar sua consolidação após cerca de vinte e cinco anos de reedições, debates, críticas e defesas. Outros fatores que podem comprovar o desejo de Freyre em consolidar sua primeira obra são as notas de rodapé modificadas e/ou acrescentadas no prefácio à primeira edição de *Casa Grande & Senzala*. Pois, em 1933 o prefácio era possuidor de trinta e nove notas de pé de página, em contrapartida, a última edição de Freyre em vida, 1987, contava com quarenta e uma delas, sendo duas acrescentadas e oito modificadas.

3. As modificações nas notas de rodapé do prefácio original de *Casa Grande & Senzala*.

Não seria de se espantar perceber a quantidade de notas de pé de página que Gilberto Freyre escreveu até mesmo no prefácio à primeira edição de *Casa Grande & Senzala*. Tal prefácio de 1933 foi publicado com trinta e nove notas de rodapé, sendo que ao longo das reedições estas sofreram modificações e foram acrescentadas duas delas. As notas deste primeiro prefácio se diferenciam das demais escritas ao longo de toda a obra, uma vez que Freyre as escreve de forma mais solta, tentando mostrar aos leitores os interesses de estudos que rondam sua pesquisa.

No entanto, não podemos deixar de destacar as várias notas de página que Freyre dedicou somente às indicações de bibliografias e de fontes utilizadas na pesquisa. Das trinta e nove notas, oito delas foram modificadas consideravelmente, de forma que podemos perceber o anseio do autor em complementar sua teoria e defender sua obra.

Já na nota de número cinco nos foi apresentado exemplo de indicação de novos trabalhos que tratavam de assuntos correlacionados. Modificada em partes na segunda edição, em 1936, Gilberto Freyre indicava aos leitores a obra de Caio Prado Júnior, afirmando que estava "de acordo em vários pontos"²⁸³ esboçados pelo intelectual. Já na quinta e sexta edições foram acrescentadas outros autores, como Nelson Werneck Sodré, outra obra de Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil Contemporâneo*, Alfredo Ellis Júnior e José Osório de Oliveira.

²⁸³ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1936: XII

Outra nota que passou por alterações foi a de número quinze, sendo que nesta Freyre abusou de seu acréscimo e utilizou-a para esclarecer sua opinião perante o significado do alpendre nas casas-grandes e mostrar o equívoco, considerado por sua parte, de um crítico chamado Sr. Philip L. Goodwin. De acordo com Gilberto Freyre, foi muito comum também que a Igreja copiasse o modelo de alpendres das casas-grandes para seus edifícios religiosos e vice-versa, já para o crítico em questão, Freyre afirmou:

Sem tomar conhecimento da sugestão que aqui se faz desde 1933 sobre a influência da arquitetura doméstica sobre a igreja, no Brasil, o Sr. Philip L. Goodwin, em seu trabalho *Brazil builds - Architecture new and old, 1652-1942*, ilustrado pelo Sr. G. E. Kidder Smith e publicado em Nova Iorque, 1943, com o texto inglês acompanhado de tradução portuguesa, afirma que "a vida e a arquitetura do período colonial" sofreram entre outras influências consideráveis, "a da igreja, quase tão poderosa como o próprio rei" (p. 18). Essa influência - da arquitetura de igreja sobre a doméstica - não pode ser negada; mas a recíproca parece ser também verdadeira, como indicam capelas do tipo da de Conceição do engenho Caieiras (Sergipe)²⁸⁴

Ou seja, em nota modificada e publicada na sexta edição de 1950, Gilberto Freyre mostrava aos leitores seu desconforto em não ser citado como referência em alguns trabalhos. Exemplo desse desconforto é a nota acima apresentada, já que Sr. Philip falava a mesma coisa que Freyre, no entanto, além de não citá-lo, não deixou claro que a relação de influência também poderia acontecer no modo inverso, ou seja, a casa-grande influenciando a arquitetura das construções religiosas. Além de reforçar tais relações, Freyre citou e recomendou diversos outros trabalhos que apresentavam a mesma linha de raciocínio que a sua, indicando inclusive um trabalho traduzido por Vera Melo Franco de Andrade e introdução e notas do próprio Gilberto Freyre.

Como se nosso autor não estivesse satisfeito em mostrar sua indignação por não ter sido referenciado no trabalho do Sr. Philip, ele fez ainda questão de citar que no trabalho do Sr. Joaquim Cardozo é referenciado e ainda que este concordou com suas concepções esboçadas em seu ensaio:

Aliás, neste estudo, o Sr. Joaquim Cardozo concorda com sugestões feitas neste ensaio desde 1933, de que as casas-grandes brasileiras receberam "influência franciscana": "não há a menor dúvida", escreve ele, "de que esses alpendres receberam influência dos claustros franciscanos" (p. 236). Escreve também "[...] pode-se muito bem aceitar, em alguns casos, bem se vê, a sugestão [...] de que as capelas tenham herdado o seu alpendre das casas-grandes" (p. 251).²⁸⁵

²⁸⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1950: 25

²⁸⁵ Idem: 28

A necessidade aparente de Gilberto Freyre em demonstrar aos leitores e críticos que é citado em outros trabalhos, ou mesmo na tentativa de mostrar sua antecedência no tratamento de outras questões que, somente posterior ao seu trabalho é que foram trabalhadas por estudiosos, ou ainda a notória indignação por não ser referenciado, vem afirmar mais uma vez nossa hipótese que Freyre buscava um lugar especial para sua obra em meio às literaturas importantes do Brasil. Dessa forma, a constante reafirmação de sua obra perante leitores e críticos²⁸⁶ contribuiu veemente para a consolidação de *Casa Grande & Senzala*.

Nota de rodapé que também nos chama atenção é a de número trinta e um, a qual é totalmente acrescentada na edição de 1936, a segunda reedição do primeiro ensaio de Gilberto Freyre. Nela, o autor vem nos dizer a respeito de um livro de mexericos encontrado por ele no interior de Minas Gerais, livros estes que, segundo ele, eram normais nos séculos XVIII e XIX, pois, "esquisitões Pepys de meia- tigela, tiveram a pachorra de colecionar, em cadernos, *gossip* e mexericos: chamava-se 'recolhedores de fatos'"²⁸⁷. Tais livros, como nos explicou Freyre, tinham como objetivo registrar os mais diversos acontecimentos, dos mais vulgares aos segredos que, posteriormente, poderiam colocar em perigo tradições familiares. Neles eram registrados até mesmo "irregularidades sexuais e morais de antepassados. Até mesmo de senhoras"²⁸⁸.

Na referida nota de pé de página, Gilberto Freyre mostra seu entusiasmo ao contar a seus leitores a descoberta de um caderno deste tipo, os quais foram cedidos por particulares. O caderno em específico, notificado em seu texto de rodapé, pertenceu à Luís Pinto que, consoante com Freyre, teria passado boa parte de sua vida pesquisando em arquivos os mais variados possíveis. A satisfação deste encontro é nítida na nota, já que o autor de *Casa Grande & Senzala* conseguiu evidências em fontes de algumas hipóteses lançadas por ele logo na primeira edição deste ensaio. Segundo Freyre, "Tive o gosto de ver confirmadas por esses dados generalizações a que me arriscara, na primeira edição deste trabalho, sobre a formação da família naquelas zonas do Brasil onde foi maior a escassez de mulher branca"²⁸⁹.

Logo em seguida, a nota que ficaria referenciada como a de número trinta e dois, a partir da, também, segunda edição, foi totalmente acrescentada. Esta nota está ligada ao texto principal no trecho em que Gilberto Freyre especificava os diversos documentos que foram

²⁸⁶ Esta característica está presente em vários momentos da obra em que Gilberto Freyre dialoga com seus leitores. Demonstraremos outras situações como estas no decorrer do próximo capítulo desta dissertação.

²⁸⁷ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1936: XXIV

²⁸⁸ Idem

²⁸⁹ Idem

pesquisados para que ocorresse o estudo apresentado por aquele prefácio. Assim, Freyre acrescenta esta nota de rodapé para contar aos leitores que, além de "atas e o registro-geral da Câmara de São Paulo; os livros de assentos de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos e os de rol de famílias e autos de processos matrimoniais[...]relatórios de juntas de higiene, documentos parlamentares, estudos e teses"²⁹⁰, foram também consultados os registros de terras que, segundo Freyre e destacando com a afirmação de Alcides Bezerra, "Constituem, com efeito 'pedra fundamental para a história territorial brasileira', e no conhecimento desta deve basear-se a interpretação do nosso desenvolvimento social"²⁹¹.

Complementando a nota de número trinta e três, Gilberto Freyre acrescentou na quarta edição, no ano de 1943, que além de usar, analisar e interpretar os livros dos viajantes, ele também trabalhou "retificando-os. Os textos dos livros de viajantes mais antigos [...] são transcritos, quando conservados no original, com todos os seus arcaísmos"²⁹² e por isso, necessitavam de olhar mais crítico para esta fonte de pesquisa.

Já adiante e, indicando o final das notas de rodapé do prefácio à primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre fez questão de mostrar, mais uma vez, que seu livro estava sendo lido e referenciado por outros estudos. Ainda na segunda edição, Freyre escreveu que o "Sr. Agrippino Grieco, em artigo de crítica a este ensaio, lembrou o romance do espanhol Juan Valera, *Genio y figura*, 'onde há cenas das mais sugestivas sobre o Rio dos meados do Segundo Império'"²⁹³. Demonstrando mais uma vez aos leitores que sua obra estava sendo lida e que rendia a escrita de artigos à respeito, identificando assim, a tentativa de Freyre em consolidar sua obra.

Em face de todo este contexto apresentado no decorrer deste capítulo, no qual analisamos os vários prefácios de *Casa Grande & Senzala*, escritos pelo próprio autor nas reedições de sua obra, podemos perceber a evidente tentativa de Gilberto Freyre em validar seu ensaio. A escrita constante de novos prefácios, os quais nos apresentavam sempre um cunho defensivo do autor, bem como as pequenas mudanças e acréscimos nas notas de rodapé do prefácio à primeira edição, deixa evidente a constante tentativa de Freyre em consolidar sua *Casa Grande & Senzala* no meio intelectual do Brasil.

²⁹⁰ FREYRE, Gilberto. Op.cit., 1936: XXV

²⁹¹ Idem

²⁹² FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1943: 38

²⁹³ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 1936: XXVII

Além destas evidências demonstradas neste capítulo, aliam-se ainda as modificações e acréscimos ocorridos no decorrer de toda a obra, com destaque àquelas em que Gilberto Freyre atualizou sua bibliografia, já que necessitava mostrar aos leitores os estudos que tratavam de assuntos semelhantes, e àquelas em que Freyre estabeleceu diálogo direto ou indireto com autores que o criticaram. Neste sentido, abordaremos no próximo capítulo desta dissertação, denominado "*Os textos dentro do texto*": o uso das notas de rodapé na consolidação de *Casa Grande & Senzala*, as funções e importância das notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala* para a consolidação da mesma.

Capítulo III

"Os textos dentro do texto": o uso das notas de rodapé na consolidação de *Casa Grande & Senzala*

Casa Grande & Senzala foi publicado em 1933 com o total de oitocentas e noventa e duas notas de rodapés, no entanto, após dezessete anos, na sexta edição da obra, já se identificava um acréscimo de trinta e três notas, cento e quarenta e sete alterações – consideradas aqui pequenos acréscimos em notas já existentes ou supressões – e apenas cinco exclusões. Estas modificações representam mais uma vez o habitual costume do autor de realizar mudanças em suas obras ao longo de suas reedições, uma vez que foram realizadas modificações até mesmo em seu diário íntimo, no qual Freyre declarou ter alterado boa parte de sua escrita²⁹⁴.

As alterações feitas por Freyre, na obra por nós analisada, seguiram o objetivo claro de defender sua obra, bem como representam uma tentativa do autor em mantê-la atualizada, pois, em todas as reedições ele se preocupou em acrescentar notas bibliográficas com os trabalhos que foram surgindo ao longo das edições. Além disso, as modificações nas notas de pé de páginas reforçam, mais uma vez, nossa hipótese que Freyre obtinha objetivo nítido de consolidar sua obra no meio intelectual. Afinal, Freyre poderia, se o objetivo não fosse, dentre outras coisas, sua consolidação no meio intelectual historiográfico, não ter mexido em nenhuma página de sua obra, não ter respondido a nenhum crítico em seu próprio livro e apenas – ou nem isso – ter se adequadado às novas regras ortográficas vigentes à cada época que lhe fosse solicitado nova reedição.

No entanto, Gilberto Freyre foi além da adequação da obra às regras vigentes, ele preocupou-se em acrescentar prefácios, como especificamos no capítulo anterior desta dissertação, acrescentar notas, retirar algumas e modificar outras – por mais que algumas delas tenham sido apenas para especificar a página da citação já realizada. Ademais, Freyre

²⁹⁴ Porém, vale destacar, seu diário, *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e a primeira mocidade (1915-1930)*, foi escrito “à prestação” – expressão de Maria Lúcia Garcia Pallares- Burke – e por isso foi possível que Freyre o reescrevesse até a data de sua publicação, ano de 1975, realizando “um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades” (FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e a primeira mocidade (1915-1930)**. São Paulo: Editora Global. 2006: 18). No entanto, “Conservadas repetições. Respeitadas espontaneidades um tanto desordenadas”(Idem). Neste sentido, podemos perceber o costume de Freyre em alterar sua escrita ao longo das reedições de suas obras. No caso da presente dissertação, focamos principalmente nas modificações realizadas em *Casa Grande & Senzala*, obra na qual Freyre aproveitou principalmente o espaço das notas de rodapé e dos prefácios para realizar tais modificações.

também dedicou-se, junto aos editores, na modificação de paratextos que compunham suas obras²⁹⁵. As mudanças que mais nos chamam atenção em *Casa Grande & Senzala* foram realizadas nos "textos dentro do texto", as tão pequeninas notas de rodapé que compõem a obra, já que a quantidade de notas é considerável, mesmo para livro extenso quanto o referido.

Ao longo dos novecentos e vinte e três pés de página apresentados aos leitores da sexta edição, encontramos diversos tipos de notas: aquelas em que o espaço foi utilizado para contar algum caso, outras para a referência de documentos utilizados para a corroboração das teses, várias delas indicando bibliografias – utilizadas ou não no corpo principal do texto –, notas de intenso diálogo com diversos autores – que o criticaram ou sugeriram modificações –, notas contendo informações diversas – exposição de dados complementares –, e, muitas notas de referências de autores e obras utilizadas ao longo de sua escrita²⁹⁶. Toda esta gama de dados, informações e diálogos em *Casa Grande & Senzala* nos fez voltar os olhares para as funções e importâncias deste paratexto, por vezes ignorado pelos leitores, mas que nesta obra em específico demonstra o interesse do autor em tornar sua obra um clássico.

1. Tipologia das notas de rodapé: uma tentativa de classificação e análise.

O uso de generalizações, ou classificações generalizantes, em ciências humanas, não raro está nas agendas mais comuns de metodologia de pesquisa. De maneira especial, o termo “tipologia ideal” remete-nos quase que automaticamente à sociologia weberiana, muitas vezes acusada de “estruturalista” por conta de sua metodologia classificatória. A nosso ver, tais alegações não correspondem nem à sociologia weberiana, nem tampouco ao uso metodológico de tipologias.

A tipologia, enquanto uma generalização classificatória conscientemente elaborada pelo pesquisador (algo que Heinrich Rickert e Ernst Troeltsch já antes de Weber chamavam de “conceitos gerais”), tem em uma pesquisa histórica uma função fundamentalmente heurística²⁹⁷. Portanto, não se tem como pretensão, quando da elaboração de tipologias, forçá-

²⁹⁵ Seguem em anexo (ANEXO I, II e III) fotos de edições posteriores que demonstram as modificações de algumas reedições.

²⁹⁶ Todos esses tipos de notas serão melhores explicitados ao longo de todo o capítulo.

²⁹⁷ Em linhas gerais, “o tipo ideal é um quadro de pensamento e não a realidade histórica, nem sobretudo, a realidade “autêntica” [...] Sua única significação consiste em ser um conceito limite puramente ideal, no qual se avalia a realidade para clarificar o conteúdo empírico de alguns de seus elementos importantes e com o qual ela é comparada. (WEBER, Max. "Essais sur la théorie de la science". Tradução do alemão para o francês e

las ao encaixe da realidade. Nas palavras de Weber: “Nem de longe se cogita aqui sugerir que toda a realidade pode ser ‘encaixada’ no esquema conceitual desenvolvido no que segue”²⁹⁸. Isso significa que ao elaborarmos uma classificação tipológica (para notas de rodapé, no caso do presente trabalho) não temos por intenção encaixar toda a realidade de nosso objeto de pesquisa somente nas categorias tipologicamente dispostas. Pelo contrário, nossa classificação tem por fundamento uma clarificação da realidade; uma disposição limite que nos auxilie a melhor perceber o que há de “documental”, “referencial”, “debates”, etc., nas tão numerosas e variadas notas que dispomos como fonte de pesquisa.

Desse modo, a partir da análise das notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala* percebemos as mais variadas funções exercidas por este paratexto. Por isso, usamos da classificação tipológica para tentar classificá-las e, assim, conseguirmos compreendê-las de forma mais sóbria. Classificamos, destarte, cinco tipos diferentes de notas: causos, documentos, bibliografia, diálogo/debate, informações e referências.

As notas as quais classificamos como "causos" foram aquelas em que Gilberto Freyre escreveu fatos ocorridos que não possui fonte escrita, ou seja, são estórias contadas a partir de sua memória; já os "documentos" são aquelas em que Freyre utiliza a nota para citar suas fontes que corroboravam seus argumentos interpretativos. Notas de "bibliografia" são rodapés que Freyre utilizou-se de obras ou textos publicados (livros, artigos, revistas, etc., apresentando outros autores em geral), para ou discutir com tais autores, reforçar seus argumentos e/ou demonstrar erudição, ou mesmo para indicar bibliografias alternativas sobre o assunto que não foram citadas no texto principal. As notas de "diálogo/debate" são aqueles espaços usados pelo autor para dialogar com seus pares, responder críticas, expor ao leitor sugestões a ele enviadas e debates em geral. "Informações" são notas que contém informações adicionais ao texto principal ou explicação de termos utilizados e, por fim, as notas "referências" são aquelas que especificam a obra citada no corpo do texto principal ou indicam uma referência para fornecer suporte ao argumento já apresentado. Apresentado nosso método de classificação, esboçamos a seguir uma tentativa de análise a partir de tais tipologias²⁹⁹.

Introdução de Julien Freund. Paris: Plon, 1965. Apud: PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012: 123)

²⁹⁸ WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. 4ª ed. Brasília: ed. Da UnB. 2009. V. I: 141-142

²⁹⁹ Em anexo (VI, VII, VIII, IX e X) tabelas e gráficos que representam os dados encontrados à partir da pesquisa e análise de dados

1.1. Os diversos perfis das notas de rodapé de *Casa-grande & senzala*: "causos", "documentos", "bibliografias", "informações adicionais" e "referências".

Gilberto Freyre utilizou o rodapé de *Casa Grande & Senzala* para diversas funções, já que, assim como definiu Gérard Genette, as notas de rodapé podem fornecer aos leitores "Traduções de citações produzidas no texto em língua original, ou o inverso. Referências de citações, indicação de fontes, exibição de autoridades de apoio, de informações ou de documentos confirmativos e complementares"³⁰⁰. Assim, Freyre utilizou-se de todas as possibilidades acima descritas por Genette, além de outros tipos de notas – como é o caso das notas de diálogo.

De acordo com nossa classificação tipológica dos pés de página da referida obra, podemos destacar os tipos já especificados: causos, documentos, bibliografias, diálogos/debates, informações adicionais e referências. Nesta classificação levamos em consideração todas as notas da obra, tanto aquelas que permaneceram intactas no decorrer das reedições, quanto aquelas que foram alteradas e/ou acrescentadas no período por nós abordado³⁰¹. Assim, foi possível perceber a quantidade específica de cada tipologia de nota utilizada, bem como a importância dada por Gilberto Freyre às mesmas na construção de sua erudição, já que a maioria significativa dos pés de página foi para alicerçar seus pensamentos.

Ao longo deste tópico trabalharemos os tipos de notas de rodapé acima mencionado, no entanto, não abordaremos no momento os rodapés classificados como "diálogos/debates", já que acreditamos ser de importância para nosso objetivo central trabalhá-las mais minuciosamente, o que faremos nos tópicos posteriores em separado.

As notas escritas contendo histórias do cotidiano, aqui por nós classificadas por "causos", foram diagnosticadas com o menor percentual, apresentando apenas 1% dos rodapés e significando somente cinco notas com este perfil. Especificamente foram duas notas no capítulo III – *O colonizador português: antecedentes e predisposições* – (nota nº 10 e 70) e, três no capítulo V – *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação)* – (nº 100, 117 e 136). Destes rodapés citados, dois deles (70 e 136) são originários da

³⁰⁰ GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009: 286.

³⁰¹ Destacamos mais uma vez nosso recorte esboçado no Início desta dissertação: 1933 à 1950, respectivamente 1ª à 6ª edição de *Casa Grande & Senzala*.

primeira edição de *Casa Grande & Senzala* e não sofreram alterações, diferente das notas de nº 100 e 117 que foram modificadas e da nota de nº 10 que foi acrescentada.

Este pequeno percentual de rodapés a que classificamos como "causos" – cuja característica principal é a ausência de fundamentação em bibliografia acadêmica – nos auxilia a compreender o anseio de Freyre por referências bibliográficas que o apoiariam em seus pensamentos, na medida em que também demonstrava aos leitores e críticos sua gama de leituras não necessariamente acadêmicas, figurando, assim, sua considerável erudição e estudos. Tais notas nos contam episódios acontecidos ao longo da formação da sociedade brasileira, ou mesmo acontecimentos vivenciados pelo próprio autor. Por exemplo, ao contar aos leitores como na festa de São João Batista, e em outras, as pessoas chamavam o santo de "mijão", caso chovesse em seu dia, Freyre contava um "causo" àqueles que liam *Casa Grande & Senzala*³⁰².

Estes causos não deixaram de vir acompanhados por provas documentais ou por referências e informações adicionais daquilo que se tratava no texto principal, mas, de certa forma se destoaram das demais por trazer à tona episódios folclóricos, vivência de seu autor e contos sobre as famílias brasileiras. Como é o exemplo da nota em que Freyre escreveu sobre uma integrante da família Wanderley, Da. Joaquina Pompeu, que tinha a "doença do marido", pois, era considerada o "homem da casa"³⁰³. Essas notas de rodapé, mesmo que em menor quantidade, não se desmembram do estilo de escrita adotado por Freyre, já que configuram histórias pertencentes a teorias esboçadas em seu texto principal. Ou seja, no caso das notas citadas acima como exemplos, estas reforçam a tese defendida pelo autor da mistura de crenças religiosas estabelecidas no Brasil – o sagrado e o profano das festas religiosas aqui realizadas – e os diversos conflitos existentes entre as famílias patriarcais que se estabeleceram no país.

Outra tipologia de nota destacada em nossa pesquisa foram aquelas que expressam os "documentos" utilizados pelo autor da obra. Estas representam 10% dos rodapés de *Casa Grande & Senzala*, ou um total de cento e quatro notas de rodapés que citam os documentos utilizados por Gilberto Freyre em sua pesquisa e que fundamentaram suas afirmações. Dentre os cinco capítulos da obra, o que mais apresentou notas desta tipologia foi o capítulo II – *O indígena na formação da família brasileira* – com cinquenta e quatro notas de "documentos".

³⁰² FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 51ª edição revista, SP: Global, 2006: nota nº 70: 348

³⁰³ Idem: nota nº 10: 344

Estas notas são de extrema importância para uma obra, visto a necessidade de comprovação de pesquisa documental para sustentar as hipóteses ali apresentadas. No caso de *Casa Grande & Senzala* Gilberto Freyre fez questão de informar aos leitores a gama documental existente em seu trabalho já em seu prefácio à primeira edição, conforme analisamos no capítulo II desta dissertação. Documentos como Ofícios, cartas de sesmarias, testamentos, livros de assentos, documentos parlamentares, dentre outros, foram utilizados para a construção do painel explicativo de Freyre para a formação da sociedade brasileira sob o pano de fundo a família patriarcal. Por meio destes documentos foi possível que Freyre revelasse detalhes da vida familiar colonial, como, por exemplo, algumas confissões, como ele mesmo explicou no prefácio à primeira edição:

As confissões e denúncias reunidas pela visitação do Santo Ofício às partes do Brasil constituem material precioso para o estudo da vida sexual e de família no Brasil do século XVI e XVII. Indicam-nos a idade das moças casarem – doze, quatorze anos; o principal regalo e passatempo dos colonos - o jogo de gamão; a pompa dramática das procissões – homens vestidos de Cristo e de figuras da Paixão e devotos com caixas de doce dando de comer aos penitentes. Deixam-nos surpreender, entre as heresias dos cristãos-novos e das santidades, entre os bruxedos e as festas gaiatas dentro das igrejas, com gente alegre sentada pelos altares, entoando trovas e tocando viola, irregularidades na vida doméstica e moral cristã da família – homens casados casando-se outra vez com mulatas, outros pecando contra a natureza com efebos da terra ou da Guiné, ainda outros cometendo com mulheres a torpeza que em moderna linguagem científica se chama, como no livros clássicos, de *felação*, e que nas denúncias vem descrita com todos os ff e rr; desbocados jurando pelo "pentelho da Virgem"; sogras planejando envenenar os genros; cristãos-novos, metendo crucifixos por baixo do corpo das mulheres no momento da cópula ou deitando-os nos urinóis; senhores mandando queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas³⁰⁴

Neste sentido, à partir deste trecho acima citado, podemos perceber o quanto Gilberto Freyre valorizava a consulta documental, de forma que tais fontes revelavam a ele os pormenores da cultura brasileira que estava, segundo o próprio autor, sendo estabelecida. Além disso, os documentos, em uma pesquisa acadêmica, garantem aos leitores a validade de sua pesquisa, ou seja, a quantidade de documentos pesquisados que possibilitaram as diversas afirmações de Freyre em *Casa Grande & Senzala*, as diversas histórias e hipóteses que foram surgidas a partir da leitura e análise dos ofícios, testamentos e etc. Porquanto, o uso de documentações “primárias” desempenha uma espécie de função de “lastro acadêmico” na obra de Freyre, tornando não somente mais segura, do ponto de vista da pesquisa, mas também mais legítima, do ponto de vista da Academia.

³⁰⁴ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. RJ: Editora Maia & Schmidt, 1933: XXXII e XXXIII.

Foi por meio de relatórios, encontrados nas visitas do Santo Ofício às partes do Brasil, que Freyre afirmou em sua obra existir manifestações religiosas indígenas com características fálicas³⁰⁵. Ou mesmo afirmar que vários indígenas, considerados cristãos-novos, praticavam sodomia ou "pecado nefando", na linguagem dos inquisidores³⁰⁶. Foi por meio de relatos de viagens e livros de assento que Freyre pôde apresentar dados aos leitores sobre o costume de casar moças com pouca idade (à partir de oito anos de idade), mesmo que ilegal³⁰⁷. A partir desta reflexão acerca das valiosas informações encontradas nos documentos, percebemos, sob nosso ponto de vista, a importância dos documentos variados para as análises realizadas por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, bem como a apresentação dos dados e fontes, nas quais foram consultados, conferindo certa confiabilidade nas informações ali apresentadas, fator este que, a nosso ver, contribuiu para a consolidação da obra.

As bibliografias adicionadas ao texto dos rodapés também foram importantes para a validação de *Casa Grande & Senzala* como um todo, uma vez que compõem 17% da obra, ou cento e sessenta e nove notas que apresentam aos leitores escritos que dizem respeito aos assuntos abordados tanto no texto principal quanto no pé de página. Tais bibliografias são textos, livros, artigos, dentre outros que Freyre utilizou para acrescentar alguma informação ao texto e/ou debater com os autores que corroboravam ou discordavam daquilo que estava sendo escrito. Dentre os capítulos, o que mais encontramos notas, aqui classificadas como "bibliografias", destacamos como sendo o capítulo I – *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida* – constando sessenta e seis notas de rodapé deste tipo.

Freyre colocou em nota as bibliografias relacionadas aos diversos assuntos, livros de outros autores, mas também indicou de seu acervo autoral, como por exemplo a nota em que ele aconselha aos leitores a consulta e duas obras de sua autoria: *O mundo que o português criou* e *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira* para corroborar com suas hipóteses. Além

³⁰⁵ Como Freyre explicou na nota de nº 43 do capítulo II de *Casa Grande & Senzala*.

³⁰⁶ Como na nota nº 93 do capítulo II da obra de Freyre.

³⁰⁷ Assim como Freyre detalha na nota nº 155 do capítulo IV de *Casa Grande & Senzala*: "Também nos manuscritos (livros de assentos) de família, da coleção Luís Antônio Pinto, por nós examinados em Caeté (Minas Gerais), são numerosos os casos como os de: Maria Salomé Perpétua de Queiroga, casada em 1787 com o alferes Bernardino José de Queiroga, tendo ela 14 anos e ele 33; Cândida Joaquina Perpétua de Vasconcelos, casada em 1795 com Francisco José Sessa, tendo ela de idade 13 anos e o marido 31; Maria de Vasconcelos, casada em 1812 com Joaquim Manuel de Moraes e Castro, tendo ela 15 anos" (FREYRE, Gilberto. Op. cit.; nota nº 155: 489)

disso, ele ainda recomendou a leitura de outro autor, Sr. Jaime Cortesão³⁰⁸, que trabalhou na mesma perspectiva que Freyre em relação ao português e as estratégias marítimas desenvolvidas, assim como Freyre fez questão de destacar em nota de rodapé:

Em relação com a nossa idéia [...] de que o português sempre uniu ao espírito de aventura o de preocupação, rotina, segurança, utilidade, não nos devemos esquecer de que modernos historiadores do direito e do comércio marítimos atribuem aos portugueses a invenção dos seguros marítimos, criados – destaca o Sr. Jaime Cortesão – "na longa prática do tráfego por mar a distância, durante os séculos XIII e XIV e consagrados pela legislação de Dom Fernando [...]"³⁰⁹

Mais a frente, Freyre, ao falar da "importância que reconhece terem sido os rios pequenos na formação social do norte"³¹⁰, adotou a mesma estratégia que na nota acima explicitada, indicou aos leitores o conhecimento de uma de suas obras: *Nordeste*. Além de indicar outras bibliografias afins para o aprofundamento dos estudos, como: Sr. Alberto Ribeiro Lamengo, *O homem e o brejo*, 1945; Durval Vieira de Aguiar, *Descrições práticas da província da Bahia*, 1888; Teodoro Sampaio, *O rio São Francisco e a chapada Diamantina*, 1938; Euclides da Cunha, *"Amazônia", À margem da história*, 1909; Alberto Rangel, *"Aspectos gerais do Brasil" (Rumos e perspectivas)*, 1934; J. F. Normano, *Brazil, a study of economic types*, 1935 e; Inácio José Veríssimo, *"Problemas do reagrupamento das nossas populações", Política*, 1945.

Somente nesta nota foram sete indicações e articulações entre diferentes autores, os quais apenas os três últimos citados oferecem perspectiva diferente daquela adotada por Gilberto Freyre. Ou seja, Freyre defendeu a existência de rios que proporcionaram o crescimento do Nordeste em relação ao plantio de cana de açúcar, já Alberto Rangel, apoiado por J.F. Normano e Inácio José Veríssimo foram citados para se contraporem às concepções esboçadas por Freyre e os atores anteriormente citados. Para os três últimos autores citados não existia valores hidrográficos na região nordeste, apenas referem-se de "raspão", como afirmou Freyre, à pequeninos riachos, sem se aprofundarem em sua importância para as plantações.

³⁰⁸ Jaime Cortesão era português formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, escritor, poeta, político e historiador. Dedicou-se ao estudo sobre Portugal e as diversas facetas políticas existentes em seu país. Esteve no Brasil por certo período, o qual pode se dedicar na realização de conferência e publicações de textos diversos. Para maior aprofundamento consultar o sítio eletrônico: <http://cvc.Instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1416-jaime-cortesao.html>. Acesso em: 31/05/2013.

³⁰⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit.: 2006: nota nº 12: 119

³¹⁰ Idem: nota nº 77: 134

Levando em consideração estes exemplos, percebemos o anseio de Gilberto Freyre em demonstrar aos leitores a quantidade de autores que pesquisaram temas correlacionados com os seus, bem como mostrar seu vasto conhecimento de bibliografias. Neste sentido, Freyre tentou reafirmar seu potencial de erudição, fato este que nos leva à hipótese central desta dissertação, a de que o autor em questão modificou sua obra, inseriu novas indicações bibliográficas, demonstrou aos leitores seu conhecimento vasto em autores diversos, com vistas a alcançar a consolidação de *Casa Grande & Senzala* em meio às produções intelectuais brasileiras.

Além de contar histórias do cotidiano, demonstrar a confiabilidade dos dados inseridos em sua obra, atualizar e sugerir outras fontes de informações acerca dos assuntos abordados, Freyre ainda inseriu vários rodapés escrevendo o que denominamos aqui "informações adicionais"³¹¹. Nesta oportunidade foi possível que o autor escrevesse aquelas informações que, ao seu ponto de vista, não cabia no texto principal, por fugir da temática central ou apenas porque seria uma divagação de seu pensamento. Por vezes Freyre utilizou o espaço da nota de rodapé também para explicar um termo utilizado no texto principal ou, também, para explicitar um conceito que merecia um aprofundamento para que o leitor conseguisse compreender aquilo que estava sendo desenvolvido.

Os rodapés que trouxeram "informações adicionais" totalizaram 14% de *Casa Grande & Senzala*, ou seja, precisamente cento e quarenta e três notas. O capítulo da obra que mais foi enriquecido de notas de rodapé com "informações adicionais" foi o primeiro – *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida* – com quarenta e nove notas com este perfil³¹².

Um exemplo notório de nota contendo este tipo de perfil é a de nº 72 deste mesmo capítulo acima mencionado. Nela Freyre acrescenta informação a respeito do clericalismo dos padres da Companhia de Jesus em contrapartida ao patriarcalismo das famílias instaladas no

³¹¹ Vale ressaltar que interromperemos a ordem de dados acima explicitada: "causos", "documentos", "bibliografias", "diálogos/debates", "Informações adicionais" e "referências". Ou seja, pularemos, neste momento o tipo de nota denominado neste trabalho como "diálogos/debates" e o abordaremos no próximo tópico, isto por considerarmos de grande relevância para nossa hipótese central os diálogos travados aos pés de página. Para nós, estas notas demonstram de maneira mais abrangente e esclarecedora a busca de Freyre pela consolidação de sua obra.

³¹² É preciso destacar mais uma vez o que afirmamos no Início deste capítulo, as tipologias adotadas não engessam as notas em apenas uma classificação, ou seja, são raras as notas apresentadas com somente um perfil ("causo", "documentos", "bibliografias", "diálogos/debates", "Informações adicionais", "referências"), na maioria das notas percebemos uma mistura variada de tipos de notas. Abordaremos mais à frente alguns casos que representam esta situação.

Brasil. Desde o primeiro momento Freyre deixou claro aos leitores que, sob seu ponto de vista, as famílias coloniais desenvolveram vários poderes – social, econômico e político – e, por isso, o desejo dos padres da Companhia em fundar no Brasil "uma santa república de 'índios domesticados para Jesus'"³¹³ ia de encontro com "o oligarquismo ou nepotismo, que aqui madrugou"³¹⁴. Neste sentido, o autor ligou a este assunto, abordado no texto principal, uma nota de rodapé para dizer brevemente aos leitores como este clericalismo atingiu as famílias de Pernambuco. Em nota ele escreveu:

O clericalismo dos padres da Companhia foi logo colidindo com a oligarquia que se formara em Pernambuco em torno da figura de Duarte Coelho e da de seu cunhado, o patriarca Jerônimo de Albuquerque. Colidindo também com o patriarcalismo de Ramalho³¹⁵

Ou seja, Gilberto Freyre utilizou o espaço do rodapé de seu livro para especificar regionalmente o assunto abordado no texto principal, levando assim, a informação aos leitores de que não apenas de forma geral o clericalismo incomodava o patriarcalismo instaurado pelas famílias brasileiras, mas também às famílias, principalmente de Pernambuco. O objetivo de Freyre ao citar exemplos, inclusive com nomes específicos de famílias, nos parece uma estratégia clara de recurso de persuasão adotada pelo autor para convencer os leitores de sua ideia a respeito do conflito família patriarcal *versus* clericalismo da Companhia de Jesus.

Assim como afirmamos acima, Gilberto Freyre utilizou desse tipo de nota, "informações adicionais" – como está sendo classificado nesta dissertação –, para esclarecer conceitos utilizados ao longo de sua escrita, de forma que o leitor pudesse compreender o sentido da palavra utilizada. Para tanto, tomamos como exemplo a nota nº 112 do segundo capítulo da obra freyriana, na qual o autor explica o sentido adotado para a palavra "complexo" ao abordar a disseminação de costumes indígenas aos europeus do uso do caju. Segundo Freyre, o "complexo do caju"³¹⁶ – é exatamente este termo utilizado – foi transmitido aos europeus "com uma série de aplicações medicinais e culinárias; destacando-se, porém, o seu uso no fabrico de um vinho muito bom, hoje caracteristicamente brasileiro"³¹⁷. Em nota ele explica melhor o uso da palavra:

A palavra "complexo" é empregada através deste ensaio no seu sentido antropológico ou sociológico, significando aquela série de traços ou processos que constituem uma espécie de constelação cultural. É assim que

³¹³ FREYRE, Gilberto. Op. cit.: 2006: 85

³¹⁴ Idem

³¹⁵ Idem: nota nº 72: 132

³¹⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit.,2006: 196

³¹⁷ Idem

existem o complexo da mandioca, o da *cuvade*, o do leite, o da exogamia, o do tabaco etc. É preciso, diz Wissler em *Man and culture*, não confundir esse uso antropológico com o psicopatológico.³¹⁸

A partir disto fica notório a necessidade de Freyre em explicar ao leitor os sentidos das palavras e/ou conceitos para que o contexto do assunto abordado seja compreendido. Dessa forma, nesta nota em específico, Freyre pareceu querer que seu leitor compreendesse os constantes entrelaçamentos das culturas por ele abordadas no Brasil, o que significa que os processos de uso da fruta caju foram transmitidas e ensinados aos europeus. Portanto, o autor utilizou da nota para acrescentar informações pertinentes e esmiuçar os conceitos adotados, de maneira que ficassem claras as hipóteses, fatores que, aliados aos outros perfis já abordados nesta dissertação, ajudam a comprovar o desejo aparente de Freyre em consolidar sua obra.

Outro perfil que reafirma nossa hipótese são a grande quantidade de notas de rodapé em que Gilberto Freyre citou as muitas "referências", ou seja, obras utilizadas por ele ao longo de seus estudos para a escrita de *Casa Grande & Senzala*. Este tipo de pé de página denota fortemente a busca pelo alicerce da obra, o que quer dizer que o autor buscou credibilidade ao que escrevia por meio de outros estudos que o ajudou a corroborar suas teses.

As notas de "referências", classificadas com esta nomenclatura nesta dissertação, compõem de 54% dos rodapés de *Casa Grande & Senzala*, precisamente quinhentas e cinquenta e duas notas de rodapé possuem este perfil. Com cento e setenta e sete rodapés sendo pertencentes ao capítulo IV – *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro* – indicando os estudos utilizados por Freyre para a temática abordada na seção. Nestes pés de página foram referenciados os trabalhos citados por Freyre ao longo de sua obra, ou estudos que ajudam a corroborar com o que foi apresentando no texto principal.

A grande quantidade de citações levou Gilberto Freyre a responder ao crítico, o qual ele não nos revela a identidade, que o chamou de "pedante" por citar em excesso no prefácio acoplado à quarta edição: *Quase um prefácio à terceira edição*:

Porque o Autor prefere que os críticos de belas-letas desgarrados no comentário a trabalhos da natureza do seu acusem-no, com maior ênfase literária, una de "sociologismo", por evitar as generalizações de efeito verbal, outros de "pedante" pelo fato de – segundo eles – "citar demais", a resvalar no pecado contrário e talvez mais grave: o de citar de menos³¹⁹

³¹⁸ Idem, nota nº 112: 249-250

³¹⁹ FREYRE, Gilberto. "Quase um prefácio à terceira edição". In: **Casa Grande & Senzala**. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1943: 64.

Na perspectiva adotada por Gilberto Freyre, as referências dos estudos pesquisados para a escrita de *Casa Grande & Senzala* são de grande importância para a construção de seu ambiente intelectual. Fator este que destaca o anseio de Freyre em demonstrar aos leitores a quantidade de obras consultadas, de textos lidos, de autores conhecidos, ou seja, de sua erudição e propriedade para tratar dos assuntos ali abordados.³²⁰

Portanto, levando em consideração à maior porcentagem de notas de rodapé identificadas como "referências", percebemos a quantidade enorme de consultas, leituras e pesquisas que foram realizadas para a construção das hipóteses apresentadas na obra freyriana. Além de todos os livros lidos por ele em sua formação intelectual, foi preciso que ele se empenhasse nos diversos estudos já existentes acerca da família patriarcal no Brasil e seus diversos desfechos. No entanto, mesmo apresentando essa enorme quantidade de referências – o que significa que Freyre conhecia os trabalhos citados –, seu crítico Afonso Arinos de Melo Franco³²¹ escreveu:

Gilberto Freyre acumulou conscienciosamente uma formidável bibliografia e leu-a com escrupulosa honestidade. (Ele é um homem de bem). Mas tenho a impressão de que escreveu sem descanso, sem fôlego, muito depressa, quase sem notas, provavelmente sem fichas que me parecem necessárias numa obra de tal amplitude³²²

Por maior número de referências citadas por Gilberto Freyre, Afonso Arinos de Melo Franco considerou que o trabalho intelectual sobre aquilo que foi consultado, lido e pesquisado, poderia ter sido maior. *Casa Grande & Senzala* começou a ser escrito em 1930 em Lisboa e terminou em Recife, já no ano de sua publicação, 1933. Teoricamente foram três anos de pesquisa e escrita, no entanto, diferentemente do pensamento de Melo Franco, os estudos acerca dos "problemas" brasileiros, como defendeu Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, começou ainda quando estava estudando fora do Brasil, período, considerado por ela, de intensa construção intelectual. Aliado a este período no exterior, a autora defendeu ainda

³²⁰ Destacamos neste ponto a diferença fundamental que estabelecemos entre o que classificamos como "bibliografia" e "referências". Enquanto a primeira se trata de bibliografias citadas para consulta adicional do leitor sobre um dado assunto, a segunda se refere àquelas referências bibliográficas dos textos e autores citados no texto principal, especialmente em forma de citações.

³²¹ Afonso Arinos de Melo Franco também criticou a linguagem adotada por Freyre na escrita de *Casa Grande & Senzala* e a má revisão da primeira edição da obra. Ver capítulo I desta dissertação.

³²² FRANCO, Afonso Arinos de Melo. "Uma obra rabelaisiana". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1985: 84.

que foi com o retorno de Freyre ao Brasil que teria sido encontrado o caminho rumo à *Casa Grande & Senzala*³²³.

Tendo como ponto de partida o número de notas de rodapé do tipo "referências" podemos perceber o grande empenho de Freyre em citar a máxima quantidade de trabalhos estudados, o que nos leva a pensar em seu esforço intelectual para consolidar a obra lançada em 1933. O anseio em demonstrar aos leitores a grande gama de obras lidas para a escrita de sua obra configuram o ganho da confiabilidade e legitimidade aos assuntos escritos, o que conseqüentemente auxilia na consolidação da obra junto à historiografia brasileira. Tais aspectos aliados às modificações, atualizações, reedições, discussões e polêmicas proporcionaram à *Casa Grande & Senzala* ser um clássico em nossa historiografia.

1.2. Diálogos/Debates em pé de página

Em vista da importância que atribuímos às notas as quais classificamos por “diálogos/debates”, acreditamos ser necessário reservar uma parte considerável desse capítulo para nos debruçarmos sobre elas. Embora em *Casa Grande & Senzala* estes rodapés constituam apenas 4% das notas, o equivalente a quarenta e cinco pés de página em que Gilberto Freyre travou diálogo/debate com autores, de forma a defender suas ideias, tais debates, discussões e defesas nos parecem de importância ímpar para compreendermos tanto a forma como a obra foi recebida pela crítica, quanto a energia dispensada por Freyre para, na própria obra, discutir com seus pares. Para tanto, destacamos algumas notas deste tipo para que possamos compreender como estes diálogos contribuíram para a consolidação da obra freyriana.

Primeiramente, é escusado dizer a importância dos diálogos historiográficos para o desenvolvimento das teorias defendidas pelos autores, já que é por meio destes debates e/ou diálogos que o autor afirma, altera ou retifica suas concepções. No caso de Gilberto Freyre a maioria das notas foi estabelecida com o fito de afirmar suas hipóteses e defender as mesmas. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda o costume, até insistente, que Freyre tinha de chamar para o debate foi um de seus pontos fortes, pois, através deles que surgiram

³²³ De acordo com Pallares-Burke, "o jovem retornado estava imerso em dúvidas e Incertezas quanto ao rumo de sua vida; e como, de fato, foi por meio de um processo mais longo e hesitante do que usualmente se supõe que Freyre iria encontrar o caminho que o levaria a *Casa Grande & Senzala*" (PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: Um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005: 149)

discussões interessantes e que contribuíram para um melhor entendimento acerca do assunto em voga. Em suas palavras: “Uma das virtudes de Gilberto Freyre e que contribuem para singular importância de seus ensaios, está em que convida insistentemente ao debate e provoca, não raro, divergência fecundas”³²⁴. Dessa forma, mesmo Holanda considerando os debates de Freyre no mínimo obsessivo, o mesmo acreditava ser uma maneira que o autor encontrou de, além de defender, definir seu próprio método:

E o seu empenho de defender-se a todo propósito dos que opõem reservas a tais métodos ou aos seus resultados, há de aparecer a muitos, pelo menos uma curiosa obsessão, o certo é que ele trouxe a vantagem de propiciar-lhe uma oportunidade para tentar definir a ‘técnica’ de seus ensaios³²⁵

Neste sentido, acreditamos ser bastante fecunda a análise minuciosa dos diálogos postos por Freyre, já que, além de nos ajudar a compreender melhor as teorias desenvolvidas e discussões estabelecidas, estas, ao que nos parece, culminam na permanência da obra no meio intelectual. Por conseguinte, o que consideramos mais interessante nestes debates é justamente a maneira em que Freyre os escreveu, pois, ao invés de publicar artigos para responder seus críticos, ele preferiu fazer reparos em sua obra. Estes reparos, como já salientado, foram realizados principalmente em dois paratextos importantes para a constituição de um livro: o prefácio³²⁶ e as notas de rodapé. Obviamente não foram somente estes paratextos que foram sendo modificados ao longo das reedições, as capas, figuras e índices também sofreram reparos.

Intrigante ainda é perceber a renovação do fôlego de *Casa Grande & Senzala* que, apesar de tantas alterações e reedições, continuou a ser fundamental para os estudos brasileiros, mesmo com tantas críticas recebidas que, porventura, tentaram fragilizar a obra. Olhando por este viés, faz todo sentido a afirmação de Gadamer de que “é clássico o que se mantém em face da crítica histórica”³²⁷, e o fato de ser o tempo a chave para que um livro se torne clássico, como também defende Freyre:

O verdadeiro crítico de um livro, como de um vinho com pretensões a clássico, o crítico que verdadeiramente consagra esse autor ou esse vinho, como clássicos, sabemos todos que é o Tempo. E em face do Tempo, Casa-

³²⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A propósito de Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979: 111

³²⁵ Idem: 115

³²⁶ Ver capítulo II desta dissertação.

³²⁷ GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1998: 431

grande & senzala é apenas uma criança, mimada por uns, é certo, mas ainda evitada – como crianças traquinas ou mijonas – pelos mais cautos³²⁸

O próprio autor da obra em questão se surpreendeu com a vitalidade de seus escritos, ele expressou tal surpresa em seu prefácio à décima terceira edição de *Casa Grande & Senzala* ao se comparar com o marido de uma professora:

Ao Autor surpreende o fenômeno que o deixa um tanto na situação anedótica de “marido de professora”: o marido que envelhece quase na obscuridade, enquanto a mulher se conserva jovem e em evidência. No caso deste livro – mulher, em evidência, tanto no estrangeiro como no país de origem. Na própria aldeia de onde saiu³²⁹

Ou ainda no prefácio à décima primeira edição em que Freyre saiu em defesa de sua obra perante aos críticos que insistiam em desacreditar na importância de sua obra. Segundo ele,

Um livro não se comporta senão de acordo com sua própria vitalidade. À revelia do Autor e à revelia de quantos, por isto ou por aquilo, pretendam destruir ou desacreditar ou inatualizar o Autor. Pelo que continua *Casa Grande & Senzala* a desmentir tranquilidade, no Brasil e no estrangeiro, seus detratores; e a atrair a confirmação de mestres para o que nele continua, segundo eles, vivo e válido. Suas sucessivas edições, em diferentes línguas, falam por si mesmas; fala por si mesma a renovada atração que o livro exerce há anos, e teima em exercer agora, sobre a inteligência e sobre a sensibilidade das novas gerações. Continua a ser um livro, segundo mestres da Sorbone e de Harvard, moderníssimo³³⁰

Neste sentido, esse demonstrativo da vontade de Freyre em defender sua obra perante seus críticos nos leva à nossa hipótese, a de que as modificações, debates, reedições e defesa fizeram parte de uma tentativa do próprio autor em consolidar *Casa Grande & Senzala*. Assim, os rodapés que se estabeleceram diálogos/debates se mostram relevantes para o entendimento deste objetivo de Freyre.

1.2.1. O debate entre Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior

Em nota de rodapé – de número 55 – do primeiro capítulo de *Casa Grande & Senzala* Freyre estabeleceu um diálogo com dois intelectuais da historiografia brasileira, Caio Prado

³²⁸ FREYRE, Gilberto. "Como e porque escrevi Casa-Grande & senzala". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 721

³²⁹ FREYRE, Gilberto. "Prefácio à décima terceira edição". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 520

³³⁰ FREYRE, Gilberto. "Prefácio à décima primeira edição". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 519

Jr. e Nelson Werneck Sodré, apesar de que o diálogo direto ter se dado de maneira substancial somente com o primeiro, como veremos abaixo. Este rodapé foi acrescentado na publicação da 6ª edição da obra e chamou atenção para a importância da família patriarcal ou mesmo a parapatriarcal para a formação de nossa sociedade.

De acordo com Freyre as condições de nosso país favoreceram a colonização portuguesa e conseqüentemente a formação da família patriarcal que, foi de excepcional importância para a formação social brasileira. Para ele,

Todos esses elementos, a começar pelo cristianismo liricamente social, religião ou culto de família mais do que de catedral ou de igreja [...]; todos esses elementos e vantagens viriam favorecer entre nós a colonização, que na América Portuguesa, como nas “colônias de proprietários” dos ingleses na América do Norte, repousaria sobre a instituição da família escravocrata; da casa-grande; da família patriarcal; sendo que nestas bandas acrescidas a família de muito maior número de bastardos e dependentes em torno dos patriarcais, mais fêmeiros que os de lá e um pouco mais soltos, talvez, na sua moral sexual³³¹

Assim sendo, para Freyre a família patriarcal formada aqui no Brasil se constituía de todas as pessoas que viviam em torno da casa-grande – o escravo, o vigário, o irmão de criação, o escravo doméstico, o senhor, a sinhá, o filho branco, etc. – sendo que toda a atividade política, econômica e social também girava em torno dessa família patriarcal. Ou seja, a casa-grande representou, para Freyre, na formação brasileira centros de coesão patriarcal e religiosa, eram os pontos de apoio para a organização nacional. A casa-grande, juntamente com a senzala, retratou todo um sistema econômico, político e social de produção, trabalho, religião, vida sexual e de família. Segundo ele,

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crendices da senzala³³²

Face a isso, para Caio Prado Júnior o que se formou no Brasil no período colonial foi o clã patriarcal, seguindo a concepção de Freyre do que foi esse patriarcalismo e de como ele atuou na formação de nossa sociedade, ele afirmou que esse clã era uma

unidade em que se agrupa a população de boa parte do país, e que, na base do grande domínio rural, reúne o conjunto de indivíduos que participam das atividades dele ou se lhe agregam; desde o proprietário que do alto domina e dirige soberanamente esta pequena parcela de humanidade,

³³¹ FREYRE, Gilberto. Op.cit., 2009: 84-85

³³² Idem: 44

até o último escravo e agregado que entra para sua clientela. Unidade econômica, social, administrativa, e até de certa forma religiosa³³³

No entanto, Prado não viu a colonização portuguesa com os mesmos olhos que Freyre enxergava, uma vez que este adotou uma visão “romantizada” da conquista portuguesa. Para ele o português transmitiu ao Brasil suas características de miscibilidade, mobilidade, mistura de antagonismos e de hibridismo, gerando então, uma sociedade “agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição”³³⁴. Neste sentido,

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos³³⁵

Já na visão de Caio Prado Júnior a colonização portuguesa não trouxe tantos benefícios à nossa sociedade como defende Gilberto Freyre. Em seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo* Prado faz várias críticas à colonização obtida em nosso país afirmando os defeitos que a má administração da colônia gerou:

falta de organização, eficiência e presteza do seu funcionamento. Isto sem contar os processos brutais empregados, de que o recrutamento e a cobrança dos tributos são exemplos máximos e índice destacados do sistema geral em vigor. A complexidade dos órgãos, a confusão de funções e competência; a ausência de método e clareza na confecção das leis, a regulamentação esparsa, descontraída e contraditória que a caracteriza, acrescida e complicada por uma verborragia abundante em que não faltam às vezes até dissertações literárias; o excesso de burocracia dos órgãos centrais em que se acumula um funcionalismo inútil e numeroso, de caráter mais deliberativo, enquanto os agentes efetivos, os executores, rareiam; a centralização administrativa que faz de Lisboa a cabeça pensante única em negócios passados a centenas de léguas que se percorrem em lentos barcos a vela; tudo isto, que vimos acima, não poderia resultar noutra coisa senão naquela monstruosa, emperrada e ineficiente máquina burocrática que é a administração colonial³³⁶

Frente a esta breve exposição de algumas concepções defendidas pelos autores em questão, o assunto levantado por Freyre em rodapé foi justamente a família patriarcal e como

³³³ JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)**. São Paulo: Editora brasiliense, 1994: 286

³³⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2009: 65

³³⁵ Idem: 69

³³⁶ JÚNIOR, Caio Prado. Op.cit.,1994: 333

a formação desta gerou, na visão de Prado, uma instabilidade econômica no Brasil. Na perspectiva de Prado Júnior, o “modelo” de família criado ao redor da casa-grande trouxe consequências, principalmente no que diz respeito à sexualidade do brasileiro, uma vez que gerou uma sexualidade desenfreada acabando por ferir o que seria a “moral” de uma família.

Freyre destacou, no pé de página, um trecho de *Formação do Brasil Contemporâneo* assumindo parte da afirmação de Prado: “A escravidão, a instabilidade e insegurança econômicas...; tudo contribuiria para se opor à constituição da família, na sua expressão integral, em bases sólidas e estáveis”³³⁷. Ou seja, para Caio Prado o desregramento tanto da escravidão, da vida sexual do brasileiro e sua precariedade econômica prejudicavam na consolidação do conceito que ele defendeu de “família”, que seria também a disciplinadora da vida sexual de seus filhos.

Segundo Freyre, mesmo a família patriarcal possuindo toda a importância dada por ele na formação de nossa sociedade, “é certo que o fato dessa importância, antes qualitativa que quantitativa, não exclui o fato, igualmente importante, de entre grande parte da população do Brasil patriarcal”³³⁸, os fatores destacados por Prado, tenham sido prejudiciais à formação da mesma nos padrões destacados por este. Até porque, em sua concepção, a formação da família em torno da casa-grande ocorreu com a minoria da população brasileira, já que com a maioria da população ocorre de forma diferenciada:

A formação brasileira, ao contrário do que se afirma correntemente, não se processou, salvo no caso limitado e como veremos, deficiente, das classes superiores da "casa-grande", num ambiente de família. Não é isto que ocorre com a massa da população: nem com o colono recém-chegado, nem com o escravo, escusado acrescentá-lo; talvez ainda menos com esta parte da população livre, econômica e socialmente instável que temos já visto sob outros aspectos, e à qual falta base sólida em que assentar a constituição da família³³⁹

Consoante com Freyre, além da família se formar em torno da casa-grande, ela também sofreu influência direta do “modelo” de família portuguesa, mesmo que tenha sido a minoria da população, eram nestas minorias que a maioria buscava padrões para a constituição de suas famílias. Ele destacou, ainda em rodapé, que os próprios padres também se tornavam pais de famílias verdadeiras, mesmo que alguns “moralistas” – é a forma irônica que Freyre utilizou para se referir ao seu par neste diálogo – não acreditem serem estas composições familiares “integrais”, como afirmou Prado.

³³⁷ Idem: 351

³³⁸ FREYRE, Gilberto. Op.cit., 2009: 129

³³⁹ JUNIOR, Caio Prado. Op. Cit, 1944: 351

Neste sentido, como forma de explicar suas escolhas de análises e confirmar suas hipóteses, Freyre lembrou que existem diversos tipos de familismo no Brasil que não corroboram com o ponto de vista católico-romano: são os parapatriarcais, semipatriarcais e antipatriarcais. Ou seja, para uma análise sociológica dos acontecimentos foi preciso que Freyre adotasse uma posição que se localizasse fora da moral para que enxergasse também essas formas antipatriarcais que se instituíram no Brasil como organização familiar. O fato é que, em um país híbrido, que contou com diversas culturas para a sua formação, é natural existirem concepções diferenciadas de famílias, uma vez que ocorreu uma mistura de influências de cada uma delas para a constituição de, também diferenciadas, famílias. Para Freyre,

do ponto de vista sociológico, temos que reconhecer o fato de que desde os dias coloniais vêm se mantendo no Brasil, e condicionando sua formação, formas de organizações de famílias extrapatriarcais, extracatólicas que o sociólogo não tem, entretanto, o direito de confundir com prostituição ou promiscuidade³⁴⁰

A nosso ver, isto quer dizer que, para Freyre, não poderia, neste caso, ocorrer juízos de valor. Mesmo que Prado afirme que “não é no terreno dos sentimentos que me coloco aqui; não são as reações emotivas e afetivas nas relações recíprocas de homem para mulher, ou de pais para filhos que procuro negar”³⁴¹, pode-se perceber certa visão moralista do autor ao se analisar os diversos tipos de família que aqui se instituíram.

Freyre finalizou o rodapé defendendo o arquétipo de família argumentado em toda sua obra, ou seja, que o Brasil seria uma sociedade composta, recebendo influência de culturas europeias, africanas e indígenas, sendo que nenhuma destas influências pode ser considerada como promíscua ou de prostituição. O patriarcalismo que aqui se compôs foi aquele em que os escravos adotavam os nomes de seus senhores, em que as sinhás se preocupavam com a salvação da alma de seus escravos de “estimação”, em que as amas de leite influenciavam na iniciação da vida sexual do menino branco, em que a negra facilitava a vida sexual do menino branco “abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço”³⁴², em que se misturou as crenças religiosas; em que se misturou os costumes alimentares, dentre outras características.

Em suma, a análise acima apresentada apenas reafirma a vontade aparente de Gilberto Freyre em defender sua obra, mostrar aos leitores que sua teoria possui fundamento, já que são acrescentadas também novas bibliografias sobre o assunto. Assim, Freyre apresentou seus

³⁴⁰ FREYRE, Gilberto. Op. cit 2009: 130

³⁴¹ JUNIOR, Caio Prado. Op. cit: 352

³⁴² FREYRE, Gilberto. Op. cit 2009: 456

argumentos de forma a utilizá-los para sobrepor sua pesquisa à de Caio Prado Junior, no que diz respeito ao assunto discutido em nota. Tal fator nos leva a crer no intenso desejo de Freyre em manter sua obra de maneira legítima e consolidada no meio intelectual, objetivo este que, a nosso ver, foi alcançado, visto à intensidade e quantidade de discussões até hoje presentes no meio acadêmico.

1.2.2. O debate entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda estabeleceram diálogos além dos pés de página de *Casa-grande & senzala*, uma vez que o debate ocorreu também em vários outros artigos e até mesmo na nova introdução de *Sobrados & Mucambos* datada de “maio de 1949 – março de 1961”. Os rodapés debatidos com Holanda são os de número 74 no primeiro capítulo, 159 do capítulo segundo e, 85 do terceiro capítulo, todos acrescentados da 5ª edição da obra. Holanda escreveu, especialmente, dois artigos – *Panlusionismo* e *S. I.* – que foram publicados em seu livro *Cobra de vidro* (1944), os quais são citados por Gilberto em nota. Porém, existem ainda três artigos de grande interesse para a compreensão do debate entre eles: *Sociedade Patriarcal*; *A propósito dos ingleses no Brasil* e *Ainda ingleses no Brasil*, publicados em *Tentativas de mitologia* (1979).

Sérgio Buarque reconheceu a importância das obras de Gilberto Freyre, uma vez que as considerou um marco em nossa historiografia, contribuindo com novas questões acerca de nossa sociedade. Ele afirmou que nem mesmo os mais renomados contraditores de suas teses podiam negar a importância de seus estudos.

Não creio que os seus mais obstinados contraditores possam negar que ele iluminou de uma luz nova e muito viva alguns aspectos fundamentais de nosso passado colonial e imperial, e que trouxe elementos sumamente valiosos para a boa inteligência desse passado³⁴³

A primeira edição de *Raízes do Brasil* continha uma apresentação do diretor, na época, Gilberto Freyre, da coleção que se lançava: “Coleção Documentos Brasileiros”. Nela, este elogiou a forma de trabalho adotada por aquele e reforça a alegria da coleção em poder adotar seu livro como o primeiro de muitos que viriam. Freyre considerou Holanda “uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só por desejo como a capacidade de

³⁴³ HOLANDA. Sérgio Buarque de. "Ainda Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979: 118

analisar, o gesto de interpretar a alegria intelectual de esclarecer”³⁴⁴. Porém, na segunda edição do livro, publicado em 1948, a citada apresentação foi retirada, uma vez que objetivava a apresentação da coleção e não da obra.

Além dessa modificação na apresentação, Sérgio Buarque, assim como Gilberto Freyre, alterou sua obra para a publicação da segunda edição, mexeu no texto principal, no título de dois capítulos e também nas notas de rodapé. Consoante com ele,

Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar opiniões e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me. Se por vezes tive o receio de ousar uma revisão verdadeiramente radical do texto – mais valeria, nesse caso, escrever um livro novo – não hesitei, contudo, em alterá-lo abundantemente onde pareceu necessário retificar, precisar ou ampliar sua substância³⁴⁵

No entanto, não obstante toda a importância e riqueza de *Raízes do Brasil*, o diálogo que analisaremos entre estes dois intelectuais brasileiros não se refere diretamente ao livro mencionado acima, até porque o fato de ter ocorrido a retirada da apresentação, escrita por Freyre, na publicação da segunda edição da obra, nada tem de uma possível “implicância” de um com o outro, uma vez que esta somente apresentava os objetivos da coleção – que na publicação da segunda edição da obra de Holanda já estaria com 12 anos de duração – e não as características do livro em si, ou seja, não se tratava de um prefácio à primeira edição de *Raízes do Brasil*³⁴⁶. Já no caso do artigo *Sociedade Patriarcal* Sérgio Buarque debate questões referentes a obra *Sobrados & Mucambos*, entretanto, abordando questões discutidas desde o ensaio de 1933. A crítica ressaltada por Holanda nesse artigo já havia sido feita por outros críticos de Freyre, em seus pontos de vistas a tese de uma sociedade patriarcal no Brasil é questionável, uma vez que, segundo ele, ocorreu uma generalização do modelo para todo o resto do país, enquanto que o ponto de partida abordado por Freyre, segundo os críticos, é somente o nordeste. E, mesmo considerando o referido modelo no nordeste, Holanda questionou:

No próprio Nordeste elas mal se prestariam, por exemplo, para as zonas onde a lavoura e mesmo o braço escravo não tiveram papel mais saliente. Ou no planalto paulista, onde durante a maior parte do período colonial, pôde prevalecer, em grande escala, uma forma particular de policultura. Ou ainda no extremo-norte, onde se praticou largamente a indústria extrativa e a coleta

³⁴⁴ FREYRE, Gilberto. "Documentos brasileiros". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936: 1

³⁴⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995: 25

³⁴⁶ É válido aqui lembrar a diferença existente entre um prefácio e uma Introdução, pois, nesta a ligação com o texto é maior, ela é única, já o prefácio pode se “reproduzir” a cada reedição e o objetivo principal é guiar o leitor e mostrar o ponto de vista daquele que escreveu o prefácio, seja ele o próprio autor ou um terceiro.

florestal. Ou nas terras minerais e sobretudo nos campos sulinos onde parecem francamente inexistentes muitos traços que o autor pernambucano prende de modo indelével ao seu retrato de nossa civilização de raízes patriarcais e escravocratas³⁴⁷

Em resposta a esta crítica Freyre escreveu, na introdução de *Sobrados & Mucambos*, tentando provar seu conhecimento legitimador para afirmar sua análise de uma sociedade patriarcal não somente a partir do nordeste brasileiro. Segundo ele tal crítica é um engano, o qual “somos obrigado um tanto imodestamente a retificar”³⁴⁸, mesmo que ele tenha admitido ser insuficiente, para as pretensões transregionais, o volume de análises das regiões, realizados por meio de viagens às mais diversas áreas do Brasil, para ele

os bons aristarcos que nos acusam de conhecer só a área “Recife-Olinda” se dessem ao trabalho de nos acompanhar a vida de estudos, desde a publicação daqueles nossos primeiros trabalhos, moderariam, talvez, a ênfase com que nos acusam de conhecer apenas o Nordeste agrário – centro do sistema patriarcal-escravocrático em cuja análise e interpretação procuramos, é certo, desde moço nos especializar; e saberiam que nossas viagens por terra – de trem, de carro, de automóvel, a cavalo, a pé – ou pelas águas do litoral brasileiro – de rebocador, lancha, jangada e barçaça – com fim de procurarmos reconhecer semelhanças e diferenças entre as áreas mais características do Brasil [...]”³⁴⁹

Em outro artigo, este publicado em *Cobra de vidro*, intitulado “Panlusismo”, Holanda analisou os escritos de Freyre, ora elogiando-os, ora criticando-os. Logo no início percebemos o tom irônico do autor ao comentar uma declaração de Freyre, na qual dizia que somente quando ele encontrou um público capaz de acompanhar o processo de recriação é que valeu a pena escrever. Nas palavras de Sérgio Buarque: “Depois disso Gilberto Freyre – então simples autor de artigos e *plaquettes*– publicou uma quinzena de volumes e ficou célebre”³⁵⁰; no entanto, ainda no mesmo parágrafo elogia seu trabalho afirmando-o como estimulante para o interesse crescente do estudo da história social e da sociologia, mais uma vez reconhecendo a importância das obras de Freyre para a historiografia brasileira.

Neste mesmo artigo, Sérgio Buarque destacou, também, a dificuldade dos conceitos utilizados por Gilberto Freyre e já assinalados como perigosos por seu “mentor” Franz Boas. Tais conceitos referem-se à “raça” e “cultura”. Um dos elogios recebidos por críticos de *Casa Grande & Senzala* foi a inovação de seu autor abordar questões por um viés cultural, ou seja, resgatar questões do dia-a-dia, costumes que se misturaram, analisar a sociedade por meio dos

³⁴⁷ HOLANDA. Sérgio Buarque de. "Sociedade Patriarcal". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979: 102

³⁴⁸ FREYRE, Gilberto. **Sobrados & Mucambos**. São Paulo: Editora Global. ANO: 68

³⁴⁹ Idem : 69

³⁵⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978. P. 74.

pequenos detalhes, dentre outros. A reflexão levantada por Holanda é se “a simples afirmação enfática das particularidades culturais seria mais inofensiva?”³⁵¹ levando em consideração o caráter polêmico dos conceitos. De acordo com ele, todo conceito se afirmou mediante o diferente e com o conceito de cultura não poderia ser desigual. Porém, Freyre teria se esquivado deste problema a partir do momento em que sua análise baseava-se “em estudo sereno e atento, não em uma inclinação sentimental ou emotiva”³⁵², já que “Os pontos de vista do autor vêm expostos em uma apologia sincera da colonização portuguesa do Brasil”³⁵³.

Destarte, em nota de rodapé de *Casa Grande & Senzala*, a conversa entre Freyre e Holanda passou a ser em torno da afeição do português colonizador ao trabalho da terra. Sobre este ponto Freyre debate na nota de número 74³⁵⁴ no capítulo I – *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida*. Em suas palavras:

Em um dos estudos críticos publicados em seu livro *Cobra de vidro* (São Paulo, 1944), o Sr. Sérgio Buarque de Holanda diz a respeito do autor do presente ensaio, isto é, dos seus pontos de vista com relação à colonização agrária do Brasil pelos portugueses: “Quando o autor [de *Casa Grande & Senzala*] critica, por exemplo o Sr. Sérgio Milliet, pela afirmação de que o português colonizador não se afeiçoa muito ao trabalho da terra, penso que a razão está com o Sr. Sérgio Milliet, não com o Sr. Gilberto Freyre”.³⁵⁵

Sérgio Buarque apresentou explicações para seu posicionamento a favor de Milliet, afirmando que “Não faltam indícios de que a atividade dos portugueses, em quase todas as épocas, e já *antes da colonização do Brasil*, se associou antes à mercearia e à milícia do que à agricultura e às artes mecânicas.”³⁵⁶. Neste sentido, Freyre respondeu na nota reproduzindo o trecho da obra que ele acreditava ser referida por Sérgio Buarque – *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira* – em que Freyre argumentava a favor do gosto do português pela terra, uma vez que ele não acreditava no desapego total por parte do português ao trabalho agrícola.

No entanto, Freyre assumiu que muitos colonos portugueses que se instalaram no Brasil não tinham amor e nem apego pela cultura da terra. Dessa forma, essa relação portuguesa de desamor para com a terra, lavoura ou trabalho agrícola é evidente, mas que,

³⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Panlusismo". In: HOLANDA. **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978: 74

³⁵² Idem: 75

³⁵³ Ibidem

³⁵⁴ Importante dizer que Freyre, além do diálogo com Sérgio Buarque de Holanda e outros críticos, também acrescenta uma série de referência de trabalhos acerca do assunto tratado neste debate.

³⁵⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2009.p. 132 nota nº 74

³⁵⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque, op. cit., 78.

como percebeu C. A. Taunay – *Manual do agricultor brasileiro* (1839) – tais trabalhos passavam a ser desempenhados por escravos, o que proporcionou o respectivo sucesso na lavoura de alguns grupos de colonos europeus que foram introduzidos no Brasil pelos portugueses. No entanto, Freyre declara que Taunay se esquece de salientar o fato de que

os açorianos – tanto em sua terra de origem como nas suas áreas principais de colonização no Brasil, homens mais livres que outros portugueses da influência do trabalho escravo – foram na América bons colonos de tipo agrário e pastoril, em cujos descendentes se desenvolveria maior amor à terra e ao trabalho e à vida de campo que na maioria dos descendentes de grandes senhores de escravos por um lado, e de escravos, por outro.³⁵⁷

Neste sentido, Holanda afirmou, nessa mesma linha de raciocínio, que se o Brasil teve uma economia rural dominante foi somente na primeira fase da colonização, justamente por este fator de desapego do português à terra: “Se a economia rural chegou alguma vez a ter papel dominante na formação da sociedade portuguesa foi aparentemente a primeira dinastia”³⁵⁸

Porém, como uma cartada final Freyre fez uso das palavras de outro crítico, P. Madureira de Pinho, para corroborar sua hipótese:

Referindo-se à divergência entre nosso critério e o de outros autores que se têm ocupado do assunto, inclusive o Sr. Sérgio Buarque de Holanda, escreve o Sr. P. Madureira de Pinho: “Quer nos parecer aliás que a divergência nada tem de essencial e apenas o que pretende Gilberto Freyre é ressaltar que não foi **absoluto** o desapego do português às lavouras” (*Fundamentos da organização corporativa das profissões rurais, cit, p. 9*). Tanto não foi “absoluto” que os portugueses fundaram no Brasil, sobre base principalmente agrária, a maior civilização moderna nos trópicos, tornando-se também lavradores notáveis em outras partes da América.³⁵⁹

Ou seja, Freyre não descartou a consideração ressaltada por Holanda, mas destacou que aqueles portugueses que chegaram primeiro em nosso país, bem como seus descendentes, logo se desanimaram em “fazer riqueza fácil” com extração vegetal, mineral ou animal e caminharam para uma colonização agrícola. Neste sentido, pode ter sido a contragosto a implementação do modo agrícola no Brasil. Entretanto, “pode-se admitir que o português no Brasil fez agricultura como Mr. Jourdain fazia prosa; mas a verdade é que desenvolveu-se

³⁵⁷ FREYRE, Gilberto, op. cit., p. 133 nota nº 74.

³⁵⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque, op. cit., p. 78.

³⁵⁹ FREYRE, Gilberto, op. cit., p. 133 nota nº 74. *Grifo nosso.*

aqui com ele e com o negro e a mulher índia como elementos auxiliares, uma organização agrária considerável”³⁶⁰

Em outra nota, de número 159, no capítulo II – *O indígena na formação da família brasileira* – Freyre estabeleceu outro diálogo com Holanda, desta vez tratando da ação jesuítica sobre a cultura dos indígenas, referenciando-se ao artigo de Sérgio Buarque intitulado *S.I.* O trecho que Freyre cita na nota é o seguinte³⁶¹:

Creio, com Gilberto Freyre, que os jesuítas tiveram realmente uma ação desintegradora sobre a cultura dos indígenas, mas também acredito que tal ação não caracteriza seu esforço, senão na medida em que ela é inerente a toda atividade civilizadora, a toda transição violenta de cultura, provocada pela influência de agentes externos. Onde os inicianos se distinguiram dos outros – religiosos e leigos – foi, isso sim, na maior obstinação e na eficácia maior do trabalho que desenvolveram. E, sobretudo, no zelo todo particular com que se dedicaram, de corpo e alma, ao mister de adaptar o índio à vida civil, segundo concepções cristãs.³⁶²

Neste sentido, Freyre acusou existir um “excesso de generalização” nas palavras de Sérgio Buarque, uma vez que, para o intelectual recifense existe uma diferença entre as ações desintegradoras de culturas indígenas efetivadas por diferentes grupos missionários, ou seja, cada um deles teve sua forma de agir sobre os indígenas, gerando formas diferentes de dominação de cultura: “É que seus métodos de ‘adaptar o índio à vida civil’ e suas ‘concepções cristãs’ têm variado consideravelmente”³⁶³

Na tentativa de validar seu argumento, Freyre utilizou-se de Lewis Hanke – em sua obra *The first social experiments in América* (1935), uma vez que este demonstrava a dualidade do julgamento do governo espanhol em relação aos indígenas, pois, uns julgavam os indígenas “de bom entendimento” e outros acreditavam que eram “gente que quer se mandada”. Assim, entre os jesuítas, acredita Freyre, parece ter predominado a segunda opção.

Assim, Freyre ainda destacou o trabalho do frei Basílio Rower – *Páginas da história franciscana no Brasil* (1941) – em que este mostra o trabalho de missionários franciscanos em diversas aldeias, nos quais os índios eram doutrinados em seu próprio “habitat”,

³⁶⁰ Idem: 134

³⁶¹ Optamos por citar a passagem direta do livro de forma a ampliar o entendimento do leitor.

³⁶² HOLANDA, Sérgio Buarque, op. cit., p. 97.

³⁶³ FREYRE, Gilberto, op. cit., p. 254 nota nº 159.

diferentemente das missões jesuíticas que, por vezes, utilizavam métodos cruéis de catequese³⁶⁴.

Os jesuítas das reduções não só afastavam os indígenas do seu *habitat* para conservá-los em meios artificiais como os privaram de liberdade de expressão e de ambiente favorável ao desenvolvimento de suas aptidões e capacidades, fazendo-os, ao contrário, seguir vida puramente mecânica e duramente regulada de eternas crianças, eternos aprendizes e eternos robôs, cujo trabalho era aproveitado por seus tutores.³⁶⁵

Neste sentido, Freyre e Holanda concordaram com a ação desintegradora ocorrida a partir da “catequização” dos indígenas por meio dos jesuítas, já que a Companhia de Jesus veio para o Brasil com objetivos diferenciados daqueles vindos com os Franciscanos. De acordo com Gilberto Freyre, o propósito da Companhia era antes literário e acadêmico que técnico ou artístico como tinham os da Ordem Franciscana, assim sendo, os jesuítas tiveram que improvisar um modo de colonização, desembocando em duas vertentes: por um lado com pretensões religiosas e, por outro, com pretensões mercantis.

A última nota em que Freyre debateu diretamente com Sérgio Buarque está localizada no capítulo III – *O colonizador português: antecedentes e predisposições* – no rodapé de número 85. Nesta, ele voltou a tratar do artigo *Panlusismo* e sobre o mesmo assunto tratado no rodapé do primeiro capítulo, ou seja, em torno do desapego à terra por parte do português, mesmo que, para Freyre, o mesmo tenha sido um dos fundadores da agricultura moderna nos trópicos.

No citado pé de página Freyre fez referência à afirmação de Sérgio Buarque de que as atividades portuguesas se associaram “antes à mercancia e à milícia do que à agricultura e às artes mecânicas”³⁶⁶, e declarava ser uma generalização “aceitável”, uma vez que em seu próprio ensaio, *Casa Grande & Senzala*, vem sendo apresentado aspectos que parecem favorecer tal afirmação. Não obstante, Freyre chamou atenção para os excessos em considerar o povo português ausente de um passado agrário ou mesmo inimigo da lavoura, pois, por mais que tenha existido, ou mesmo predominado, as atividades comerciais e milícias, a atividade agrícola não deixou de ser também atuante entre os portugueses. Para reforçar seu alerta ele citou diversos trabalhos que não negam ter existido um potencial agrícola nos portugueses:

³⁶⁴ Entretanto, Freyre chama atenção para a importância do trabalho jesuíta para a colonização e ainda afirma que os missionários do primeiro século de colonização chegaram a ser heróicos.

³⁶⁵ FREYRE, Gilberto, op. cit., p. 255-256 nota nº 159

³⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque, op. cit., p. 78.

É certo que o Brasil foi colonizado por um povo português já afastado da agricultura e empolgado por outros interesses; mas nem por isso destituído de aptidões para a agricultura. Daí ter esse povo concorrido, é verdade que através de escravos, para fundar a agricultura moderna nos trópicos, antecipando-se nisto a outros europeus³⁶⁷

Freyre apresentou um inquérito promovido no Rio de Janeiro por Carlos Malheiros Dias sobre a aptidão do português para a colonização agrícola, a conclusão final foi positiva para “as qualidades de atividades, de resistência física e de profleridade essenciais a uma missão de colonização agrícola e de povoamento”³⁶⁸. Assim, ele conclui que

Pelas evidências e fatos apresentados nesses e em outros trabalhos por estudiosos objetivos do assunto se vê que sob condições sociais favoráveis os portugueses se têm salientado como bons colonos agrícolas, especialmente como horticultores.³⁶⁹

Foi esta característica agrícola dos portugueses que gerou, combinado aos métodos também indígenas, segundo Freyre, uma moderna agricultura nos trópicos superando os modelos até então adotados na Europa. Mesmo com o desapego do português à terra, foi possível estabelecer tal método de produção na colônia.

Outra questão levantada pelos referidos intelectuais, Freyre e Holanda, refere-se o fato de alguns críticos – como o próprio Sérgio Milliet – considerarem a este desprendimento da terra uma explicação racial, ou seja, o português teria adquirido biologicamente tal desamor para com a agricultura. Inclusive, Sérgio Buarque chama atenção de Sérgio Milliet por nomear compartilhada do autor esta teoria biológica do desapego.

Peço perdão para dizer que jamais sugeri qualquer explicação racial e houve no caso uma interpretação errônea ou, na melhor da hipótese, imprecisa de parte do autor do *Roteiro do Café*. Não vejo realmente como as explicações raciais possam, por si sós, levar a grande coisa no estudo dos fatores culturais³⁷⁰

Vale ressaltar ainda a crítica que Sérgio Buarque escreveu neste mesmo artigo sobre essa defesa de Freyre em relação ao colonizador português:

Analisando o português como povo colonizador por excelência, não se cansa Gilberto Freyre de acentuar, entre seus traços positivos, a tolerância contínua, a constante docilidade a toda sorte de influxos externos, que o impedem de enrijar-se numa estrutura definitiva e perfeita.³⁷¹

³⁶⁷ FREYRE, Gilberto, op. cit., p. 350 nota nº 85.

³⁶⁸ Idem.

³⁶⁹ Ibidem.

³⁷⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque, op. cit., p. 79.

³⁷¹ HOLANDA, Sérgio Buarque, op. cit., p. 79.

Tal crítica é levantada por vários leitores de Freyre, uma vez que este realizou claramente um elogio à colonização portuguesa no Brasil. Em sua obra são dedicados dois de seus cinco capítulos para este assunto. Freyre partiu da premissa que a colonização portuguesa haveria sido um sucesso e dela teria nascido uma sociedade nova e diferente, com características próprias e peculiares. Sendo assim, a nova sociedade teria como originalidade ter florescido no meio tropical. Isso decorreria do fato de no português já supostamente haver uma predisposição à adaptabilidade aos trópicos. Para ele, os portugueses podem ser classificados como uma população indefinida que teria sofrido influência de diversos outros povos como os europeus e os africanos, unindo sempre os antônimos, os extremos e, dessa forma, juntamente com o hibridismo de sua própria sociedade teria aberto portas para a formação de uma sociedade igualmente híbrida.

Freyre finalizou a nota de rodapé indicando diversas bibliografias referentes ao assunto aqui abordado e que indicam os portugueses como bons agricultores, ou ao menos como bons donos de terras, uma vez que a maior mão-de-obra utilizadas nas plantações foram de escravos. No entanto, o fato de ter sido utilizado a mão-de-obra escrava não exclui o fato de o português ter conseguido estabelecer no Brasil uma economia predominantemente agrícola.

A partir da análise dos diálogos estabelecidos entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, percebemos como os mesmos demonstraram mais claramente a batalha travada pelo autor em defender sua obra, mantê-la atualizada e consolidá-la, já que os debates vão além das notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala*. A tentativa de mostrar ao leitor sua "razão" naquilo que defendia, aliada à busca de autores – desde aqueles que lera quando ainda escrevia sua obra, até os demais com quem tivera contato anos depois – reforçam a busca de Freyre à defesa e legitimação de suas ideias. Dessa forma, ressaltamos mais uma vez a necessidade constante de Freyre em atualizar as obras utilizadas, bem como demonstrar ao leitor sua memorável erudição – reforçam, ao nosso ver, a busca pela consolidação da referida obra.

1.2.3. O debate entre Gilberto Freyre e Afonso Arinos de Melo Franco (sobrinho)

Em 15 de fevereiro de 1934, Melo Franco publicou um artigo intitulado *Casa Grande & Senzala* no *O Jornal* do Rio de Janeiro, no qual analisava a obra de Freyre lançada no ano

anterior. Além de chamar atenção de alguns críticos literários que exercem sua tarefa sem ao menos terem lido as obras indicadas para tal, ele se atenta aos erros de edição cometidos na primeira edição de *Casa Grande & Senzala* pela editora Schmidt, erros estes que somente foram corrigidos na quarta reedição quando já estava sob a direção da Livraria José Olympio Editora, na Coleção Documentos Brasileiros. Porém, não deixa de ressaltar a importância do livro para a historiografia brasileira: “Grande é ele a começar pelas suas imponentes proporções. Volume sólido belo, com uma capa austera e convincente. A gente já o abre com gosto e respeito, como se preparando para um longo e grave roteiro intelectual”³⁷²

A crítica mais dura feita à obra de Freyre, de um modo geral, foi acerca de sua linguagem, acusada por ser simples se comparado aos demais ensaios surgidos no mesmo período em que escreveu. Tal apontamento foi feito também por Melo Franco, já que este demonstrava uma paixão pelo idioma brasileiro, considerando-o gracioso e sutil³⁷³. Ele teria afirmado o mau uso da linguagem na escrita de *Casa Grande & Senzala*, pois o autor teria usado gírias e modismos da língua que não caberiam em uma obra com pretensões a um clássico:

Numa obra como a de Gilberto Freyre, porém, sua língua deve ser simples e nossa, não julgo indispensável que seja chula, impura e anedótica, tal como aparece em tantas de suas páginas. É pouco técnico esse linguajar. Pouco científico. Da ao livro um aspecto literário que o seu assunto e as suas graves proporções não comportam.

A linguagem de Gilberto Freyre deveria ter um pouco mais de dignidade (Que ele não leve a mal este vocabulário, mas não encontrei outro que exprimisse melhor o meu pensamento). [...] Apenas estou querendo salientar que o estilo, aliás gostoso e agradável, que Gilberto Freyre emprega no seu livro, era mais próprio para outro gênero de ficção. Será que Gilberto, homem civilizado, vai a um jantar de cerimônia com o mesmo traje sumário com que saiu para o tênis matinal?³⁷⁴

Sérgio Buarque de Holanda também expressou seu ponto de vista sobre a linguagem utilizada por Freyre que, a seu ver, seria resultado do método impressionista usado pelo próprio autor da obra³⁷⁵. Apesar de sua oposição a citada tendência, Holanda considera a

³⁷² FRANCO, Afonso Arinos de Melo. "Casa Grande & senzala". In: **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985: 83

³⁷³ Segundo Melo Franco, no idioma brasileiro "encontro graça, plasticidade, riqueza, naturalidade, identidade com o ambiente em que vivemos, sendo, talvez esta a sua maior qualidade. nele observo, também, coisa que muitos negam: sutileza e finura. portanto, possibilidade Intelectual." (Idem).

³⁷⁴ Idem: 84

³⁷⁵ De acordo com Holanda, “Esses simples pormenores formais constituem um dos aspectos mais Interessantes do ‘impressionismo’ de Gilberto Freyre. A palavra, empregada talvez com alguma impropriedade e à falta de outra, mas com aparência de justeza, não quer negar a complexidade e o zelo do autor na elaboração dos seus livros. É certo que ela se opõe ao objetivismo concebido segundo o estilo das ciências naturais e das matemáticas, que durante longo tempo pretenderam impor seus costumes a todos os ramos do saber científico.”

expressão mais apta a descrever o método adotado por Freyre. No entanto, diferente de vários outros críticos, Holanda vê a linguagem empregada nas obras de Freyre como artefato positivo, uma vez que atrai os leitores.

Já a linguagem em que se exprime contribui, sem dúvida, para aquela sedução, embora não falte quem a acuse de desleixada e confusa. Pessoalmente, julgo, ao contrário, que é bem governada e que, onde exigiu elaboração mais lenta, constitui criação própria, de notável poder expressivo³⁷⁶

Gilberto Freyre saiu em sua própria defesa a respeito deste questionamento sobre sua linguagem, respondendo de forma enfática a toda e qualquer crítica que envolva sua obra ao dizer:

Como se explica o destino de um livro que, mesmo assim considerado, quanto à sua linguagem, por mestres eminentes de feitiço acadêmico, conquistaria para o seu autor o título de membro da Academia Portuguesa de História – outrora Real e vinda do erudito século XVIII – e láureas de outras academias e institutos tradicionais como o do Equador, também vinda do século XVIII, a Universidade de Coimbra – há sete séculos mestra do mundo de língua portuguesa –, a Academia Brasileira de Letras, a Academia Paulista de Letras, a Academia Pernambucana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico, o Instituto Arqueológico de Pernambuco, a Academia Internacional de Cultura Portuguesa?³⁷⁷

Ainda no mesmo artigo, escrito justamente com o fito de explicar ao leitor os motivos que levaram o autor a escrever *Casa Grande & Senzala*, Freyre fala abertamente da crítica de Afonso Arinos de Melo Franco acerca de uma linguagem “chula”, “anedótica” ou mesmo “antiacadêmica” supostamente expressa em sua obra, e tenta legitimar sua maneira de escrever mostrando que, mesmo com o conhecimento dos clássicos da historiografia, sendo também um erudito, é possível escrever de forma mais acessível aos leitores mais comuns e deixar de lado a escrita truncada que até então predominava entre os escritores brasileiros. Desse modo, ele declara

De modo que a escolha, pelo autor de *Casa Grande & Senzala*, das tais palavras vulgares, chulas que tanto melindraram a sensibilidade elegantemente acadêmica do Professor Afonso Arinos de Melo Franco, não deve ser de todo considerada inclinação da parte do mesmo autor, pela vulgaridade; ou evidência da sua ignorância dos clássicos. [...] Trabalho, *Casa Grande & Senzala*, de caráter científica e humanisticamente

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A propósito de Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979:115

³⁷⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Ainda Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979: 118

³⁷⁷ FREYRE, Gilberto. "Como e porque escrevi Casa-Grande & senzala". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002: 706

antropológico, pretendeu o autor escrevê-lo de modo a que não fosse livro antropológico fechado em terminologia científica ou erudita ou elegantemente acadêmica, ao contrário: expressão, a seu jeito, de um saber não só científico porém intuitivo, enriquecido pelo contato do mesmo autor com a plebe do seu país; com descendentes de escravos; com gente ainda próxima de culturas primitivas³⁷⁸

Ainda no artigo de Melo Franco sobre a obra de Gilberto Freyre, publicado apenas um ano após a primeira edição de *Casa Grande & Senzala*, o autor destacava outras críticas que já vinham sendo abordadas por outros críticos, e seriam ainda destacadas por outros tantos intérpretes de sua obra. Dentre tais críticas, ele se atenta à falta de conclusão, principalmente de cunho sociológico e político e, destaca que, em sua opinião, a obra foi escrita rapidamente, razão que levaria à citada falta de conclusão e de erros de repetição³⁷⁹.

Em nota de rodapé do capítulo segundo – *O indígena na formação da família brasileira* – nota de nº 217 – o assunto debatido entre Freyre e Melo Franco se dá acerca da influência indígena tanto na agricultura quanto na cultura do povo brasileiro. Freyre liga a nota ao texto principal, mais especificamente no parágrafo em que é tratado as “heranças” das influências indígenas, mais especificamente no que diz respeito ao hábito dos índios andarem descalços, costume este já adotado pelos primeiros colonos que aqui se estabeleceram.

Outro costume, neste caso abordado já em nota de rodapé acrescentada parte na 4ª e outra na 5ª reedição, refere-se à “coivara”, que passa a não ser somente uma simples técnica de devastação das matas para a lavoura, uma vez que tal devastação passa a ser feita por meio do fogo, um costume atribuído ao indígena.

Concordando com tal constatação acerca da influência ameríndia sob a técnica da utilização do fogo para a destruição da mata, Freyre afirma

Diante disso não parece ter razão o Sr. Afonso Arinos de Melo Franco ao procurar negar, em notável trabalho (*Desenvolvimento da civilização material no Brasil*, Rio de Janeiro, 1944, p. 18), a influência direta da coivara, como traço de cultura indígena, sobre a lavoura do Brasil português. Embora ninguém ignore que em Portugal e na Europa mediterrânea praticou-se a devastação de matas, antes de descoberto e colonizado o Brasil, verificou-se aqui revivescência do processo como

³⁷⁸ Idem: 707-708

³⁷⁹ Mesmo destacando os erros passados pela revisão da Editora Schmidt, Melo Franco lembra da grandiosidade da obra de Freyre: “Ao lado desses pequenos defeitos porém, como ressaltam majestosas e sólidas, as nobres qualidades deste livro de Gilberto Freyre, que passa a ser uma das vigas mestras de nosso edifício Intelectual!” HOLANDA. Sérgio Buarque de. "Ainda Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979: 88

“processo pioneiro” de lavoura com desprezo por técnicas mais adiantadas e econômicas de estrumação praticadas na Europa³⁸⁰

Além desta oposição de Freyre à hipótese de Melo Franco, aquele ainda destacou a omissão deste em sua obra *Desenvolvimento da civilização material no Brasil* acerca da adoção de plantas brasileiras pelos portugueses, ou seja, Portugal teria se apoderado de várias plantas nativas do Brasil – sejam elas alimentares, medicamentosas ou por simples gosto e utilizadas pelos índios ou pelos africanos –, tendo como fim lucrativo para sua economia. Segundo Gilberto, esta seria uma característica de civilização material que não poderia ter faltado em uma obra cujo assunto principal era o desenvolvimento deste tipo de civilização. Para ele essa omissão foi tão ruim quanto a defesa de Melo Franco de não ser considerável as contribuições de povos “extra-europeus” (ameríndios e os africanos), contribuições estas que, para Freyre, foram de extrema importância para a constituição do povo brasileiro e principalmente, no ponto de vista freyriano, para a formação da família patriarcal.

Apesar de sua defesa ao colonizador português, Freyre não deixou de ressaltar a essencialidade das influências dos povos “extra-europeus”, afinal, foi na contribuição das três “raças” que ele pautou sua tese principal, proporcionando, segundo o autor, a criação de uma sociedade híbrida. São vários os trechos de *Casa Grande & Senzala* que seu autor se utiliza para tentar comprovar tal tese sobre os extra-europeus:

Foi o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho; e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa “apagada e vil tristeza” em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinhos, os canaviais, as festas de Reis³⁸¹.

Em relação à contribuição do indígena, principalmente sobre a mulher indígena, Freyre afirma

A toda contribuição que se exigiu dela na formação social do Brasil – a do corpo que foi a primeira a oferecer ao branco, a do trabalho doméstico e mesmo agrícola, a da estabilidade (estado por que ansiava, estando seus homens ainda em guerra com os invasores e ela aos embolésus, de trouxa à cabeça e filho pequeno ao peito ou escarranchado às costas) – a cunha correspondeu vantajosamente³⁸²

³⁸⁰ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Editora Global. 2009: 261-262 nota nº 217

³⁸¹ Idem: 551

³⁸² Idem: 185

E ainda referente ao português e sua influência, Freyre argumentou acerca da fabricação de doces e seus respectivos nomes com denominações fálicas,

A culinária portuguesa, tanto quanto o hagiólogo, recorda nos velhos nomes de quitutes e gulodices, nas formas e ornamentos meio fálicos de bolos e doces, na condimentação picante, como que afrodisíaca, dos guisados, cozidos e molhos, a vibração erótica, a tensão procriadora que Portugal precisou de manter na sua época intensa de imperialismo colonizador. Na culinária brasileira surpreendem-se estímulos ao amor e à fecundidade. Mesmo nos nomes de doces e bolos de convento, fabricados por mãos seráficas, de freias, sente-se às vezes a intenção afrodisíaca, o toque fescenino a confundir-se com o místico: suspiros-de-freira, toucinho-do-céu, barriga-de-freira, majar-do-céu, papos-de-anjo³⁸³

Na referida nota de rodapé Freyre ainda destacava outros trabalhos que demonstram a importância da influência “extra-européia”, principalmente africana, nos diversos setores da cultura e economia brasileiras. Contrapondo-se ainda a trabalhos que consideram mínima a influência dos negros, como por exemplo, os escritos de Melo Franco, nos quais este afirma que tanto Nina Rodrigues quanto o professor Artur Ramos concordam com a pequena contribuição dos africanos para nossa cultura. Neste sentido, Freyre então conclui criticando tais autores, os quais, “Ficariam no olvido contribuições à agricultura como as destacadas pelo Sr. Dornas Filho [...] à culinária, à arquitetura, à escultura, à pintura e ao traje popular [...] e à ourivesaria semipopular baiana”³⁸⁴.

As discussões travadas com Afonso Arinos de Melo Franco, assim como àquelas estabelecidas com Sérgio Buarque de Holanda, foram além dos rodapés de *Casa Grande & Senzala*, significando, mais uma vez o anseio de Gilberto Freyre em defender sua obra e mantê-la no mundo intelectual. As críticas realizadas por Melo Franco, ao que Freyre demonstrou no artigo sobre os motivos que o levou a escrever *Casa Grande & Senzala*, provocou duras respostas acerca das críticas sobre não conclusão, linguagem e edição com má revisão, como analisamos no primeiro capítulo desta dissertação³⁸⁵.

Esse aparente incômodo de Freyre com as críticas que alguns autores fizeram à sua obra e, conseqüentemente, lhe tacharam características que até hoje são presentes nas discussões acerca de *Casa Grande & Senzala*³⁸⁶, fizeram com que a defesa à sua obra se

³⁸³ Idem: 330

³⁸⁴ Ibidem: 263 nota nº 217 Freyre fala na nota do trabalho do Sr. Dornas Filho, no qual são destacadas várias contribuições dos africanos para nossa sociedade – colocar em nota de rodapé

³⁸⁵ Ver Capítulo I desta dissertação.

³⁸⁶ *Casa Grande & Senzala* ficou marcada por algumas críticas: sua linguagem pouco acadêmica, a má revisão da primeira edição - o que deixou, posteriormente, aparente seus problemas com o editor -, a falta de conclusão - fator que ele já havia anunciado no prefácio à primeira edição, como foi destacado no capítulo II desta dissertação -, dentre outras.

tornasse mais intensa. Constantemente retomando pontos sempre ressaltados por críticos, como os assinalados acima, Freyre apresentou justificativas para que os leitores compreendessem as estratégias adotadas por ele³⁸⁷. Dessa forma, tal tentativa corrobora com nossa hipótese – ao longo do presente trabalho defendida – de anseio do autor em consolidar a obra em questão, legitimando-a no meio acadêmico, tanto por meio de debates, quanto de modificações que lhe parecessem necessárias, sem, todavia, deslegitimar-lhe o caráter de clássico.

1.2.4. O debate entre Gilberto Freyre e Otávio Tarquínio de Sousa

Otávio Tarquínio foi figura de grande importância para a historiografia brasileira, inclusive para a Coleção Documentos Brasileiros por ficar na direção da Coleção ao longo de vinte anos, iniciando após a saída de Freyre do cargo em 1939. O foco principal de Tarquínio eram as biografias de figuras importantes para a História do Brasil, foco este que acabou sendo a “face” da coleção no período de sua direção.

Os interesses da coleção foram modificados consideravelmente a partir do momento que Freyre abriu mão da direção após apenas três anos à frente da mesma. No período em que Freyre dirigiu a coleção foram priorizados trabalhos que diziam a respeito da cultura e formação da sociedade brasileira, obras escritas a partir de novas fontes ainda não exploradas, relatos de viagens, livros de memórias e algumas biografias comentadas – como seria o caso da publicação do livro de Octávio Tarquínio de Souza sobre Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Na introdução escrita por Freyre para a abertura da Coleção Documentos Brasileiros, publicada no livro de Sérgio Buarque de Holanda – *Raízes do Brasil* – lançado em 1936, ele explicita com bastante clareza os objetivos da coleção sob sua direção:

Serão ainda incluídos na coleção estudos documentados sobre as nossas populações atuais. Quer do ponto de vista antropológico e etnográfico, quer do ponto de vista sociológico, econômico, pedagógico. Inquéritos, pesquisas, sondagens, investigações, mapas, perfis sociais que sirvam de documentação exata à técnica de trabalho, ao gênero de habitação, à dieta, aos estilos de vida, ao modo, de falar, ao desenvolvimento físico e mental do brasileiro de hoje – o das cidades, o das praias, o dos sertões, o

³⁸⁷ Como ressaltamos no capítulo I desta dissertação, Freyre justificou e reconheceu a má revisão da primeira edição e tentou a modificação da editora - fator que conseguiu em 1943 com a publicação da quarta edição. Freyre já havia anunciado sua Intenção de não concluir suas ideias em *Casa Grande & Senzala* - anunciando isto no prefácio. Ver o capítulo I desta dissertação.

caboclo do extremo Norte, o mestiço, o paulista, o adulto, o escolar, a criança³⁸⁸

Destarte, Freyre resolveu deixar a direção da coleção de José Olympio, não por desentendimentos com este, mas por alegar distância do Rio de Janeiro – onde eram produzidas as obras – além da dificuldade para dirigir uma coleção deste porte por meio de cartas. E, é justamente por meio de cartas que Freyre comunica a José Olympio que não mais iria dirigir sua coleção, sendo ainda por meio das mesas que o intelectual justifica sua decisão, em carta endereçada a José Lins do Rego: “Se insisto em deixar a direção da Documentos é por uma série de coisas inevitáveis, estando eu longe do Rio – inevitáveis e independentes de V. e do José Olympio, de quem tenho recebido tantas gentilezas”³⁸⁹ e recomenda um novo nome para seu cargo, “Creio que, sob todos os pontos de vista, é melhor uma pessoa daí à frente da Documentos. Lembro Prudente”³⁹⁰

Tal sugestão não foi acatada por José Olympio, uma vez que, como já frisado, é Octávio Tarquínio quem passa a dirigir a coleção. A primeira obra a ser publicada sob sua nova direção é *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial* com autoria de José Carlos de Macedo Soares, ocupando o volume de número 19 da Coleção Documentos Brasileiros. No entanto, Freyre, mesmo afastado da direção, não deixou palpitar nos possíveis livros a serem publicados por José Olympio, embora vários deles não tenham sido aprovados pelo novo diretor.

Assim como Freyre, Tarquínio de Sousa daria à coleção suas características e visão acerca da historiografia brasileira. De acordo com Fábio Franzini, suas obras já denunciavam suas pretensões e “predileção do autor pelos acontecimentos e, principalmente, pelos personagens da política imperial em torno do período das Regências”³⁹¹, dessa forma, Tarquínio considerava que “o estudo biográfico era um privilegiado meio de acesso a toda época”³⁹². Foi em sua administração que a coleção chegou a seu auge, sendo comparada a Companhia Editora Nacional com a Coleção Brasileira.

A nota de pé de página de *Casa-grande & senzala*, a qual apresenta-se o diálogo entre Gilberto Freyre e Octávio Tarquínio de Sousa é a de número 88 do capítulo terceiro – *O*

³⁸⁸ FREYRE, Gilberto. "Documentos brasileiros". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936: 3

³⁸⁹ (Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego. Recife, 12 de agosto de 1938. AJO/AMLB/FCRB, doc. 76/1628) *apud* FRANZINI, Fábio. Op.cit., 2006: 119

³⁹⁰ Idem

³⁹¹ FRANZINI, Fábio. Op.cit., 2006: 122

³⁹² Idem

colonizador português: antecedentes e predisposições – acrescentada na 6ª reedição da obra. Nesta, Freyre volta a defender o talento dos portugueses para a agricultura, bem como sua capacidade de adaptação ao clima tropical predominante no Brasil. Ele afirma:

Não deve ser esquecida, como afirmação de capacidade do português, ou de certo tipo de português, para a agricultura, especialmente para a horticultura, a chamada “fórmula natural e clássica” da exploração agrícola portuguesa, que é a *quinta*, situada entre o *casal* ou *horta* (pequena cultura) e a *lavoura* (grande cultura) e especialmente adaptada, segundo os técnicos, às condições de um clima irregular e seco. [...]

No Brasil, a *quinta* manifestou desde o início da colonização portuguesa do país seu poder muito lusitano de adaptação conservando seus característicos essenciais nos *sítios*, nas *chácaras*, em alguns casos, nas próprias *lavouras*, junto às casas-grandes de engenho ou anciliares desse tipo feudal-tropical de exploração agrícola³⁹³

Consoante com ele, tanto Tarquínio quanto Holanda estão de acordo com a interpretação expressa em seu ensaio desde a primeira edição de 1933 no que tange a colonização agrícola instituída no Brasil. Estes dois intelectuais lançaram juntos um livro denominado *História do Brasil* e, segundo Freyre, trataram do português agrícola no capítulo *Desenvolvimento Econômico*. Porém, Freyre parece fazer desta nota uma revisão de defesa acerca do “talento” português para a agricultura, por isso volta também a dialogar com Caio Prado Júnior e a *Formação do Brasil Contemporâneo*, dizendo-se honrado por este também concordar com algumas ideias esboçadas desde 1933, principalmente no que diz respeito a formação agrária da América Portuguesa. Caio Prado afirma em seu livro:

Na agricultura [...] o elemento fundamental será a grande propriedade monocultural trabalhada por escravos. Este tipo de organização agrária, que corresponde à exploração agrícola em larga escala, em oposição à pequena exploração do tipo camponês, não resulta de uma simples escolha, alternativa eleita entre outras que se apresentavam à colonização. E é todo interesse, para avaliar a profundidade com que penetram as suas raízes, indagar das causas que o determinaram. Dando à organização econômica da colônia esta solução, a colonização portuguesa foi estritamente levada pelas circunstâncias em que se processou, e sofreu as contingências fatais criadas pelo conjunto das condições internas e externas que acompanham a obra aqui realizada por ela. [...] a grande propriedade, monocultura, trabalho escravo, são formas que se combinam e completam; e derivam diretamente e com consequência necessária daqueles fatores³⁹⁴

Assim, Caio Prado Júnior foi ao encontro da hipótese levantada por Gilberto Freyre sobre a capacidade de o português conseguir instalar em sua colônia, mesmo que por meio da mão-de-obra escrava, uma atividade agrícola, formando no Brasil um sistema latifundiário

³⁹³ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2009: 352-353 nota nº 88

³⁹⁴ JUNIOR, Caio Prado. Op. cit., :119-120

que, como bem destacado na citação acima, “se combinam e completam”³⁹⁵. Freyre ainda elogia a obra de Prado Júnior por concordar com suas teses, mesmo que tenha havido discordâncias em algumas, como analisado no primeiro tópico deste capítulo, ele escreve:

E ainda, em uma confirmação, para nós honrosa, da idéia esboçada por nós neste ensaio, desde 1933, sob forma do complexo casa-grande e senzala: ou do sistema patriarcal agrário, isto é, latifúndio, monocultura e trabalho escravo: “estes três elementos se conjugam num sistema típico, a grande exploração rural, isto é, a reunião, *numa mesma unidade produtora*, de grande número de indivíduos. É isto que constitui a célula fundamental da economia agrária brasileira”³⁹⁶

Nestas circunstâncias, Freyre se demonstrou satisfeito por sua hipótese ser confirmada por outro autor que possua, inclusive, visões históricas, teóricas e metodológicas diferentes das suas. Para ele, não poderia ter se instalado no Brasil modo de produção diferente daquele que ele mesmo defende e, o português teria sido o melhor colonizador que cabia para realizar tal tarefa. Dessa forma, ele continua priorizando e elogiando a colonização portuguesa e afirmando que estes conseguiram aliar a “capacidade para o trabalho-rotina ao lado do pendor para a aventura, característico principal de sua atividade expansionista e imperialista”³⁹⁷. No entanto, na mesma nota de rodapé Freyre não poderia deixar de ressaltar o fato de que a tese defendida também por Caio Prado Júnior foi originalmente desenvolvida por ele, do ponto de vista sociológico, em *Casa Grande & Senzala*, ainda na década de 1930.

Sem deixarmos de reconhecer por um instante a importância dos estudos de Caio Prado Júnior sobre nossa formação econômica, não podemos, por outro lado, deixar sem reparo a afirmativa oficial, pois a sugestão de que a organização agrária do Brasil colonial se apoiou sobre a grande propriedade ou o latifúndio, a monocultura e o trabalho escravo encontra-se no presente trabalho, e foi nele desenvolvida sistematicamente sob critério sociológico – talvez pela primeira vez entre nós – desde 1933³⁹⁸

Em suma, é nítido o objetivo de Freyre ao ter escrito a nota acima analisada, pois todos os autores nela citados confirmam suas hipóteses e fornecem a elas a legitimidade que, a nosso ver, ele tanto almeja ao dialogar com intelectuais nos pés de página de *Casa Grande & Senzala*. Ou seja, acreditamos que o fito principal do estabelecimento de debates em notas de rodapé por parte de Freyre foi defender sua obra, bem como suas teses principais. Neste caso, ele utilizou os trabalhos de Otávio Tarquínio de Sousa, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior para legitimar sua ideia de que o português contribuiu para a instalação de uma sociedade monocultora e de mão-de-obra escrava.

³⁹⁵ Idem

³⁹⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2009: 353 nota nº 88

³⁹⁷ Idem

³⁹⁸ Idem: 354 nota nº 88

Aliás, todas as notas de rodapé em que Gilberto Freyre travou um diálogo com seus pares corroboram com nossa hipótese – a de que Freyre utilizava do diálogo ao pé da página para defender e legitimar suas teses, como também, uma forma de manter sua obra atualizada diante da historiografia desenvolvida no período em que ele pôde realizar modificações em *Casa Grande & Senzala*, culminando assim na consolidação da mesma. O diálogo com Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Melo Franco e Otávio Tarquínio de Sousa são aqueles que mais nos chamaram atenção pelo esforço de Freyre por comparar ou contrapor sua tese frente a desses autores, com os quais – à exceção de Caio Prado Júnior – ele mesmo teve contato pessoal.

No entanto, em outras notas acrescentadas Freyre continuou debatendo suas teses com o objetivo fundamental de defender sua “família patriarcal”. No exemplo da nota de número 91 do capítulo cinco – *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação)* – Freyre dialogou com “Pedro P. da Fonseca” e o “Sr. Celso Mariz” com o objetivo, ao que nos parece, de confirmar mais uma vez uma de suas hipóteses: de que os padres que aqui se instalaram também constituíram famílias, sendo isto, para o autor, fruto de uma atividade parapatriarcal existente na colônia. Segundo Fonseca, o vigário Manuel José Cabral foi um exemplo desses padres que tiveram filhos, “notando-se entre seus filhos três que se ordenaram sacerdotes, um deles, padre Joaquim, deixando também descendentes”³⁹⁹. A respeito do trabalho de Mariz, diz Freyre:

O Sr. Celso Mariz chega a conclusões que confirmam o que desde 1933 sugerimos no presente ensaio, isto é, que “ter filhos foi dos fenômenos interessantes da vida de padres e vigários do século passado”, resultado dessa atividade parapatriarcal de sacerdotes brasileiros, homens notáveis pela “inteligência”, “altos serviços” e “brilho das posições”. O Sr. Celso Mariz pormenoriza: “[...] Não era ter um filhinho perdido no anonimato dos bastardos. Era constituir famílias enormes, cria-las dentro de casa, a mulher aparecendo na sala de visitas, os meninos chamando-os padrinhos [...]”⁴⁰⁰

Tais costumes teriam vindo também com os portugueses, já que, para Freyre, a crise com a falta de pessoas influenciou na aceitabilidade por parte da Igreja frente aos casos em que frades tinham filhos: “à obra de procriação, foi tão generosamente aceito em Portugal que as Ordenações do Reino mandavam que as justiças não prendessem nem mandassem prender clérigo algum, ou frade, por ter barregã”⁴⁰¹. No Brasil, o referido costume parece ter dado continuidade, de acordo com a visão de Freyre, Fonseca e Mariz.

³⁹⁹ FREYRE, Gilberto. Op. cit., 2009: 565 nota nº 91

⁴⁰⁰ Idem: 565-566

⁴⁰¹ Idem: 325

Outras notas de rodapé de *Casa Grande & Senzala* continuam com a tentativa de seu autor em estabelecer alicerces para o seu trabalho, tomando como assunto central outras hipóteses por ele levantadas, como é o exemplo da nota de número 12 do capítulo segundo – *O indígena na formação da família brasileira* – em que ele trava um diálogo com Alexandre Marchant e Carlos Lacerda acerca do estudo sobre os indígenas na formação econômica brasileira. Segundo Freyre, Carlos Lacerda ao prefaciar o livro *Do escambo à escravidão* de Alexandre Marchant, declara não haver trabalhos que se debrucem sobre o “papel do índio na formação econômica do Brasil colonial”⁴⁰². Entretanto, Freyre lembra:

o presente capítulo de um estudo, ou tentativa de estudo, da formação social do Brasil – que considerada sob o mais amplo critério de formação social, inclui a econômica, não se limitando porém a esse aspecto o desenvolvimento da sociedade que aqui se formou, biologicamente pela miscigenação, economicamente pela técnica escravocrata de produção e sociologicamente pela interpenetração de culturas – talvez possa ser considerado um pequeno esforço no sentido da caracterização do papel do índio no desenvolvimento brasileiro⁴⁰³

Como podemos perceber, o autor utilizou até mesmo de certo sarcasmo para defender sua obra, ao dizer “talvez possa ser considerado um pequeno esforço” de sua parte ao analisar o índio e suas características que influenciaram na economia e cultura de nossa sociedade. Porquanto, na maioria das notas aqui analisadas podemos perceber a frase “como tenho dito neste ensaio desde 1933”, vindo outro autor e também chegando às mesmas conclusões e, por vezes, não nomeando a “originalidade” da mesma. Enfim, todos estes fatores corroboram com o esforço de defesa por parte de Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande & Senzala*, percebido, de maneira bastante específica, também nas notas de rodapé.

O que demonstramos na presente sessão da pesquisa, portanto, é a maneira singular pela qual Freyre buscou legitimar e consolidar sua obra entre os clássicos da historiografia brasileira: mais do que escrever uma obra de fôlego, pareceu-lhe necessário defendê-la, utilizando-se para isso de espaços singulares, como os prefácios e as notas de rodapé. Nesta defesa, o debate com os pares, a defesa de suas ideias, a indicação a todo custo do quanto lhe mereceria o pioneirismo interpretativo e metodológico, todas estas e ainda outras peculiares características desse singular processo de consolidação intelectual nos parecem terem sido caminhos escolhidos por Freyre para demarcar seu lugar entre os grandes nomes da escrita da história no/do Brasil.

⁴⁰² Idem: 234 nota nº 12

⁴⁰³ Idem

2. Gilberto Freyre e suas modificações: uma tentativa de defesa

Os pés de página são comumente utilizados pelos mais diversos autores e de várias áreas como forma explicativa e elucidativa daquilo que foi apresentado no corpo do texto principal. Geralmente abordam um conceito ou apresentam outros autores que trabalham com a mesma temática, ou mesmo são utilizados para explicitar de onde veio sua inspiração e recomendar novas bibliografias sobre o assunto tratado. De acordo com o historiador Marc Bloch essa demonstração de onde partiu a essência do trabalho é de extrema importância para o labor historiográfico, uma vez que deixa claro ao leitor as “testemunhas” daquele trabalho e denota autoridade ao texto:

Um físico descreve uma experiência; fê-la ele próprio; ele é a sua própria testemunha; não precisa de se citar a si próprio: basta a sua assinatura, no princípio do seu livro ou no fim do seu artigo. Um historiador relata um acontecimento passado; não o viu; fala pela boca das testemunhas; e tem que referir essas testemunhas, primeiro por prudência, para mostrar que tem garantias, e sobretudo por honestidade, para nos permitir verificar eventualmente o uso que deu àqueles relatos. Citar as testemunhas ou, como por vezes se diz (a expressão, que não é muito feliz, está consagrada) “citar fontes” é o primeiro dever do historiador⁴⁰⁴.

Contudo, de acordo com Grafton as notas de rodapé não podem acumular várias tarefas, uma vez que nenhuma acumulação destas prova a veracidade dos fatos. Isto é, para ele é impossível que uma obra histórica e suas notas reproduzam ou cite toda a série de provas em que estão apoiadas suas teses. Assim, as notas exercem, segundo ele, basicamente duas funções: “Em primeiro lugar, elas convencem: convencem o leitor de que o historiador realizou uma quantidade aceitável de trabalho, o suficiente para mentir dentro dos limites toleráveis do campo. [...] Em segundo lugar, indicam as principais fontes que o historiador realmente usou.”⁴⁰⁵

Gilberto Freyre utilizou a maior parte de suas notas de rodapé para este tipo de uso esboçado por Grafton, pois, além de indicar as fontes em que foram fundamentadas suas concepções, ele foi acrescentando bibliografias que surgiram ao longo dos anos a respeito do assunto abordado, como é o caso da maioria das notas acrescentadas ou complementadas. Esta é uma preocupação que Freyre sempre teve com as publicações de *Casa Grande & Senzala*, já que sempre houve uma tentativa de manter a bibliografia atualizada para que

⁴⁰⁴ BLOCH, Marc. “Crítica histórica e crítica do testemunho”. In: **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008: 22.

⁴⁰⁵ GRAFTON, Anthony. **As origens trágicas da erudição** – pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Ed. Papiros, Campinas, 1998:30

ocorresse uma melhor interpretação dos assuntos que giram em torno da formação da sociedade brasileira.

Em *Casa Grande & Senzala* as alterações realizadas por Freyre foram mais intensas do que em seu diário, como já mencionado. Elas se prolongaram por várias edições da obra. Seu autor escreveu novos prefácios, retificou erros, alterou a linguagem em alguns pontos e mexeu intensivamente nas notas de rodapé de forma a atualizar a bibliografia – era de seu costume acrescentar em notas ou mesmo nas referências bibliográficas as novas obras que surgiam a respeito dos assuntos abordados em seu livro – bem como de responder a críticas frequentemente sobrevindas. Em seu prefácio à segunda edição da referida obra Freyre destaca claramente tais modificações:

Nesta segunda edição vão retificados erros de revisão, alguns graves, que infelizmente foram numerosos na primeira.

Também vai alterada a linguagem, no sentido de maior clareza; e aproveitados, em notas ou no texto, não só reparos de críticos, feitos à primeira edição, como sugestões de novas leituras e de pesquisas mais recentes do Autor. Mas nenhuma dessas alterações alcança fato ou idéia essencial.⁴⁰⁶

Também no prefácio à quarta edição Freyre avisa aos leitores que “o Autor acrescenta-lhes agora alguns reparos animado do mesmo desejo de esclarecer aspectos mais turvos do plano do livro e da apresentação do material”⁴⁰⁷. Já no prefácio à quinta edição Freyre alerta seus leitores que os reparos foram realizados, em grande maioria, nas notas de rodapé de caráter bibliográfico:

No texto, apenas foram corrigidos erros de revisão e eliminada ou substituída uma ou outra palavra mais imprecisa ou expressão mais vaga. E só. Nas notas – especialmente nas notas bibliográficas – é que os acréscimos foram consideráveis. Vários são também os acréscimos de notas, nas quais o Autor procura esclarecer sua posição diante de objeções e reparos de críticos nacionais e estrangeiros.⁴⁰⁸

Na sexta edição o autor demonstra que já foram feitas várias modificações nas quatro edições anteriores e que a obra se mostra carregada desses acréscimos, uma vez que já foram trabalhados reparos no texto principal, em seus rodapés, prefácios – neste caso, novos – e em sua bibliografia. Entretanto, tal edição não ficou isenta de retificações, pois, foi a primeira edição surgida após a publicação do mesmo ensaio nos Estados Unidos e também na

⁴⁰⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. DF: Universidade de Brasília, 1963: 31

⁴⁰⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1943: 51

⁴⁰⁸ FREYRE, Gilberto. "Prefácio à quinta edição". In: *Casa Grande & Senzala*. DF: Universidade de Brasília, 1963: 47

Inglaterra. Assim, “é esta 6ª edição a primeira a aparecer, com pequenas correções ao texto e vários acréscimos às notas e à bibliografia”.⁴⁰⁹

Outra mudança que nos chama atenção foi o deslocamento das notas de rodapé da quarta edição, retirados da página para o final de cada capítulo, além da edição passar a ser publicada em dois tomos. Todas estas modificações foram realizadas quando *Casa Grande & Senzala* passou a ser editada pela Livraria José Olympio Editora, em 1943, editora pela qual já havia sido diretor de uma de suas coleções – Coleção Documentos Brasileiros. Freyre iniciou já em 1936 uma negociação para tentar levar seu livro para a mencionada editora, uma vez que se mostrava descontente com o editor Schmidt – editora que publicou as três primeiras edições da obra. Em carta endereçada ao próprio José Olympio, ele mesmo expressa: “Eu ficaria dançando de contente no dia em que visse C. G. & S. livre das garras ladronas de Schmidt – ladronas e sobretudo safadas – e editada por V.”⁴¹⁰

Em *Sobrados & Mucambos*, livro publicado primeiramente em 1936 pela Coleção Brasileira da Editora Nacional, ocorre um fato também intrigante na confecção das reedições que se seguiram. Na primeira edição da obra não consta nenhuma nota de pé de página, já na segunda edição são acrescentadas 832 notas, cinco novos capítulos – *Ainda o Sobrado e o Mucambo; Raça, Classe e Região; O Oriente e o Ocidente; Animal, Escravo e Máquina; Em torno de uma sistemática da miscigenação no Brasil patriarcal e semipatriarcal* –, um prefácio e uma extensa introdução, com o principal foco de explicar melhor as teses desenvolvidas ao longo do livro e também de esclarecer dúvidas e críticas incitadas por alguns leitores. Neste sentido, Freyre afirma no prefácio à segunda edição:

É natural que para esta nova publicação tenha sofrido o ensaio minuciosa revisão do texto ao qual foram acrescentadas, em número considerável, notas de esclarecimento e indicações bibliográficas. Cinco novos capítulos se juntam aos antigos, por sua vez reformados ou ampliados e não apenas revistos⁴¹¹

Essas modificações nas obras de Gilberto Freyre foram realizadas com os objetivos de manter a obra sempre atualizada e de defendê-la frente a seus críticos. Dessa forma, o autor procura estabelecer um diálogo profundo nas notas, de maneira que o texto principal não sofra

⁴⁰⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1950: 83

⁴¹⁰ (Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 28 de setembro de 1936. AJO/AMLB/FCRB, doc. 79/1386), apud FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo: USP, Departamento de História, Programa de pós-graduação em História Social, 2006: 130.

⁴¹¹ FREYRE, Gilberto. "Prefácio à segunda edição". In: *Sobrados & Mucambos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961: XXXII

mudanças significativas para uma alteração de sentidos, ideias ou concepções. Assim, é formado um novo texto a partir da narrativa já existente que contribui para uma discussão entre o autor e seus leitores, debates realizados com o fito principal de defender suas teses. Ou seja, mesmo quando Freyre utiliza o rodapé de *Casa Grande & Senzala* para esclarecer o uso da palavra “sistema” ao invés de “aparelho” digestivo – nota número 106 do capítulo primeiro –, ou mesmo afirmar que um crítico não fez uma leitura completa de sua obra – nota número 115 do mesmo capítulo –, ele está se utilizando daquele espaço para defender sua obra daqueles que levantaram questionamentos em relação às suas hipóteses.

Algumas considerações enviadas por leitores atentos e que Freyre considerou pertinente foram alteradas em edições posteriores, como é o caso da nota de número 106 citada acima. Nesta, o autor afirma ter recebido uma carta endereçada de São Paulo por um leitor que não nos é revelado o nome, o qual considera “‘asneira’ o emprego da expressão ‘sistema’ (ver edições anteriores), em vez de ‘aparelho’ digestivo”⁴¹². Neste sentido, Freyre concorda com o referido crítico e afirma ser “convencional dizer-se em português ‘aparelho digestivo’; e em face dessa convenção não hesitamos em substituir ‘sistema’ – expressão empregada nas edições anteriores – por ‘aparelho’”⁴¹³.

Entretanto, na nota de número 115, também mencionada acima, o resultado obtido por meio da crítica recebida por Joaquim Ribeiro é completamente diferente e, conta com a altivez de Freyre para uma resposta. Ribeiro escreve em seu artigo *Folclore do açúcar* que “aqui convém denunciar um erro de apreciação de Gilberto Freyre. Ele pinta a cozinha dos senhores de engenho como regalada e opulenta. A verdade porém é que é uma cozinha relativamente pobre”⁴¹⁴, e Freyre responde que obviamente “o distinto crítico não leu o que sobre o assunto e sobre as relações da alimentação com a monocultura se diz neste ensaio desde 1933.”⁴¹⁵ Neste sentido, Freyre deslegitima a afirmação de seu interlocutor e afirma que não “nega o autor do presente ensaio aqui ou em qualquer outro trabalho que tenha havido influência holandesa sobre a cozinha brasileira. Apenas tem salientado que dessa influência resta ou sobrevive muito pouco”⁴¹⁶.

Neste contexto, é possível reconhecer o papel fundamental que as notas de rodapé representam na constituição e consolidação da obra, uma vez que elas funcionam como

⁴¹² FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Editora Global. 2009:142 nota nº 105

⁴¹³ Idem

⁴¹⁴ Idem: 146 nota nº 115

⁴¹⁵ Idem

⁴¹⁶ Idem.

legitimadoras das próprias teses esboçadas no texto principal, de forma a oferecer autoridade ao autor que as utiliza. Este fato ocorre quando o autor procura afirmar sua teoria objetivando a consolidação destas, no caso de Freyre, alcançado por meio do diálogo travado com seus pares tanto nos pés de página quanto nos prefácios e outros artigos.

Além da atualização da bibliografia, Freyre usa as notas de rodapé para estabelecer um diálogo com alguns de seus críticos. Dessa forma, Freyre acrescentou no capítulo I – *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida* – cinco notas de rodapé; modificou trinta e quatro notas e, retirou somente uma nota de referência. Já no capítulo II – *O indígena na formação da família brasileira* – Freyre acrescentou quatro notas; modificou dezessete delas e, retirou duas notas.

No terceiro capítulo – *O colonizador português: antecedentes e predisposições* – foram acrescentadas seis rodapés; alterou quinze pés de página e, retirou também duas notas. É no capítulo IV, não obstante, que ocorre maior número de reparos, sendo o que aborda a vida sexual e familiar do negro – *O escravo na vida sexual e de família do brasileiro* –, Freyre acrescentou cinco notas; alterou sessenta pés de páginas, nesta seção não é retirado nenhum rodapé. E, por fim, no último capítulo – *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação)* – foram acrescentados treze rodapés; modificados vinte e uma notas, sendo que também não se retirou nenhum pé de página. Conforme as tabelas em anexo (ANEXO IV e ANEXO V).

Assim, frente a todo este contexto esboçado acima, percebemos a tentativa de Gilberto Freyre em defender sua obra, de garantir legitimidade às suas teses que foram questionadas por intelectuais, principalmente se tratando daqueles de nacionalidade também brasileira. Ao se ocupar das notas para realizar esse trabalho de defesa, Freyre nos demonstra o anseio de sua obra à um clássico da historiografia, uma vez que as alterações realizadas no corpo do texto principal foram mínimas. No decorrer do texto, as modificações realizadas nesse local da obra se deram por apenas algumas substituições de palavras, retiradas de outras ou até mesmo a mudança para a adequação à regra ortográfica vigente.

Alvitramos, portanto, a partir deste trabalho que se seguiu, inverter as ordens de atenção dada por parte do leitor a uma obra de historiografia, ou seja, procuramos nos atentar aos paratextos pouco analisados até então pelos estudiosos de Gilberto Freyre e *Casa Grande & Senzala*, objetivando uma nova abordagem da obra já tão debatida no meio acadêmico. Neste sentido, as notas de rodapé e também os prefácios nos ajudaram a compreender o

desejo de legitimação carregado por Freyre ao longo das reedições de sua obra. Para a realização dessa defesa/legitimação de *Casa Grande & Senzala* Freyre fez uso intenso do debate com seus pares, o que nos possibilitou a investigação profunda dos diálogos travados com os intelectuais brasileiros que também se preocupavam com a situação vigente no Brasil na década de 30.

Freyre procurou reforçar, principalmente, sua tese da formação da família patriarcal no Brasil, bem como suas consequências para o brasileiro de uma formação baseada nesse modelo de família formado por influência de três diferentes culturas: a portuguesa, a africana e a indígena, que fizeram do brasileiro um povo híbrido em seus costumes. Dessa forma, encerramos aqui com uma citação já feita ao longo do texto que se deu acerca da visão de Sérgio Buarque de Holanda sobre a "mania" de debate da parte de Gilberto Freyre: “Uma das virtudes de Gilberto Freyre e que contribuem para singular importância de seus ensaios, está em que convida insistentemente ao debate e provoca, não raro, divergência fecundas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista da importância de Gilberto Freyre para a compreensão da formação da família brasileira, especialmente no que tange a escrita e recepção de sua *magna opus*, *Casa Grande & Senzala*, é que se pretendeu a escrita da presente dissertação. Levando em consideração a pouca abordagem dada aos paratextos das obras brasileiras é que pensamos em analisar e centrar nossas preocupações nestes textos tão significativos para qualquer obra, mas que não são comumente encarados com tal importância. Assim como os textos principais, é de fundamental importância que os leitores se atentem ao que está envolto este texto: a capa do livro, o prefácio, as notas de pé de página, são elementos que ajudam a compor a obra como um todo, deixando claro aos leitores "a que veio" o autor.

No caso da obra e autor trabalhados por nós, os prefácios e notas de rodapés puderam nos revelar o constante desejo de Gilberto Freyre em legitimar *Casa Grande & Senzala*, buscando, portanto, uma defesa contínua de suas ideias ali esboçadas. Não seria por menos que tantos prefácios – seis novos até a décima edição em 1963 – e tantas notas de pés de página – novecentos e vinte e cinco, contanto com os acréscimos – pudessem despertar o interesse em alguma pesquisa que realizasse uma tentativa de análise dos conteúdos e discussões ali apresentados. A gama de conhecimentos e debates expostos nessas "marginalizadas" páginas paratextuais nos enriqueceram de informações importantíssimas para o melhor entendimento da obra como um todo. Ou seja, sem a leitura atenta desses paratextos – prefácios e notas de rodapés – um devido mapa as defesas de Gilberto Freyre sobre as críticas recebidas acerca de *Casa Grande & Senzala* teria ficado demasiado frágil, face ao que acreditamos ter podido fazer a partir de tais elementos no presente trabalho.

"A obra não conclui", "*Casa Grande & Senzala* apresentou linguagem chula", "*Casa Grande & Senzala* com riqueza de erros editoriais", "Gilberto Freyre generaliza o sistema por ele analisado para todo o Brasil, partindo da análise nordestina", dentro outros aspectos que demonstramos ao longo desta dissertação, foram possíveis de serem mapeados a partir dos estudos minuciosos dos prefácios e notas de pés de página da obra freyriana. Gilberto Freyre poderia simplesmente ter descartado todas as críticas, ou apenas respondido em artigo solto em meio a publicações em editoriais, ou mesmo ter ignorado as críticas e partido para outras escritas. No entanto, o que podemos perceber foi a constante alteração de paratextos de *Casa*

Grande & Senzala, o que nos leva a acreditar em uma constante defesa e consolidação da mesma, em um intuito de permanência de si no rol dos clássicos da *intelligentsia* brasileira.

Gilberto Freyre percorreu um rápido, porém intenso, caminho para sua construção intelectual, o qual proporcionou que ele discorresse a respeito da formação da sociedade brasileira com novos olhares e adotando diversos aspectos e áreas diferenciadas do conhecimento. Não era de se esperar reação diferente do público da primeira metade do século XX senão o alvoroço de comentários sobre a obra. Acostumados com tipo diferente de escrita e análise, a publicação de um livro como *Casa Grande & Senzala* pôde "sacudir" as concepções de escrita da época, assim como destacamos no primeiro capítulo desta dissertação. Contudo, Gilberto Freyre foi alvo de todo tipo de crítica, como lembramos acima, e, não satisfeito com a repercussão tomada, seguiu em frente com as modificações e tentativas de defesas realizadas nos paratextos da própria obra.

Ao que nos parece, Gilberto Freyre reconhecia bem os objetivos de sua escrita e, por vezes, assumia a existência de erros e equívocos, como bem expressou no prefácio à segunda edição, que já salientamos nesta dissertação. De acordo com ele: "O Autor não desconhece, neste ensaio, defeitos de construção, que vários críticos já salientaram. Alguns desses defeitos, animou-se a procurar corrigir"⁴¹⁷. Além disso, Freyre demonstrava domínio pela própria definição do que *Casa Grande & Senzala* representava, bem como a multiplicidade de olhares pelos quais o autor fazia questão de enfatizar existir em sua metodologia:

Daí ser *Casa Grande & Senzala* um livro múltiplo em suas perspectivas; contraditório, até, no seu perspectivismo; passível de acusação de negrófilo. Mas realizado de modo a tais diferenças de perspectivas e tais contradições de perspectivas por vezes se complementarem, como corretivo, de alguma maneira, ao que pudesse ser apenas senhoril ou pretender conservar-se monolítico na personalidade do autor; a qual se desdobra em torno de certos assuntos a ponto de o autor ser antes um conjunto meio pirandeliano de autores que um autor único, tal a empatia através da qual procura aperceber-se da mesma realidade contornando-a e considerando-a de diferentes pontos-de-vista. Diferentes e complementares: o do homem, o do adulto, o do branco mas também o do menino, o da mulher, o do indígena, o do negro, o do efeminado, o do escravo. Pontos-de-vista, alguns destes, talvez nunca dantes admitidos a uma interpretação, ao mesmo tempo em profundidade e em conjunto, da experiência brasileira.⁴¹⁸

⁴¹⁷ colocar referência da segunda edição.

⁴¹⁸ FREYRE, Gilberto. Como e porque escrevi *Casa Grande & Senzala*. In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002. Pp. 701- 721: 702-703

Neste sentido, podemos perceber a abrangência de Freyre na escrita de *Casa Grande & Senzala*, fator este que também influenciou na gama de críticas recebidas por ele, já que o próprio autor considerou este múltiplo perspectivismo da obra como sendo o fator mais significativo da mesma. No entanto, o próprio autor destacou o aspecto como sendo o principal provocador de uma das críticas recebidas, a qual seria a de repetição constante dos assuntos e problemas tratados ao longo da obra. De acordo com ele "Dentre o que possa ser destacado como novo ou inovador no livro *Casa Grande & Senzala* talvez nenhum traço se apresente mais significativo do que este [...]: o seu múltiplo e por vezes simultâneo perspectivismo"⁴¹⁹, porém, ao mesmo tempo que seria um destaque importante para a obra, foi também "responsável por um dos defeitos de composição mais apontados em *Casa Grande & Senzala*, livro, ao parecer, de resto, muito mal composto: as suas repetições"⁴²⁰

Ao apresentar estas justificativas, como a expressa acima – já que, sob o olhar de Freyre o objetivo das múltiplas perspectivas justificaria o fator das repetições, pois, para realizar a análise da formação da sociedade teria sido necessário adotar várias perspectivas, o que geraria com facilidade a repetição constante de assuntos, uma vez que sempre estariam ligados uns aos outros – Gilberto Freyre reforçava suas metodologias e reafirmava sua obra enquanto elemento importante para o estudo da história do país.

Frente a todo este contexto de modificações apresentado e discutido ao longo da presente dissertação, percebemos a notoriedade da necessidade adotada pelo autor em justificar-se perante seus críticos. Portanto, estes fatores nos levaram à prerrogativa de que Gilberto Freyre teria se preocupado em realizar tantas mudanças e se defender constantemente perante seus críticos, devido ao objetivo claro de legitimar e consolidar *Casa Grande & Senzala*. Objetivo este, a nosso ver, alcançado, já que mesmo após quase oitenta anos de publicação da primeira edição do livro, é possível perceber as constantes discussões e trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre os assuntos abordados em *Casa Grande & Senzala*.

⁴¹⁹ Idem: 703

⁴²⁰ Idem. Tal crítica foi bem destacada por Agripino Grieco ao escrever que "o afluxo de temas pode, uma vez ou outra, conduzir o autor a certa desconexão ou confusão de perspectivas, mas o caso é que o homem de letras, o artista, está sempre vigilante no decorrer da obra" (GRIECO, Agripino. "Obra vigorosa de ciência e arte". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985: 66)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. "Cultura Popular: um conceito e várias histórias" In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo

ALBURQUEQUE, Roberto Cavalcanti de. **Gilberto Freyre e a Invenção do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000

AMADO, Jorge. **Casa Grande & Senzala e a revolução cultural**. In: AMADO, Gilberto ET AL. *Gilberto Freyre – sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de “Casa Grande & Senzala” e sua Influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 576p., 1962

ANDERSON, Bruce. **The Decline and fall of footnotes**. Magazine Stanford, 1997. Disponível no [sítio eletrônico: http://www.stanfordalumni.org/news/magazine/1997/janfeb/articles/footnotes.html#back5](http://www.stanfordalumni.org/news/magazine/1997/janfeb/articles/footnotes.html#back5). Acessado no dia 13/07/ 2011.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. "O mais Intensamente brasileiro dos nossos escritores". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994

ARAÚJO, Valdeci Lopes de. **A época das revoluções no contexto do tacitismo: notas sobre a primeira tradução portuguesa dos Anais**. In: Revista Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 36, n. 2, p. 343=365, jul./dez. 2010

BARRETO, Plínio. "Um dos ensaios mais sólidos e Interessantes de sociologia brasileira". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

BLOCH, Marc. "Crítica histórica e crítica do testemunho". In: **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

BOTELHO, André. **Passado e futuro das Interpretações do país**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 1 pp. 47-66. 2010

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana entre Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2005

CANDIDO, Antônio. O significado de "Raízes do Brasil". In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

CARNEIRO, J. Fernando. "Comentários à margem de um grande livro". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

CARNEIRO, Saul Borges. "A ciência nova criada por Casa Grande & Senzala". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego. Recife, 12 de agosto de 1938. AJO/AMLB/FCRB, doc. 76/1628) *apud* FRANZINI, Fábio. Op.cit., 2006

Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 28 de setembro de 1936. AJO/AMLB/FCRB, doc. 79/1386), *apud* FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)**. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo: USP, Departamento de História, Programa de pós-graduação em História Social, 2006

CORRÊA, Roberto Alvim. "O Proust da sociologia". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

COUTINHO, Ruy. "O problema da nutrição no livro de Gilberto Freyre". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

DANTAS, Pedro. "Obra que revela perfeita Intuição do fenômeno brasileiro". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

DERRIDA, Jacques. **La Dissémination**, Éd. du Seuil, 1972, p. 23. Cf. J-M Schaeffer, "Note sur la préface philosophique", *Poétique* 69, fev. de 1987) *apud* GENETTE, Gérard

DIMAS, Antônio. "Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002

DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. **Reinventar o Brasil – Gilberto Freyre entre história e ficção**. São Paulo: Edusp, 2007

Edgar Roquette-Pinto, "Casa Grande & Senzala" (Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, ano 3, nº5 de fevereiro de 1934). In: FONSECA, Edson Nery (org.), **Casa Grande & Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985

FARIA, Daniel. **O mito modernista**. Uberlândia: EDUFU, 2006

FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985

FONSECA, Edson Nery da. **Gilberto Freyre de A a Z: Referências essenciais à sua vida e obra**. Rio de Janeiro: Zé Maria Editor, 2002

FOREST, Philippe. (Org.). **L'Art de la Préface**. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2006. Resenha de: CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. O prefácio dos Livros. *Floema* - Ano II, n. 4, p. 161-168, jul./dez. 2006

FRANCO, Afonso Arinos de Melo Franco. "Uma obra rabelaisiana". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. "Casa Grande & senzala". In: **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985

FRANZINI, Fabio. A década de 1930, entre a memória e a história da historiografia brasileira. In: GONÇALVES, Márcio de Almeida; GONTIJO, Rebeca; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; NEVES, Lucia Maria Bastos das. **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011, p. 286-277

FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)**. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo: USP, Departamento de História, Programa de pós-graduação em História Social, 2006

FREYRE, Gilberto Freyre. **Casa Grande & Senzala**. 51ª ed. rev. São Paulo: Global, 2006

FREYRE, Gilberto. "Como e porque escrevi *Casa-Grande & Senzala*". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002

FREYRE, Gilberto. "Documentos brasileiros". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936

FREYRE, Gilberto. "Pontos em acerto II". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

FREYRE, Gilberto. "Prefácio à décima primeira edição". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002

FREYRE, Gilberto. "Prefácio à décima terceira edição". In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002

FREYRE, Gilberto. "Prefácio à quinta edição". In: **Casa Grande & Senzala**. DF: Universidade de Brasília, 1963

FREYRE, Gilberto. "Prefácio à segunda edição". In: **Sobrados & Mucambos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961

- FREYRE, Gilberto. "Quase um prefácio à terceira edição". In: **Casa Grande & Senzala**. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1943
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. DF: Universidade de Brasília, 1963
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Schimidt, 2ª ed, 1936
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1943
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. RJ: Editora Maia & Schmidt, 1933
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Editora Global. 2009
- FREYRE, Gilberto. Prefácio à nona edição. In: **Casa Grande & Senzala**. 12ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963
- FREYRE, Gilberto. Prefácio à quinta edição. In: **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora: 1950
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados & Mucambos**. São Paulo: Editora Global.
- FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930**. São Paulo: Global; Recife, PE.: Fundação Gilberto Freyre, 2006
- FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista de 1926**. Recife: Região, 1952. Não foi possível identificar a página, uma vez que o artigo foi consultado pela biblioteca virtual da Fundação Gilberto Freyre. (Acesso: <http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/manifesto.htm>)
- FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª Edição. In: **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2006
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1998
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009
- GILBERTO Freyre: um menino aos 83 anos. **Santista**. São Paulo, v. 1, n. 2, nov. 1983, p. 16-18
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 2006
- GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: MartIns Fontes, 1999
- GRAFTON, Anthony. **As origens trágicas da erudição** – pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Ed. Papiros, Campinas, 1998

GRAFTON, Anthony. **The footnote from de Thou to Ranke. History and Theory**, Vol. 33, No. 4, Theme Issue 33: Proof and Persuasion In History (Dec., 1994)

GRIECO, AgripIno. "Obra vigorosa de ciência e arte". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande& Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

GRIECO, AgripIno. "Obra vigorosa de ciência e arte". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1985, 61- 78

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A propósito de Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A propósito de Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Panlusismo". In: HOLANDA. **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995

HOLANDA. Sérgio Buarque de. "Ainda Ingleses no Brasil". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979

HOLANDA. Sérgio Buarque de. "Sociedade Patriarcal". In: HOLANDA. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979

HUGO, Victor. **Les Contemplations**, 1856) *apud* GENETTE, Gérard.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)**. São Paulo: Editora brasiliense, 1994

LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. "*Casa-Grande&Senzala*: os materiais da imaginação histórica" In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; e FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre: Edição crítica**. São Paulo: ALLCA XX, 2002

LEENHARDT, Jacques. "Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre" In: DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. **ReInventar o Brasil – Gilberto Freyre entre história e ficção**. São Paulo: Edusp, 2007. Pp. 145-155

MADEIRA, Angélica e VELOSO, Mariza. **Gilberto Freyre: uma leitura crítica**. In: Leituras Brasileiras: ItInerários no Pensamento e na Literatura. Ed. Paz e terra. pp. 135-161, s/d: 149

MARROQUIM, Mário. "Vida literária brasileira antes e depois de Casa Grande & Senzala". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

MATTA, Carmen da. "Nota filológica sobre o estabelecimento de texto". In: FONSECA, Edson Nery da; GIUCCI, Guillermo & LARRETA, Enrique Rodríguez (org.). **Casa Grande & Senzala: Edição Crítica**. Coleção Archivos, 2002, pp. XXIX – XXXIV

MELLO, José Antônio Gonsalves de. "Ele viu o Brasil nu". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

MEUCCI, Simone. **Gilberto Freyre e a Sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico**. In: Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2006

MONTEIRO, Olívio. "História feita poeticamente". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história: a viagem, a memória e o ensaio. Sobre Casa Grade & Senzala e a representação do passado**. (Tese de doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008

ODALIA, Nilo. **Gilberto Freyre – uma Interpretação etno-cultural do Brasil**. São Paulo: Especiente, 2001

PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: Um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005

PORTELLA, Eduardo. "**O ensaio**". Conferência pronunciada na Academia Brasileira de Letras em 10/10/2010. Disponível no sítio eletrônico: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?Infoid=4268&sid=531>

REGO, José Lins do Rego. "Um Nietzsche falando sobre negros, índios e portugueses" In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

REGO, José Lins do. "O próximo livro de Gilberto Freyre". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

REIS, V. de Miranda. "título ilegível" In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

RIBEIRO, João. "Poderosa poesia e profunda metafísica de uma obra metapolítica". In: FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande&Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco. 1985

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. "O que se diz no princípio": uma leitura dos prefácios. In: DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006

VICENTE, Silvana Moreli. **Entre o Inferno e o Paraíso: O Ensaio de Gilberto Freyre**. Revista Estudos Linguísticos XXXIV, p. 680-685, 2005

WEBER, Max. "Essais sur la théorie de la science". Tradução do alemão para o francês e Introdução de Julien Freund. Paris: Plon, 1965. Apud: PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

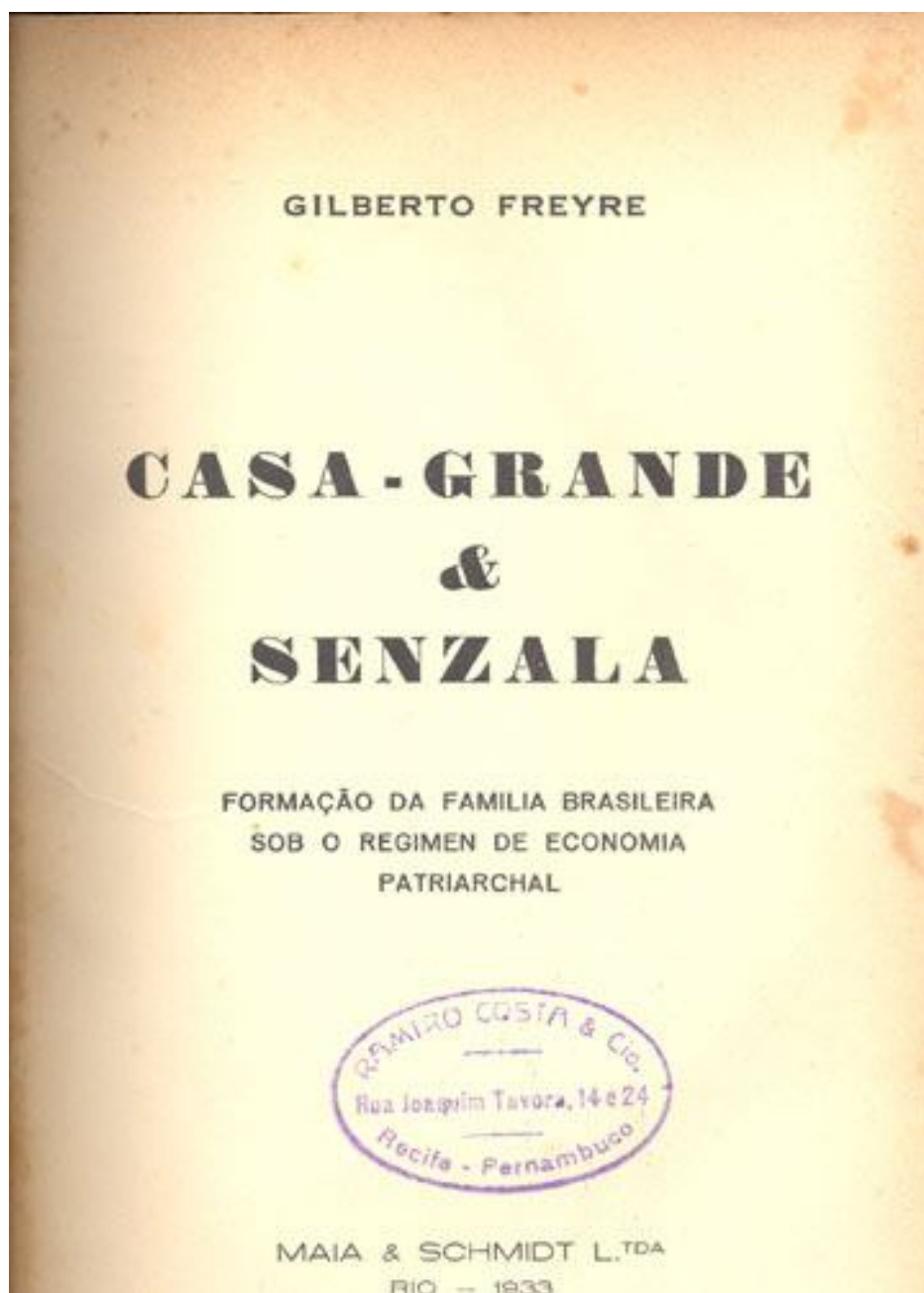
WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. 4ª ed. Brasília: ed. Da UnB. 2009

WHITE, Hayden. **Meta-História: A imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: Edusp, 2008

WHITE, Hayden. **Teoria literária e escrita da história**. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991

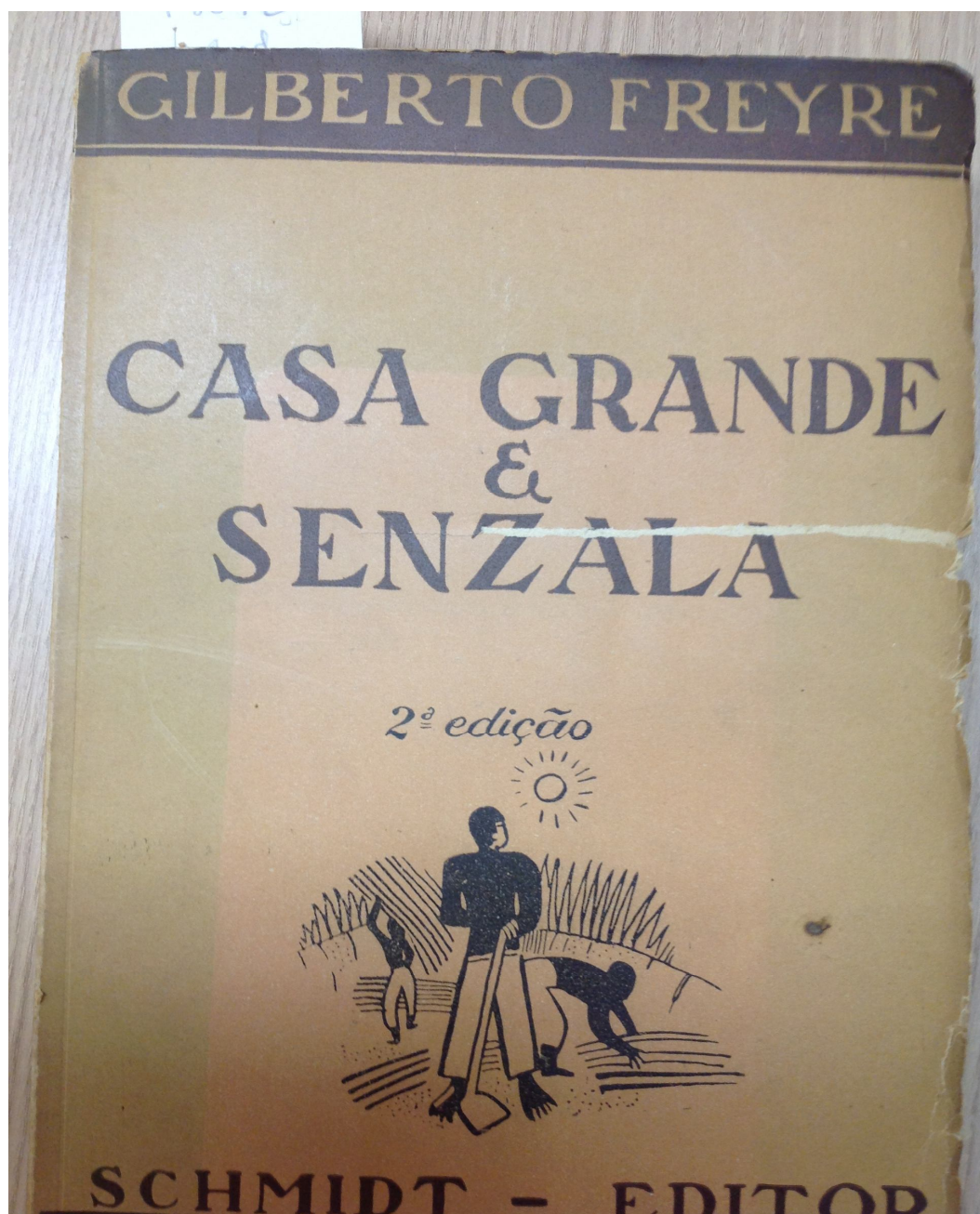
ZERBY, Chuck. **The Devil's Details: A history of footnote**. Invisible Cities Press, 2001

Anexo I



Legenda: Capa da primeira edição de *Casa-grande & Senzala* publicada em 1933 pela Editora Schmidt.

Anexo II



Legenda: Capa da segunda edição de *Casa-grande & senzala* publicada em 1936 pela Editora Schmidt.

Anexo III



Legenda: A quarta edição de *Casa-grande & senzala* publicada em 1943, foi a primeira a ser editada pela Livraria José Olympio Editora, ganhando seu símbolo, uma palmeira, e entrando para a "Coleção Documentos Brasileiros".

Anexo IV

Tabela 1: Notas acrescentadas					
Cap.I	Cap.II	Cap.III	Cap.IV	Cap.V	
27	3	10	9	14	
106	22	55	43	25	
137	58	139	169	27	
161	120	140	183	51	
178	-	141	211	69	
-	-	148	-	83	
-	-	-	-	84	
-	-	-	-	102	
-	-	-	-	103	
-	-	-	-	104	
-	-	-	-	129	
-	-	-	-	137	
TOTAL	5	4	6	5	12

Legenda: Foram descritos os números das notas acrescentadas, tendo como base a sexta edição de *Casa-grande & senzala* (referência), abaixo, o total de notas modificadas em cada capítulo.

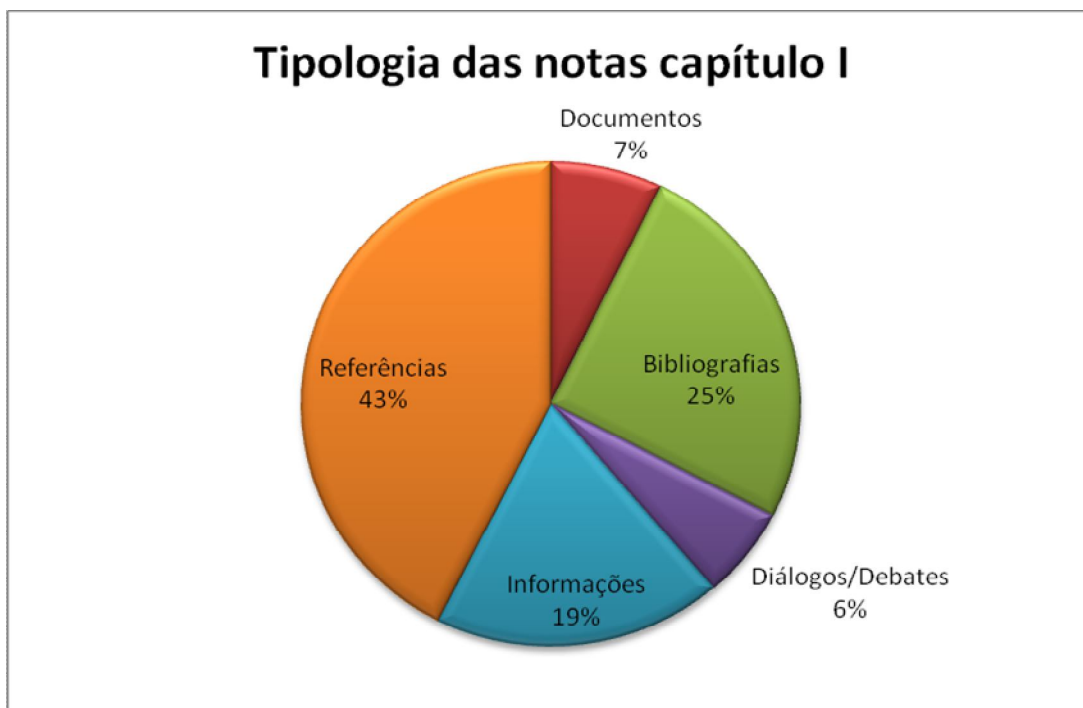
Anexo V

Tabela 2: Notas modificadas/alteradas					
Cap.I	Cap.II	Cap.III	Cap.IV	Cap.V	
12	1	6	4	4	
13	12	18	7	22	
14	15	21	10	44	
16	20	78	15	47	
17	23	80	20	48	
18	34	85	23	53	
29	44	88	24	57	
32	57	109	25	68	
33	75	117	26	85	
35	98	123	35	86	
36	119	128	39	91	
40	123	134	42	100	
55	133	136	43	101	
56	159	137	46	106	
57	185	138	47	112	
74	210	-	50	113	
77	217	-	51	116	
78	-	-	53	117	
79	-	-	60	123	
87	-	-	63	128	
89	-	-	65	134	
96	-	-	70	-	
101	-	-	73	-	
102	-	-	76	-	
109	-	-	77	-	
113	-	-	79	-	
115	-	-	82	-	
131	-	-	86	-	
134	-	-	89	-	
139	-	-	95	-	
141	-	-	107	-	
142	-	-	112	-	
170	-	-	117	-	
179	-	-	121	-	
-	-	-	124	-	
-	-	-	125	-	
-	-	-	127	-	
-	-	-	128	-	
-	-	-	134	-	
-	-	-	138	-	
-	-	-	139	-	
-	-	-	153	-	
-	-	-	155	-	
-	-	-	156	-	
-	-	-	167	-	
-	-	-	175	-	
-	-	-	177	-	
-	-	-	182	-	
-	-	-	193	-	
-	-	-	194	-	
-	-	-	201	-	
-	-	-	202	-	
-	-	-	205	-	
-	-	-	206	-	
-	-	-	214	-	
-	-	-	216	-	
-	-	-	218	-	
-	-	-	230	-	
-	-	-	231	-	
-	-	-	233	-	
TOTAL	34	17	15	60	21

Legenda: Foram descritos os números das notas acrescentadas, tendo como base a sexta edição de *Casa-grande & senzala* (referência), abaixo, o total de notas modificadas em cada capítulo.

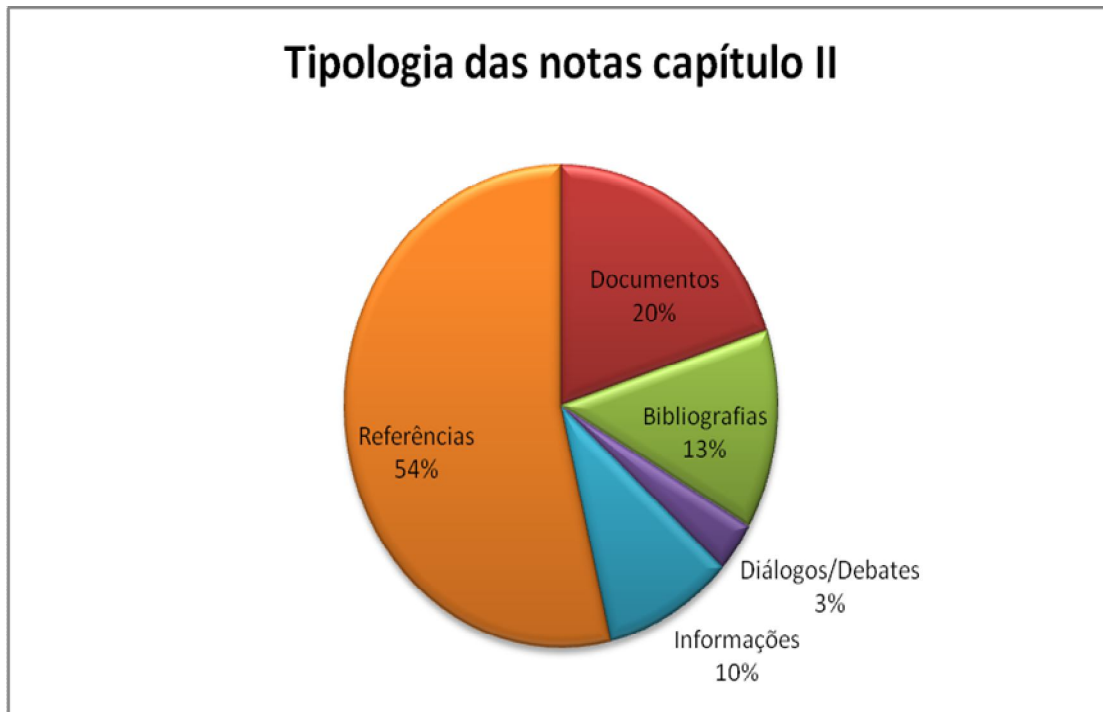
Anexo VI

Tipologia das notas capítulo I					
Causos	Documentos	Bibliografias	Diálogos/Debates	Informações	Referências
	19	66	16	49	111



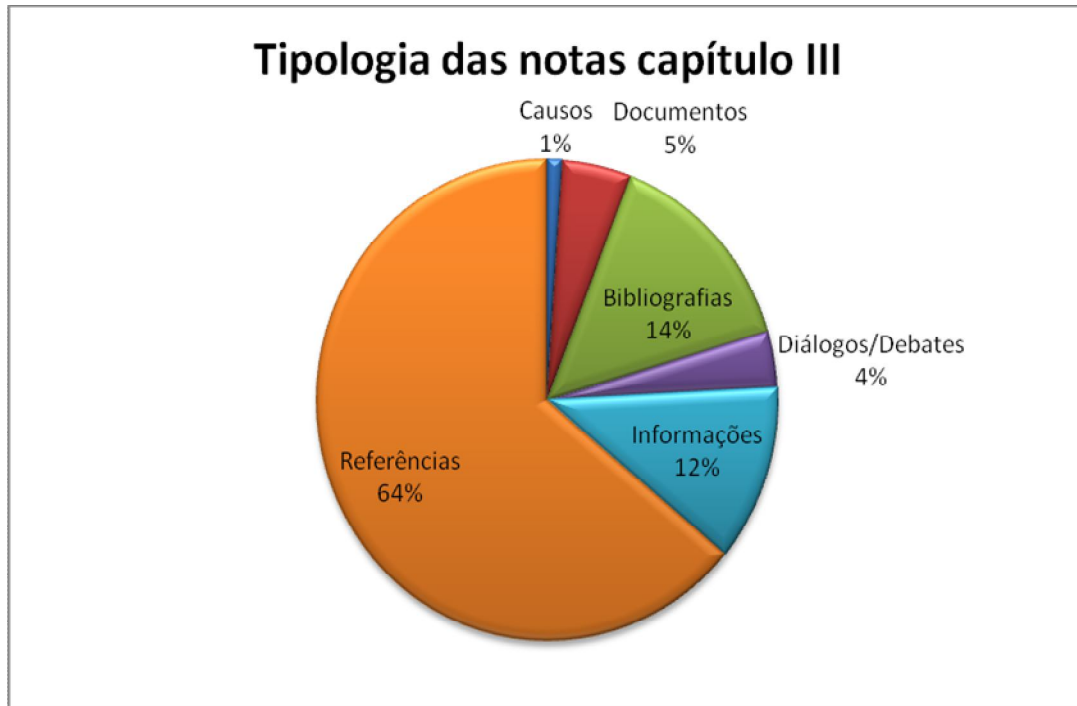
Anexo VII

Tipologia das notas capítulo II					
Causos	Documentos	Bibliografias	Diálogos/Debates	Informações	Referências
	54	36	9	26	145



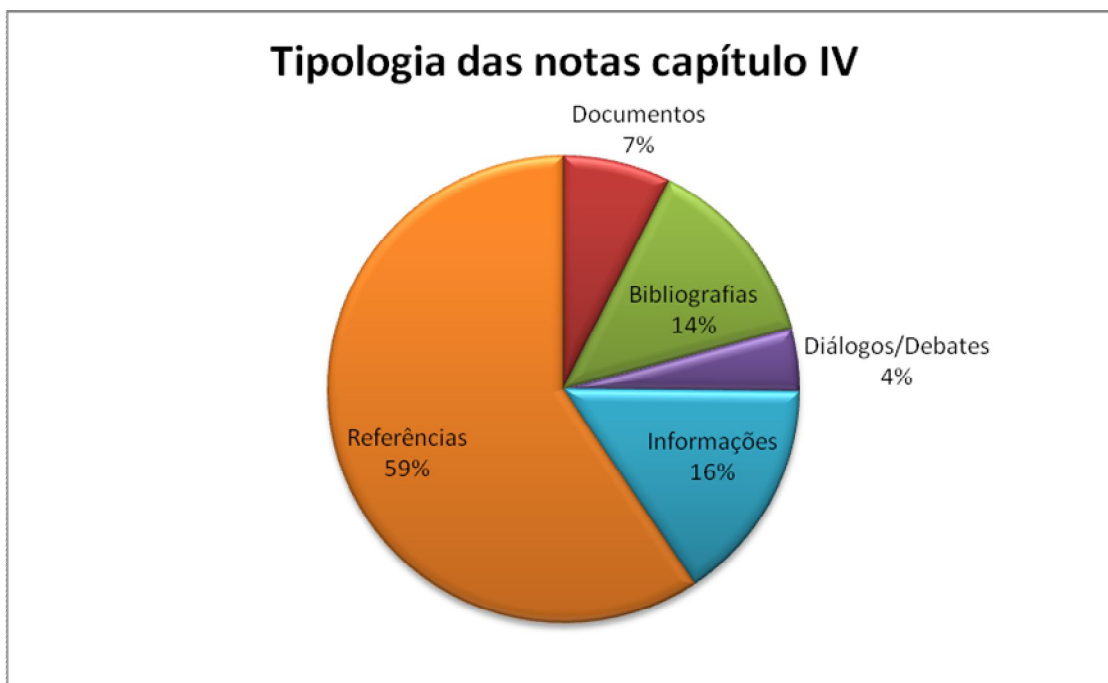
Anexo VIII

Tipologia das notas capítulo III					
Causos	Documentos	Bibliografias	Diálogos/Debates	Informações	Referências
2	9	27	7	22	119



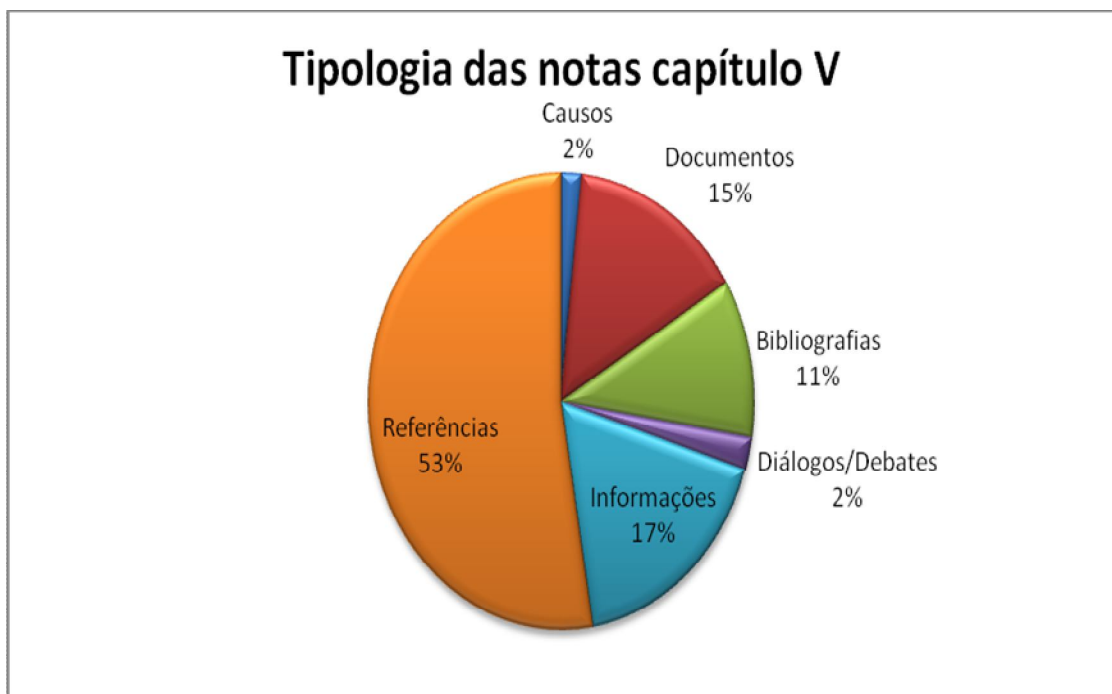
Anexo IX

Tipologia das notas capítulo IV					
Causos	Documentos	Bibliografias	Diálogos/Debates	Informações	Referências
	22	40	13	46	177



Anexo X

Tipologia das notas capítulo V					
Causos	Documentos	Bibliografias	Diálogos/Debates	Informações	Referências
3	25	19	4	30	90



Anexo XI

Tipologia das notas geral/total					
Causos	Documentos	Bibliografias	Diálogos/Debates	Informações	Referências
5	104	169	45	143	552

